

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PPGL – MESTRADO EM LETRAS

NAYARA GIRELLI

**CARTAS, EFEMERIDADES E OUTRAS INTIMIDADES: (RE) INVENÇÃO DE
SI E DO OUTRO NA INSTALAÇÃO**
“CARTAS EM TRÂNSITO”

VITÓRIA

2016

NAYARA GIRELLI

**CARTAS, EFEMERIDADES E OUTRAS INTIMIDADES: (RE)
INVENÇÃO DE SI E DO OUTRO NA INSTALAÇÃO
“CARTAS EM TRÂNSITO”**

Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito para obtenção do título de Mestre ao
Programa de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientador: Prof^o Dr^o Luis Eustáquio

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de catalogação na publicação (CIP)

(Centro de Documentação do Programa de Pós-Graduação em Letras,

Da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Girelli, Nayara, 1985-

Cartas, Efemeridades e Outras Intimidades: (re)invenção de si e do outro na instalação
“Outras Vidas”/ Nayara Girelli, 2016.

Orientador: Luis Eustáquio Soares

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências
Humanas e Naturais.

1.

**Cartas, efemeridades e outras intimidades:
(re)invenção de si e do outro na instalação
“Cartas em Trânsito”**

Nayara Girelli

Dissertação de Mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal do Espírito Santo.

Aprovada em: ____/____/_____.

Professor Doutor Luis Eustáquio Soares
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Professor Doutor Jorge Luiz do Nascimento
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Titular

Professora Doutora Fabiana Curto Feitosa
Prefeitura Municipal de Vitória
Membro Titular

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Janeiro de 2016

Ao comparsa e (des)orientador

Luis Eustáquio Soares

Aos amigos Pris, Adry, Alex, Igor, Mila, Jor Valdez, Álvaro Piffaut, Renata Piona, Isa Pegado, Mari Ferreira, Gu Poloni, Seba Arlegui, Killy, Maxi Bonacquisti, Fiorella, Jeanette Ortiz, Mauricio Stand, Luquinhas, Lázaro.

A Fapes, pelo financiamento

AGRADECIMENTOS

À Pris,

Pelos “nós” que atam.

Ao Luis Eustáquio,

Pelo horizonte de seus malabarismos estelares, as (des)orientações e a fidelidade.

Ao Maxi Bonacquisti,

Por me ensinar que o agora tem mais importância que o amanhã. No hoje está todo o tempo e compreender isso é estar livre. Ser é sempre no presente.

Ao Mauricio Stand,

Por me fazer atravessar as Cordilheiras dos Andes, despertar o gosto pelas cervejas artesanais, jazz e “facturas”. Por ser um irmão que a estrada me deu.

Ao Gabriel Gubert,

Por cantar alto comigo Perotá Chingó, insistir em Freek Show, fazer brownies pelas madrugadas, garrafas de vinho no balcão de um hostel qualquer e tequila.

Ao Álvaro Piffaut,

Pela companhia nas madrugadas de produção. Acho que chegou a hora daquele vinho!

Ao Adryelisson,

Indubitavelmente meu irmão, me ensinou que sempre é possível reconstruir. Tenho muito amor por você e sigamos com tantas mais aventuras.

“É sempre mais difícil

Ancorar um navio no espaço”

Ana Cristina Cesar

RESUMO

O mundo que partilhamos não é baseado na igualdade, vivemos em civilizações oligárquicas que a sequestram. No entanto, estamos presenciando rupturas em todo o sistema que o mundo vem sendo operado e para tal, arrancar as pessoas do embrutecimento e emancipá-las ao criar rotas de fugas para escapar da captura da sociedade de controle. A instalação “Cartas em Trânsito”, além da resistência de um gênero, evoca os transeuntes de uma rodoviária para a escrita de cartas a partir da relação entre literatura e igualdade proposta por Jacques Rancière. Discuti a importância de espaços cuja a experimentação esteja ao alcance de qualquer um, no caso da instalação, através do exercício de escrever e reescrever cartas."

Palavras-chave: Literatura, emancipação, igualdade, cartas, instalação.

ABSTRACT

The world we share is not based in equality, we live in oligarchic civilizations that kidnap it. However, we can notice breaks all over the system the world has been working and for that, take people out from the brutalization and emancipate them to create escape routes so they can run away from the capture of the society control. The setting-up "Letters in Traffic", beside the resistance of a line, evoke the passers of a bus station to write letters from the relation between the literature and the equality proposed by Jacques Rancière. I've been discussing the importance of places which the experimentation will be to everyone, in the case of the setting-up, through the exercise of writing and re-writing the love letter.

Keyword: Literature, emancipation, equality, letters, installation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. CARTA AO LEITOR	04
3. A CARTA DO AMOR EM TRÂNSITO	
3.1. Literatura e emancipação	10
3.2. O mestre e seu lugar na emancipação	21
4. CORRESPONDÊNCIAS E ARQUEOLOGIAS DO AMANHÃ	
4.1. Escrevendo para ninguém	23
4.2. Literatura e a carta sem origem e sem destino	28
5. TODA CARTA É UMA CARTA DE AMOR	
5.1. Por uma carta menor	35
5.2. Por um universalimos poético sem remetente	40
5.3. Da imagem intolerável à carta de amor	46
6. INSTALAÇÃO “CARTAS EM TRÂNSITO”	
6.1. A coisa de cada lugar	51
7. CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXOS	71

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de um espírito desobediente, desorientado e por isso tão singular. Assumir a primeira pessoa em um texto que defende a resistência das cartas, mais que lógico, me pareceu a única possibilidade dela ser escrita. Ao longo dos capítulos a insegurança da primeira pessoa me assombrou e instintivamente invoquei a terceira pessoa, prova de quão arraigada a busca do múltiplo para escapar do julgamento do outro. Queria que meio a esse caos contemporâneo, você me escutasse em bom tom e soubesse reconhecer minha voz, embora arriscado que confunda a tentativa de me posicionar para me fazer ouvir com a prepotência de um “eu”. Escrever um texto tão longo foi um desafio, facilmente você nota as nuances de tons que se fazem escutar através das construções sintáticas, ora pelo diálogo com os teóricos, pelas transformações que foram acontecendo paralelas a construção dessa narrativa, ora porque o diálogo assim pedia. Desenvolver uma dissertação não é parar uma vida para pesquisar e sim conjugar ambos ao mesmo modo e independente dos tempos porque a vida não para nunca. Você ainda tem problemas, felicidade, ressacas, idas ao cinema, términos de relacionamento, casa para limpar e vida pra viver.

Meu processo de escolha e de criação sempre foi inconstante, sofrido e lento. Não consegui fazer diferente desta vez, demorei algum tempo para escolher a teoria, entender que alguns autores que escolhi conflitavam com outros também elegidos, tomar a decisão de quem fica e quem sai e escrever. No entanto, o texto só foi se materializando quando encontrei uma forma de escrever que não me violentasse e isso exigia coragem e competência, sabia eu. Coragem para enfrentar o formalismo da Academia e sua dificuldade de aceitar o que rompe com suas verdades e com sua concepção estreita de ciência. Competência para dizer aquilo que acredito, da forma que acredito, e, ao mesmo tempo, fazê-lo revelando o domínio dos conhecimentos que a universidade valoriza, já que o texto e o título precisa das bênçãos de uma banca de doutores.

Com Michel Foucault e seu estudo sobre os três modelos de sociedade que a humanidade vivenciou e tem vivenciado – soberana, disciplinar e controle – somado a teoria do meu orientador, Luis Eustáquio Soares: a sociedade do controle integrado que engloba todas as outras três e por isso tão mais poderosa, pude entender que meu receio de romper com a linguagem acadêmica passava por esse vigiar e punir a quem destoa de um discurso imposto, feito para prever e controlar o incontrolável: a vida. Assim, esses dois autores foram imprescindíveis para me respaldar dentro da Academia das decisões teóricas que percorri e que refletem diretamente no texto e na vida.

Dentro da Academia, só temos legitimidade para fazer algo se alguém reconhecido o tenha feito antes, assim encontrar Regina Leite Garcia e sua tese “Cartas Londrinhas” foi fundamental para me respaldar e ao transcendendo da “fórmula” ao “delírio”, foi feita a dissertação não por não saber “as normas” e sim por uma escolha política e teórica. Nela encontrei o que já havia decidido: o texto não seria apenas o cumprimento de um ritual para obter um título, embora ele seja importante para a vida profissional que segue. Ele seria, antes de tudo, um canal de socialização de minhas experiências e reflexões, vividas sempre com paixão. E pouco a pouco, outras cartas que surgiram como as da escritora Ana Cristina Cesar, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Dom Quixote entre tantas outras, só reforçaram o que já entendia como necessário: prevalecer em uma leve escrita afetiva contra o peso da ortodoxia.

Em seguida analiso a literatura em si para discutir se o que está sendo produzido na instalação é literatura. Começo por Antonio Candido (1976) e a análise do seus apontamentos sobre o diálogo entre sociedade e literatura, nele dissecou o seu papel humanizador em diálogo com a sociologia. Com Compagnon, *linkei* o livro *O Demônio da Literatura* (2003) tendo como ponto de partida suas problematizações sobre literatura: a *literariedade* de um texto que garantirá que certa obra seja uma obra literária, entendendo por *literariedade* tudo o que provoca estranhamento e renova as formas automáticas de sua percepção.

Esses são os discursos que transito em meu texto utilizando como conector o filósofo Jacques Rancière, através dele proponho um diálogo das teorias apresentadas acima com a do autor, essas contidas nos textos *A Partilha do Sensível*, *O Ódio à Democracia*, *O Mestre Ignorante*, *Inconsciente Estético* e *O Espectador Emancipado* por considerar fundamental essa sequência de pensamentos que traz à um mesmo horizonte toda a produção existente privilegiando toda e qualquer inteligência, reconhecendo pontos de partida diferentes e somente assim ter uma emancipação do sujeito verdadeira. Invoco também Boaventura Souza Santos (2011) para dar suporte no entendimento de emancipação do sujeito, esse imprescindível para uma sociedade mais igualitária. Também dialogo estreitamente com Félix Guattari e Gilles Deleuze (2014) para entender a necessidade de uma forte desterritorialização da língua materna para sair das margens as línguas ditas menores que circulam e que reverberam em literaturas menores.

Por acreditar que o isolamento do conhecimento por disciplinas não consegue dar conta da complexidade da vida contemporânea, ressaltando que a sociedade que faz das informações a sua fonte fundamental, muda as estruturas constitutivas da experiência. Modifica-se, conseqüentemente, as representações simbólicas elaboradas pelos sujeitos que vivem nesse contexto, coexistindo o espaço da arte e o espaço da vida. Assim para discutir o espaço em que as cartas serão confeccionadas faço uso de dois aportes teórico para ajudar a pensar essas questões, começando por Merleau-Ponty em *Fenomenologia da percepção* (1999) e sua discussão sobre o papel da instalação, provocar o espectador a ponto de não lembrar de suas memórias e sim (re)vivelas. É a artista Tedesco (1996) que nos apoiaremos para entender as possibilidades de uma instalação.

Portanto, vamos juntos percorrer por essa carta-dissertação, essa que poderia ter sido feita de tantas outras maneiras, essa que suas possibilidades são infinitas, mas cada tomada de decisão, cada acontecimento, cada cidade nova, país novo, língua nova me trouxe e te trouxe aqui. Tudo está conectado e pode mostrar quem tem coragem para ousar.

2. CARTA AO LEITOR

Vitória, 2016

Querid@ você,

Deve causar um estranhamento que as palavras deste texto, algo que se quer uma dissertação, esteja assim: direcionado a você. Em primeira pessoa começo este que, mais que o resultado de uma pesquisa-experimentação, é um jogo metalingüístico. Para falar sobre cartas, improvisei aqui uma carta de amor e emancipação porque o processo para reunir essas palavras foi paralelo ao processo de criar uma unidade de pensamento sobre esse possível “eu” que, enquanto você lê essas palavras já deve ser uma outra coisa. O famoso “instante-já”¹ que a Clarice Lispector (1998) escreveu, fugaz, escapa e no momento da fala já deixa de ser. Resolvi experimentar todas as possíveis emancipações que a construção de uma própria narrativa pode oferecer: se (re)construir ao construir um enredo. Mas calma, vamos devagar para que eu me faça entender. Meu nome é Nayara Girelli – apesar de gostar que me chamem de Nay – chego mais feliz que nunca na marca dos trinta anos e essa dissertação é reflexo de uma mulher e suas experiências pessoais e profissionais (porque para mim não há um limite definido entre essa linha) que necessitaram se cruzar e em um hibridismo inédito me trouxe até aqui, este espaço que ressignifico, por constatar que sobre o que vou tratar cabe melhor em um memorial do que em uma dissertação. Essa falsa separação entre objetividade, dualismo tão velho quanto a chamada civilização ocidental e cristalizado no cristianismo, que nos impôs o bem como oposição ao mal, e com isso a ideia de pecado, e culpa, de purgação. Para mim essa divisão não é possível.

Você já teve a sensação de não fazer parte de algo? Isso define minha trajetória na universidade, demorei entre greves e viagens exatos sete anos para me formar, dentro das aulas de lingüística e crítica literária, não me parecia certo estar ali ou, de acordo

¹ LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. São Paulo: Rocco, 1998, p. 17.

com Heidegger², eu achava interessante, mas não mantinha interesse. Assim se foi mais da metade do meu curso em Letras enquanto via meus amigos se afunilarem cada vez mais em uma linha de pesquisa e pensamento, eu fazia o percurso contrário o que agravava mais com as aulas da universidade cada vez mais distantes e obsoletas para usá-las em minhas oficinas de literatura.

Ainda no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) não tinha a menor ideia do que escrever até que conheci um aluno que transformou toda minha carreira acadêmica, tinha um processo criativo genial e estava ali em minha frente e eu me senti na obrigação de apresentá-lo ao mundo. Um documentário, 4 festivais nacionais de cinema, 2 canais de televisão e 2 editais de incentivo à cultura depois e o TCC estava pronto. Dois professores da universidade tentaram ser meu orientador, por teimosia minha de não querer que eles adaptassem o que queria falar a um academicismo que não correspondia ao que sentia, não vou dizer pensava porque estava tão envolvida (para não dizer obcecada) pelo projeto que eu já não pensava com a razão, era de corpo inteiro e foi aí nesse momento que uma das minhas grandes referências de pessoa e educador teve a sensibilidade de olhar para mim e o que eu queria, no entanto o TCC não me deixava só escrever o que sentia, obrigava-me a encontrar uma teoria que coincidissem o que já tinha pensado e sentido para respaldar minha escrita. Ao final escrever foi apaixonante, muito também pelas orientações do Jorge Nascimento. Penso que assim que tem que ser a escrita, um despejo de sintomas que se encontram com outros sintomas no mundo.

Em 2011, meio ao TCC, para o documentário se realizar, precisei criar um vínculo com uma comunidade localizada na periferia da Grande Vitória, a equipe de produção no processo de captação de imagens precisaria subir o morro com materiais de vídeo muito

²Danilo Barcelos, em uma conversa de bar, citou certa vez que é importante deixar claro a diferença das palavras “interessante” e “interesse”, segundo Heidegger o “interessante” desperta nossa atenção, mas logo nos tornamos indiferentes a ele. O “interesse” nos faz retornar mesmo que sem respostas

²CORRÊA, Danilo Barcelos. A MATÉRIA DO NADA: *Potências, flutuações e experiência no nada poético de Carlos Drummond de Andrade*. 2011. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras)_Universidade Federal do Espírito Santo. 2011, p. 42.

caros e, além do valor material, a ética social que rege esses espaços requer uma adequação própria ao qual, geralmente, o poder está na guarda de traficantes que ali controlam um forte tráfico. Necessitava que a comunidade me reconhecesse para minha equipe transitar com toda liberdade necessária e para isso tinha um ano para construir esse vínculo. Na época tinha acabado de terminar um semestre com a professora Maria Amélia Dalvi, como trabalho final de disciplina propôs uma atividade a qual aliava a teoria com práticas educativas, grosseiramente: desenvolver uma prática usável nos espaços em que dávamos aula interagindo com a teoria estudada. Em 2012 junto ao material bibliográfico da aula de Teoria da Literatura Infanto-Juvenil, foi aprovado pelo governo do estado do Espírito Santo, através do Rede Cultura Jovem, uma verba para realizar o projeto literário Cala-A-Boca-Já-Morreu³. Nunca me senti tão viva trabalhando efetivamente um texto de Antonio Candido com crianças entre 6 e 13 anos e provando de críticas mais incisivas que os debates na universidade.

Nesse momento você deve estar se perguntando o que essas práticas têm a ver com essa dissertação de mestrado, respondo que elas foram decisivas para encontrar meu caminho de produção acadêmica. Decidi, ser a síntese de minha vida pessoal e profissional, incorporando minha experiência. Óbvio que é um processo muito arriscado por colocar meus pensamentos no mesmo horizonte que autores consagrados, mas ao ler *Cartas Londrinas* (1995) e a experiência de Regina Leite Garcia em seu pós-doutorado em Londres, a maneira como transformou suas correspondências com seu grupo de pesquisa em uma tese, me deu tranquilidade para seguir com minha escrita afetiva; perigoso, claro! Enquanto o curso de Letras normalmente se reduz em o pesquisador/aluno encontrar um autor e estudá-lo e, de fato, não há problema algum nisso. Repetidamente ao longo de minha jornada na graduação fui nomeada com estereótipos como “louquinha” e tantos outros por destoar de um fluxo de tradição de

³ Resumo: “Ruth Rocha e Ziraldo viram na literatura infantil um meio de contar a quem pudesse entender as formas de dominação que o país passava na década de 60. O trecho do livro *Reizinho Mandão* dá nome ao Circuito Literário CALA-A-BOCA-JÁ-MORREU, que pretende exercitar a reflexão do cenário político atual e o papel de cidadão a partir dos autores. Promover a verdadeira evolução: ao nível da consciência de mundo que cada um assimila desde a infância.”

produção, no entanto hoje vejo o quanto esses rótulos são tentativas de deslegitimar o que escapa.

Em *A ordem do discurso*, Foucault ⁴(1996) fala que em toda a sociedade há uma produção, seleção e (re)organização dos discursos e estes tem por função prever aquilo que não é passível de ser previsto e para garantir essa adequação há uma interdição àquele que não se adapta. Para garantir essa adequação, há aparelhos regulatórios silenciosos e eficazes, um deles é a luta entre a razão *versus* a loucura e o louco era reconhecido por suas palavras. De acordo com Foucault (1996, p. 10), o louco possui “estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, pronunciar o futuro, enxergar com toda a ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber”. Claro que hoje a separação é por outros modos, no entanto mesmo na academia, percebemos o quanto ainda somos pacientes deste tipo de estrutura de poder ao qual pessoas, assim como eu, ao não se encaixarem a esse formato são levadas a serem desacreditadas (por outros e por elas mesmas). Tive uma baixa auto-estima por toda minha trajetória do curso e agora vejo claramente que não era por competência (ou falta) e sim por afinidade. Eu gostava de inúmeras coisas e nada delas eu conseguia trazer para a minha vida universitária: escultura, contação de história, documentários, memórias de infância, etc. A partir do momento que eu pude compreender de fato as coisas que eu gosto e assumir verdadeiramente o que gostaria de estudar, ganhei confiança de mostrar para meus colegas meu processo de produção; aliás cresceu uma vontade de estudá-lo e levá-lo para outras pessoas que, assim como eu, se sentem pertencidas não aos lugares, mas aos entre-lugares, essa possibilidade de construir seu próprio caminho, não só de percorrê-lo e sim de se transformarem realmente no processo.

O projeto “Cartas em Trânsito” parte de duas experiências pessoais: memórias e universidade. Pensar uma instalação na rodoviária de Vitória, nela as pessoas poderão confeccionar as próprias cartas e eu as enviarei, ou então as produções poderão ficar

⁴ FOUCAULT, Michel. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

expostas dentro do espaço. Os estudos do mestrado servem para analisar as possibilidades dessa prática, que ao final esteja respaldada teoricamente para ser inscrita em leis municipais e estaduais de incentivo à cultura assim com recursos públicos fazer com que essa teoria vire prática.

Proponho repensar as possibilidades de diálogos entre a Universidade *versus* a comunidade, fora da sala de aula. Reconhecer que o espaço de aprendizagem não é algo pré-definido e pode acontecer em qualquer lugar. Neste ponto quero fazer uma provocação aos limites acadêmicos fora da sala de aula, dialogando com outras linguagens como as artes plásticas. Para tal, primeiramente, faremos uma retrospectiva que repensa esse ensino segmentado ao qual somos submetidos, aqui utilizaremos o livro *Microfísica do poder* (1979), de Michel Foucault para tentarmos entender a análise dos espaços a que fomos submetidos, especialmente tendo em vista o contexto das sociedades disciplinares, assim como as de controle, as contemporâneas. Aqui cabe talvez uma pequena digressão, que proponho tendo em vista a seguinte pergunta: o que é uma sociedade disciplinar? Em diálogo com Foucault, autor de *Vigiar e punir* (1975), uma sociedade disciplinar se define pela multiplicidade institucional e seu efeito diagramático, estilo rede de captura: escola, família, quartel, hospício, prisão, mercado, sob o signo da sociedade industrial.

Cada instituição produz seu horizonte disciplinar. Em *A história da sexualidade: vontade de saber* (1976), Foucault contextualiza historicamente a emergência da disciplina entre o século XVIII e XIX, dividindo-a em dois eixos: o anátomo-político e o da biopolítica da população. A primeira forma de disciplina é a que produz tecnologias de poder voltadas e devotadas a disciplinar o corpo individual, inclusive formatando subjetividades, tendo como horizonte a norma. A segunda disciplina, a da biopolítica da população, inscreve-se no desafio de moldar o perfil da espécie humana, em conformidade com a sociedade industrial.

Nesse contexto, instituições como a família, a escola, o quartel, o hospício e a cadeia são tipicamente anátomo-políticas e é nesse sentido que estar inserida numa instituição me causava mal-estar, já que a função delas, no contexto da sociedade disciplinar, é a de

produzir a norma para as identidades, tendo como referência os seguintes traços: branco, heterossexual, adulto, tecnocrático, rico. Esses traços anátomo-políticos da disciplina determinaram, sob o ponto de vista escolar, uma disciplina que concebe o rigor do saber também de forma disciplinar, tendo em vista a questão das unidades discursivas e também nesse sentido que proponho reescrever a dissertação de forma que transite entre modelos. Um saber disciplinar é o que se enfeixa e se permite esquadrihar em unidades discursivas separadas, marcadas pela crença na autonomia. Reside aí o motivo da divisão dos saberes em campos como teoria da literatura, linguística, história, geografia, economia, não sendo circunstancial que cada campo desse seja chamado no geral de disciplina. A proposta dessa dissertação, de cartas sem destinatários, está na contramão da sociedade disciplinar e seu modelo anátomo-político de disciplina, porque não parte de unidade discursiva alguma. A própria ideia de unidade discursiva é destituída com a figura da carta sem endereço de partida e sem endereço de chegada. No entanto se quero romper com os espaços disciplinares de aprendizagem, devo fazer isso inicialmente em meu texto. Tanto essa referência quanto as outras que me proponho a estudar virão diluídas em todo o *corpus* do texto, evocadas quando necessária para chegarmos, eu e você, a um entendimento.

Uma maneira de romper com a sociedade disciplinar à qual transgredimos por meio do mundo das artes plásticas para esta produção é a escolha do espaço e da instalação é uma maneira de romper com esta sociedade disciplinar. O conceito de instalação começa a ser pensado a partir da década de 60 onde o espaço da obra exposta é também poética e parte dela criando a partir daí uma série de relações, provocando a sensação de estar dentro da própria obra assim, a própria dissertação “Cartas em Trânsito” é uma instalação. É o que proponho quando, dentro da instalação, possibilito a escrita das cartas, e que esse (re)viver faça-se um entender melhor sobre si e o mundo a sua volta. Outro posicionamento importante para lidar com o conceito de instalação é o desenvolvido por Sylviane Leprum no escrito *Sobre maneiras de instalação* (1996) e sua pesquisa sobre como a instalação constitui um verdadeiro território de pesquisa que estabelece uma relação essencial entre as artes plásticas, a arquitetura e as ciências humanas.

3. A carta do amor em trânsito.

3.1.Literatura e emancipação

As novas antigas formas de se conectar: isso que penso quando o assunto é cartas. Acusamos como a literatura vem cada dia mais se afastando das novas gerações, que a cada ano lemos menos. No entanto vivemos em uma era totalmente conectada em que as redes sociais – *facebook, whatsapp, emails, etc* – são as principais fontes de comunicação. Em 2006, o filme argentino *Medianeras*⁵ trouxe algumas questões importantes: a fibra ótica como promessa do nosso século para diminuir a distância entre as pessoas; mesmo os personagens estando virtualmente conectados, inclusos um na rotina do outro, não se reconhecem quando se cruzam no mercado. Penso isso na literatura, em uma era em que a comunicação é feita basicamente pela palavra escrita e leitura, porque estamos cada vez mais afastados desta linguagem?

Obviamente que não pretendo dar conta de todas estas questões que implicariam em um aprofundamento em temas como política, educação, história e nos perderíamos aqui no que pretendo focar, a Instalação “Cartas em Trânsito”. Vivemos em uma sociedade que cada vez mais, por causa de problemas sociais sabidos, nos ilha por câmeras, vigiados e além de deixarmos nossas digitais no que tocamos agora também temos um rastro virtual que nos denuncia a cada clique. Quem nunca se pegou fazendo pesquisas no *Google* e em seguida o objeto pesquisado aparece como propaganda evidenciando lojas ou sites em que pode se conseguir o produto, com preços e possibilidade de pagamento? Vivemos em uma sociedade de controle que nos adestrou à exposição, aprendemos a fazer dela uma forma de nos relacionar e nos expressar, assim há uma pluralidade de singularidades inéditas prontas para serem capturados. Vivemos uma transformação revolucionária do conjunto da vida social, substituímos as velhas formas de interação social e de representações em prol da construção de uma nova subjetividade, não coletiva mas padronizada, e essa ocupa um privilegiado lugar central dos grandes meios de comunicação.

⁵ MEDIANERAS. Direção de Gustavo Taretto. Argentina, 2011. Son., color.

A organização *Wikileaks*⁶ enfatiza bem a maneira como os Estados Unidos, através do *Facebook*, recolhe tudo que escrevemos à NSA, CIA dentre outras agências americanas, somos rastreados a todo momento por pistas que nós mesmos deixamos, um bom exemplo é a denúncia feita por essa organização, ao qual nem a presidenta Dilma Rousseff escapou. Ela estava sendo vigiada por meio de cinco telefones diferentes, inclusive durante as viagens de avião, quando usava o aparelho via satélite da empresa *Inmarsat*, que fornecia, teoricamente, segurança de criptografia. Além deste telefone, aparelhos de outros políticos dentro do Palácio do Planalto foram monitorados pela NSA. Ainda de acordo com a organização, os interesses de espionagem eram bastante direcionados, como nomes do primeiro escalão na lista – tais como do assessor pessoal da presidenta, Anderson Dornelles, e a secretária Nilce, dentre tantos outros.

Assim como Foucault (1979) nos atenta para a sociedade disciplinar, ele também foi o primeiro a falar que as sociedades disciplinares tem dado espaço às sociedades de controle pelo controle constante do desenvolvimento dos meios de comunicação. A sociedade do controle é apenas mais uma forma de dominação, num certo sentido, ainda mais eficaz que as anteriores, tanto mais que não as elimina, mas as incorpora, formando a sociedade do controle integrado⁷. Esse conjunto de estratégias elaborados por essas instituições de poder nada mais fazem que multiplicar suas riquezas através das grandes maiorias que se encontram cada vez mais empobrecidas, através de políticas neoliberais e de austeridade, que só defendem seus próprios interesses.

Essa aparente liberdade da sociedade do controle é apenas mais um estilo rede de pesca, uma variável mutacional da sociedade disciplinar. Enfim, "nos dão cordas" para nos mapear, e, no limite, tal como existia na sociedade disciplinar (e também na soberana), vigiar e punir, ou seja, nesse sentido que falo em rede de pesca, nos configura para positivar a imagem da exposição na internet, pela facilidade e agilidade de comunicação. Penso que essa nova maneira de viver tem influenciado diretamente nas eleições dos leitores, tanto que em qualquer supermercado, drogaria ou posto de gasolina encontra-se muitos livros à venda, geralmente biografias e auto-ajuda, que

⁶ Disponível em <https://wikileaks.org/> Acessado em 01/02/2016

⁷ SOARES, Luis Eustáquio. Sociedade de controle integrado. Vitória: Edufes, 2014, p. 173

trazem consigo algumas reuniões de características. Uma das características mais buscadas é quando o autor transforma sua vida em uma biografia e o leitor desperta o interesse em observar mais de perto essa narrativa como uma fórmula a se seguir para chegar ao sucesso, atribuindo uma objetividade à literatura, como se essa tivesse determinada função.

Há uma normatização tanto em relação a esse tipo de literatura e quanto na internet, e são os discursos de normatização que controlam que a exposição da vida privada onde nela, cada camarada um vigia. Com o *youtube* e os celulares conseguimos popularizar os vídeos, criar canais com regularização de postagens e alguns até atingiram a fama. Com o *myspace* vemos bandas saírem do anonimato e se tornarem ídolos. É a isca da possibilidade do reconhecimento do outro que nos torna presas tão dóceis na captura de alteridades. Refletir sobre esses mecanismos é tentar compreender o fenômeno e resistir a ele criando rotas de fugas. Nos últimos anos a América Latina passa por novas perspectivas políticas, presidentes de esquerda chegam aos governos e diminuem às políticas de austeridades que só causaram ao nosso povo estagnação e fome, mesmo o capitalismo nos empurrando seu modo de vida, lutamos para resgatar a linguagem e práticas que emergem da especificidade de sociedades. Diferente das literaturas que, afundadas no capital se fazem apenas para o mercado, sem se aprofundar em produções mais políticas e criadoras.

As mudanças que ocorreram na América Latina aumentaram o acesso à universidade de uma parcela da população que por ali não transitava e conseqüentemente a inserção dessas novas vozes influenciaram o surgimento de novos olhares dentro das perspectivas de pesquisa, fazendo com que a universidade se adeque a essas novas demandas. No entanto, na literatura, essa transição acontece de forma mais lenta. Hoje vemos nas universidades uma tentativa de diálogo entre as muitas possíveis formas de produção, por exemplo, estudos sobre pixações/escritas nos muros das cidades, ou quando o sujeito que agora possui acesso à universidade, começa a falar por si mesmo. Ou essa própria dissertação que já rompe com os modelos dessa institucionalidade.

Essa minha carta-dissertação propõe fundamentalmente desembaralhar-se das disciplinas da sociedade disciplinar destituindo-se do horizonte de dominação da sociedade do controle, necessariamente sob o controle tecnológico do imperialismo americano. São as cartas que nos impedirão de confessar e sermos capturados. A partir daqui começo a pensar nesse projeto como um diálogo com meu próprio processo de introdução a escrita e aprendizagem, feito por uma avó que até hoje tem a letra mais linda que conheci. Ela me colocava junto a meus primos sentados em uma mesa com muitas folhas, tesouras, lápis de colorir, cola, etc e assim, nos pedia que escrevêssemos cartas para nossos pais, amigos, professoras ou então, para ninguém mas que escrevêssemos. Mais tarde, como professora, a necessidade me fez reproduzir com meus alunos esse método⁸, aos poucos percebi que grande parte das crianças, por se comunicarem basicamente pelas redes sociais, já não sabiam o sentido de um CEP, o nome da sua rua ou mesmo bairro. Não sabiam a diferença entre cidade e estado e o espaço geográfico era simplesmente uma extensão de seu corpo. Devido à classe que pertenciam não costumavam viajar e qualquer conhecimento de outros lugares provinha de parentes que lá moravam.

Começamos a escrever essas cartas, sem preocupação com a ortografia, somente para escrever e depois sempre fazíamos uma exposição. Percebi que o mural, antes invisível, agora sempre tinha um tumulto, risos. Algumas narrativas ficavam por dias nos assuntos, suspeitava-se de personagens, acreditavam que esses tinham outros nomes e bem reais, que os textos falavam (e poderiam falar) sobre eles próprios. Mesmo que não tivessem sido escrito pensando em um ou outro, poderia ser a história de qualquer um. Essas crianças começavam a ser introduzidas na escrita e leitura literária, faziam uso do seu conhecimento de mundo para escrever e, assim, por identificarem nas construções sintáticas um mundo que lhes pertenciam se deixavam seduzir pelas narrativas, escritas que se inscreviam no princípio da realidade. A questão fundamental aí é: quanto de literatura se tem nestes textos?

⁸ Conferir o anexo 1.2 imagens deste trabalho com os alunos

Talvez só nos fazemos esta pergunta por partilharmos um mundo que não está baseado na igualdade, ao contrário, vivemos em civilizações oligárquicas que a seqüestram de nós. Jacques Rancière (2005)⁹ nos atenta que vivemos no interior de dois regimes: 1) *Poético*, que está relacionado a forma clássica em que a arte vem sendo pensada (no horizonte de um mundo aristocrático partilhado). 2) *Estético*, ideia de que a escrita se torna um sintoma-mundo e que há sintomas para todo lado. O Filósofo acredita que a arte literária, dentro da sua produção de subjetividade, destitui os lugares pré-determinados de fala e atuação social (o famoso “sabe com quem está falando?”), produzindo assim uma real democracia. Define o que entende por “partilha do sensível”: a existência/relação de um comum partilhado e, inversamente ao mesmo tempo, a divisão de partes exclusivas. Vemos que “partilha” significa tanto “comum” quanto “partes exclusivas” e a maneira como cada indivíduo se situa no lugar do “comum” é que vai definir sua performance nas “partes exclusivas”. E é nesta atuação que “[...] a política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das prioridades do espaço e dos possíveis do tempo” (p. 17). Esclarece que as práticas estéticas estão diretamente relacionadas à maneira de fazer e defende que qualquer coisa está no mesmo horizonte de outra e somente aí se produz igualdade. E assim, adestrados a uma hierarquização da poética clássica nos vemos sob esse dilema: se literatura ou não. Retomando a questão que finalizo o parágrafo anterior, dependendo do lugar de regime de quem se propõe a responder a questão acima, temos uma previsão de resposta.

O texto literário se viu, por muito tempo, como um bem das classes dominantes, restando ao popular, serem “espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, ‘incapazes’ de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos (...) obrigados a reproduzir o ciclo do capital e a ideologia dos dominadores” (CANCLINI, 2008, p. 205). De acordo com Canclini (2008), a noção de cultura massiva surge quando as sociedades já estavam unificadas (através da industrialização, da educação generalizada, etc.) reorganizando a vida social desde o século XIX, mesmo antes que aparecesse a imprensa, o rádio e a televisão. Os meios de comunicação de massa por muito tempo foram considerados

⁹ RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. __São Paulo: EXO experimental org.; Ed 34, 2005.

ameaça à cultura, hoje o rádio e a televisão são os meios eletrônicos de comunicação responsáveis pela comunhão de costumes, interpretados dentro de uma tendência mais geral das sociedades modernas, Monsiváis afirma que

os mexicanos aprenderam no rádio e no cinema (...) modos de falar e de vestir-se, gostos e códigos de costumes, antes distantes e dispersos. (...) Para que cada país deixe de ser ‘um país de países’ foi decisivo que o rádio retomasse de forma solidária as culturas orais de diversas regiões e incorporasse as ‘vulgaridades’ proliferantes nos centros urbanos. Como o cinema e (...) a televisão fez em seguida, traduziu-se a ideia de nação em sentimento de cotidianidade (1984 *apud* CANCLINI, 2008, p. 256)

Em meados do século falava-se em *cultura de massa*, ainda que logo tenha percebido que os novos meios de comunicação, como o rádio e a televisão, não eram propriedades das massas, e sim, *cultura para massa*. Essas crianças, apesar de todo acesso às tecnologias da comunicação com a baratização dos aparelhos eletrônicos, muitas não possuem cama, mas há televisão, nunca entraram em uma sala de cinema, mas a “piratização” dos DVDs facilitou esse acesso. Assim as alteridades são capturadas através do controle de vidas.

Em *O Ódio à Democracia* (2014), Rancière pensa que a democracia deveria partir de “um ‘governo’ anárquico, fundamentado em nada mais do que na ausência de qualquer título para governar”, o que não acontece nas engrenagens da sociedade moderna onde temos a “eleição de representantes que cuidam do “reino dos desejos ilimitados dos indivíduos da sociedade de massa moderna” (p. 8) que orientados pelo rastro norte-americano resignifica-se:

A democracia, diziam os relatores, significa o aumento irresistível de demandas que pressiona os governos, acarreta o declínio da autoridade e torna os indivíduos e os grupos rebeldes à disciplina e aos sacrifícios exigidos pelo interesse comum. A boa democracia deveria ser então uma forma de governo e de vida social capaz de controlar o duplo excesso de atividade coletiva ou de retratação individual inerente à vida democrática. (RANCIÈRE, 2014; p. 17)

Assim a democracia nos rastros norte americano atua de forma que a população acha que está fazendo uma ação prática quando na verdade essas escolhas já foram definidas muito antes. Para prever esses movimentos aleatórios o governo necessitou diminuir as forças políticas excessivas e assim criar novos modos de controle, tão silenciosos

quanto eficazes que podemos ler mais em Foucault (1979), nos explica que a repressão pode ser positivada no sentido que gera resistência por meio de individualidades, logo, o sujeito é uma mera produção do poder e saber de modo que nenhum acontecimento escape, propondo uma arte de distribuição espacial dos indivíduos.

Segundo Rancière, a sociedade disciplinar evoluiu e hoje propaga a necessidade da felicidade individual e privada através do consumo de bens materiais, o que teve efeito duplo: “tornavam os cidadãos indiferentes ao bem público e minavam a autoridade de governos intimados a responder a essa espiral de demandas que emanavam da sociedade” (17). Aliás, essa descrição do nosso cotidiano não é tão nova assim, data a mais de 150 anos, documentada por Karl Marx: “Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas duramente, por uma única liberdade sem escrúpulos: a do comércio” (KARL MARX *apud* RACIÈRE, p. 30). Leva-nos a concluir que democracia e totalitarismo não são verdades tão opostas potencializando-se quando discurso intelectual dominante se une aos discursos das elites censitárias e cultas, tornando-se um desastre para nossa civilização se a ela todos possuem acesso. Passamos, desta maneira, a confundir democracia com privatização da vida, ao qual seja interessante ao poder vigente preocupar-se que sejamos cartografados, desde lugar à ocupação ao invés de desempenhar um papel político: se afirmar ao negar o papel que o outro nos determina, tomar a palavra e renovar constantemente os atores e ações na reconfiguração simbólica do comum.

Assim vejo duas opções para essas crianças que produziram as cartas e que reverbera para toda a sociedade: ou aderimos a esse controle através da representação ou enfrentamos, criando o novo. Neste momento chego a outro impasse: se mesmo nas universidades, os textos estão carregados de citações que somente dificultam escutar a voz por trás deles, esse mesmo lugar que se quer vanguarda de pensamento, permite somente a uns poucos criar, imaginem para aqueles que estão na ponta desta cadeia? Uma boa educação deveria fazer com que nos apropriássemos para depois romper (romper?), no entanto somos impedidos por um rigor metodológico vigiado pelos olhos dos especialistas que punem os que ousam e isso reflete nos profissionais formados e esses dogmatizam no outro, os alunos por estarem situados ao fundo deste rigor

metodológico, se veem intimidados a produzir (no caso escrever) e preferem não fazer. Ao menos esse era o principal argumento que sempre usavam para escaparem das atividades: não serem capazes.

A definição de literatura ainda é muito nova, datada em meados do século XVIII sua aparição, antes denominava-se letras ou belas artes. Segundo Roland Barthes (2004):

O que há de interessante na literatura não é propriamente o fato de um romance refletir uma realidade social; o caráter específico de uma obra literária, de um romance, por exemplo, é praticar aquilo que se podia chamar uma *mimesis* das linguagens, uma espécie de imitação geral das linguagens. O que faz que, quando a literatura, o romance, se apresentam como escrita literária, é finalmente a escrita literária anterior que copiam. (...) A prática literária não é uma prática de expressão, de expressividade, de reflexo, mas uma prática de imitação, de cópia infinita. (BARTHES; ROLAND, 2004, p. 13-14)

Deixo claro que não são as obras que são copiadas e sim a linguagem usada, por mais que o novo se proponha a um valor de choque, as estruturas já estão tão arraigadas no interior do sujeito que não as percebemos. Problematizando esse pensamento, em *Inconsciente Estético*, Rancière (2009), escreve que no estatuto da representação há duas ordens: a primeira entre o dizível *versus* visível e a segunda, saber *versus* ação. No entanto,

(...) a revolução silenciosa denominada estética abre espaço para elaboração de uma ideia de pensamento e de uma ideia correspondente de escrita. Essa ideia de pensamento repousa sobre uma afirmação fundamental: existe pensamento que não pensa, pensamento operando não apenas no elemento estranho do não-pensamento, mas na própria forma do não pensamento. Inversamente existe pensamento que habita o pensamento e lhe dá uma potência específica. Ou seja, a escrita. (...) e a polaridade dessas figuras descreve o espaço de um mesmo domínio, o da palavra literária como palavra sintoma. (RANCIÈRE; p.33-35, 2009)

Seguindo essa linha de pensamento, de palavra literária como sintoma, as cartas produzidas por esses alunos colocam em pé de igualdade tanto o testemunho quanto a

ficção, não importando o quanto de “verdade” carregam as palavras e sim o ato de ficcionalizar para pensar o real. De acordo com Soares (2014), a escrita dos pobres tem um jogo de recusa e necessidade por parte dos mais privilegiados. Recusa porque aceitá-la é ir de encontro aos esforços para não ver a precariedade que outros vivem, ao mesmo tempo em que necessitam destes para manter seu padrão de vida e deste modo a distância que a escola pretende reduzir é aquela de que vivem e que não cessam de reproduzir colocando o objetivo de igualdade, com pontos de partidas tão desiguais, a procrastinando até o infinito. A elite, também, só se reconhece como elite quando possui uma base para se diferenciar, assim para se sentir privilegiada necessita que haja quem não seja.

A atual democracia com que lidamos é composta por homens cada vez mais egoístas satisfeitos de igualdade quando inseridos na ordem de consumo do mundo e, apesar da democracia grega ser a nossa base de estruturação política, já não cabe mais em nossos dias. Foucault (1979)¹⁰ vai dizer que se o poder fosse baseado somente na repressão não seria tão eficaz, assim se tem a passagem de uma modificação de poder para se adequar a estrutura da sociedade vigente: do *Poder do Soberano* (aquele que detém o poder de vida e morte sobre o outro, dentro) para o *Poder Disciplinar*, que nada mais é que instrumentos de controle sobre a vida. Logo, escrever a importância de democratizar a literatura em livros é, fazendo uso de Boaventura (2011), uma tentativa paleatória de emancipação por entender “que deixou de ser possível conceber estratégias emancipatórias genuínas no âmbito do paradigma dominante já que todas elas estão condenadas a transformar-se em outras tantas estratégias regulatórias” (BOAVENTURA, 2011, p.16.). Como acontece nas eleições de livros para publicação, como já discutido acima.

De volta ao diálogo com Rancière (2012), somente a emancipação é uma saída, uma ruptura da concordância entre uma “incapacidade de conquistar outro espaço e outro tempo”. (JACQUES RANCIÈRE; 2012, p.43). Dentro das comunidades platônicas tínhamos a figura do artesão e a ele lhe cabia nada além de sua produção, já que o

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

trabalho lhe esperava, seu ofício e suas habilidades sensitivas ficavam restringidas o suficiente para desenvolver seus trabalhos, sem tempo e necessidade de qualquer outra atividade relacionada ao pensar-sentir. A ele lhe cabia o que a ele coube. Hoje ainda mantemos essa estrutura na qual cada um possui um papel e obrigações para sua atuação e que vai de encontro ao que entende-se por espaço político, ao qual exercer um papel democrático é se inserir nessa cena através de argumentações e de recursos poéticos adquiridos devido sua trajetória de vida, ultrapassando o que lhe tentam designar fazendo da democracia uma luta.

Antes tínhamos a desculpa do divino para nos conformar com essa distribuição de papéis, agora nós temos as classes sociais e a elas um roteiro a desempenhar. Ao pobre se é dificultado a arte em geral quando na verdade a todos pertencem a capacidade de pensar e agir. Assim, uma instalação que busca o outro, que vai ao seu encontro e possibilita uma (porque não) cena teatral que o sujeito possa ser quem é ou não, ser outro e assim reconfigurar uma existência política que não lhe foi imposta, nos faz crer que para fazer não é preciso a figura do especialista. Não há razão particular de se por consciente aqueles que vêem a realidade sob as lentes do imperialismo e que despertem neles o desejo de ir de encontro. De acordo com o Rancière (2012), o “objetivo da vida não pode deixar de ser a familiaridade com a vida”¹¹ assim, analisa o comportamento do expectador ao se deparar com obras de artes que se encontram ao mesmo nível da realidade: a verdade nua e crua e potencializada,

Ele [o espectador] deve também se sentir culpado de estar ali sem fazer nada, olhando essas imagens (...) no lugar de lutar contra as potências responsáveis por elas. Em uma palavra, deve se sentir já culpado de olhar a imagem que deve provocar o sentimento de sua culpa. (RANCIÈRE, 2012, p. 87)

É nesse sentido que a obra deve provocar, através deste despejo de sintomas, uma realidade especular que, neste caso a partir das cartas da instalação, um reflexo de nossas vidas em que ela mesma está incluída. O simples fato de olhar as cartas que denunciam a realidade de um sistema já é ocupar um espaço político. Por isso pretendo que a intervenção atravessasse o sentimento de culpa para a vontade de fazer e que a partir

¹¹ RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. Trad. Ivone C. Benedette. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. P. 18

destas cartas expostas, o leitor, ao invés de sentir mal-estar por não sentir-se incluído, sint a vontade de produzir, escrever.

Boaventura (2011) nos lembra que não existe consequência sem causa e não ter controle sem sobre consequência e nem sobre é alcançar multiplicidades imprevisíveis. Assim se quer a instalação, em uma rodoviária onde o fluxo de pessoas predominantes ainda são, normalmente, os chamados pobres e seu percurso histórico é de afastamento do gênero literário. Enquanto esperam, entre sua chegada e partida em que nada supostamente acontece, proporcionar que estes sintomas se mostrem, democratizar a literatura não apenas consumindo e sim produzindo e ocupando seu lugar no espaço político. Retomando Boaventura há dois tipos de conhecimento: *emancipação* e *regulação*.

O conhecimento emancipação é uma trajetória entre um estado de ignorância que designo *colonialismo* e um estado de saber que designo *solidariedade*. O conhecimento regulação é uma trajetória sobre um estado de ignorância que designo por *caos* e um estado de saber que designo por *ordem* (BOAVENTURA, 2011, p.77).

Continua descrevendo que dentro deles 3 lógicas de racionalidade: racionalidade *moral-prática*, a racionalidade *estético-expressiva* e a racionalidade *cognitivo-instrumental*, e que por a última se sobressair (ciência e tecnologia), fez o *conhecimento-regulação* se destacar ao *conhecimento-emancipação* e por consequência desvalorizar produções que não se encaixam a certa ordem estabelecida, além de tornar singular, devido ao controle, as consequências.

O jogo proposto de criação nesta dissertação e na instalação é exatamente esse, não ter previsibilidade devido infinitas possibilidades, através de um “como se” de um espaço na rodoviária de Vitória na qual uma carta qualquer, criá-la, ser lida por um leitor qualquer, em trânsito, por uma carta em trânsito. Aqui é reconhecer que a “solidariedade é o conhecimento obtido no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade através da construção e do reconhecimento de intersubjetividade”(BOAVENTURA , 2011, p. 81) e o que a instalação propõe é desequilibrar essa assimetria entre *regulação versus emancipação* e provocar que o

segundo se sobressaia ao primeiro através do conhecimento empírico que cada um traz o reconhecendo como sintoma, reinventar a comunidade através de um conhecimento emancipatório que habilite os seus membros a resistir ao colonialismo e a construir a solidariedade pelos exercícios de novas práticas sociais, que conduzirão a novas formas e mais ricas de cidadania individual e coletiva e assim, somente assim, produzir um acesso à literatura realmente mais democrático.

3.2. O mestre e seu lugar na emancipação

Diante todas as questões levantadas sobre a educação democrática que mais reprime a possibilidade de uma educação igualitária e a necessidade de criar o novo para enfrentar essas velhas estruturas de agenciamento, Rancière¹², em *O mestre ignorante*, vai problematizar o papel do mestre nesse processo de emancipação do sujeito, para tal, traz a proposta de ensino do pedagogo francês Joseph Jacotot que basicamente se fundava na possibilidade de ensinar o que se ignora e a necessidade do mestre ignorante, e entenda por ignorante aquele que não está interessado em controlar o que o aluno vai aprender no processo ensino-aprendizagem, tendo a desigualdade como ponto de partida.

Rancière constatou a existência da equivalência de inteligências a partir da aventura do pedagogo que foi exilado no período da Revolução Francesa, em Flandres – região norte da Bélgica – encontra a complexa tarefa de ensinar para alunos que só sabiam holandês, de fato, ou seja, não compartilhavam o mesmo idioma. Resumidamente, propôs que seus alunos escrevessem tudo quanto pensavam sobre a obra *Telêmaco*, de Borba (1840). O intrigante é que a obra oferecida estava em francês, idioma até então ignorado por seus alunos. Lógico que o esperado eram desvios grotescos diante a sintaxe, impossibilidade de incompreensão textual e etc. No entanto, o resultado encontrado foi muito divergente do esperado: o desempenho foi tão bom quanto poderia se esperar de um falante francês.

¹² RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*; trad. De Lilian do Valle – 3. Ed. 4. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Assim Rancière nos faz refletir quanto a performance de cada um no espaço de aprendizagem, se o aprender está intrinsecamente ligado ao querer e quão desnecessário é o papel de um mestre, já que Jacotot não era capaz de se comunicar com seus alunos?

É nesse sentido que, assim como o aluno não precisou do mestre para desenvolver a análise do livro, nesta carta-dissertação você não vai encontrar a definição do gênero por bibliografia, essa que aqui assume o papel do mestre. e sim, como escritora de cartas, resolvo fazer uma análise das cartas que tenho guardadas por toda vida, aquelas escritas que nunca enviei ou mesmo algumas recuperadas. No entanto na época que elas foram escritas, os recursos disponíveis para a comunicação eram bem escassos comparados ao que a virtualidade nos proporciona. Assim qual o papel que essas cartas que serão produzidas na instalação se propõem em plena era que, independente da distância, a comunicação se dá em tempo real? Unindo o pensamento de Boaventura e Rancière, resolvi que o processo de análise do gênero deveria ser fiel as correntes de pensamentos adotada nesse texto, assim paralelo a esta escrita escrevo cartas¹³ para pessoas queridas e as analiso. Assim, me emancipando através do meu conhecimento prático e da vontade de aprender e poder entender o distanciamento necessário do mestre dentro do ensino ensino-aprendizagem e identificar quais habilidades e aprendizagens serão adquiridas, além da escrita e criação literária nessas cartas em trânsito.

¹³ Encontradas a partir dos anexos 2.5

4. CORRESPONDÊNCIAS E ARQUEOLOGIAS DO AMANHÃ

4.1. Escrevendo para ninguém

“A única coisa que me interessa no momento é a lenta cumplicidade da correspondência. Leio para mim as cartas que vou mandar. ‘Perdoe a retórica. Bobagem para Disfarçar carinho’”

Ana Cristina Cesar

Quão distantes estão suas práticas das teorias que infestam seus textos, defende em uma mesa de bar ou entre um café e outro? São professores que estudam pós-colonialismos, mas que recusam xerocar seus livros caros para não estragarem, colegas professores que odeiam a sala de aula e estes são meros exemplos de uma lista que é interminável. Reparo que há um abismo de hipocrisia entre o que acreditamos e nossas ações diárias e eu, no início dessa escrita, não estava sendo diferente: pretendia escrever sobre cartas sendo que fazia exatos 2 anos que não remetia nenhuma. Queria falar do poder emancipatório das cartas e não o comprovava. Tentei fazer um esforço para lembrar-me da última que escrevi e foi para um antigo namorado, tentei lembrar das cartas que já escrevi pela vida e foram muitas: amigas que fiz nas férias, pessoas que por obra do acaso cruzaram o meu caminho e que de alguma forma despertaram um sentimento a ponto de me fazer parar, escrever e ir ao correio. Talvez nem tanto ir ao correio porque em uma vasculhada mais intensa em minhas *cápsulas do tempo*¹⁴, encontrei várias delas que nunca foram remetidas ou mesmo cartas que me enviaram e que o tempo me fez esquecer quem são aquelas pessoas e nomes. Em uma busca pelo *facebook* não pude encontrar algumas delas, outras consegui entrar em contato e falar sobre as cartas que me foram enviadas ou as que nunca enviei. Por que escrever uma carta para alguém e nunca enviá-la? Que importância teria já que as guardei? Que importância teria já que a escrevi?

¹⁴ Referência à exposição de Andy Warhol em que por volta de 1968 lacrava caixas de papelão com diversos itens cotidianos. Essas cápsulas são propostas de um trabalho artístico que virou uma instalação, passando pelo MAES (Museu de Arte do Espírito Santo) em 2007.

Algumas delas datam muito antes de contarmos com as redes sociais, os computadores não eram ainda uma tecnologia acessível e as cartas eram o principal meio de comunicação entre pessoas que moravam longe, elas que traziam notícias e asseguravam o vínculo de uma relação. Aos poucos foi substituída pelos finados *ICQ*, *MSN*, *Orkut* até os que hoje fazemos de ferramentas principais da comunicação: *Facebook*, *Skype* e *Whatsapp*. Incrível como em menos de vinte anos evoluímos na maneira de nos comunicarmos, hoje além de estar conectada com meus amigos por 24 horas ao dia e em tempo real de interação, ainda posso fazer uso de vários recursos para me auxiliarem no que quero expressar: posso enviar uma música, um *smyle*, uma foto, um vídeo ou mesmo ter um encontro virtual através do *skype* ou *facetime*. Nessa sociedade imagética que vivemos, as vezes para dizer o que sinto não preciso fazer uso necessariamente de palavras minhas dada as infinitas possibilidades para dar conta das novas maneiras de se relacionar. Se as cartas antes possuíam um destinatário e seu conteúdo só tinha acesso a pessoa endereçada ou um círculo muito restrito que a eles chegavam o papel, hoje a comunicação passa por certo exibicionismo e mesmo com o auxílio do *inbox*, não lançamos mão de tornar público o que queremos que as pessoas saibam o que estamos dizendo através de *posts* na *timeline* do outro. Mais do que comunicar, manipulamos o que dizemos para criar uma representação fidedigna de quem queremos que os outros pensem que somos. Ao contrário das cartas que encontrei, traziam confissões dessas ditas ao “pé do ouvido, destinada somente a um alguém. Palavras ditas sem medo da recepção do outro e a imagem que teria de mim, ditas sob um juramento nunca feito de confiança. Escrever e nunca enviar, que palavras ali estavam que se faziam urgentes para minha caneta, mas não para quem são endereçadas? Ao final penso que as escrevi mais que para me comunicar com o outro, as escrevi para comunicar comigo mesma, uma tentativa de dar conta do que sentia, do que me inquietava e que precisava transcender.

Rancière, a partir da aventura de Joseph Jacotot (citada no início do texto), produziu dois livros¹⁵ que discorre sobre a idéia de emancipação, partindo do simulacro que “Todos os homens seriam, pois, virtualmente capazes de compreender o que os outros haviam feito e compreendido” (RANCIÈRE, 2015, p. 19) e que para isso bastando apenas vontade para aprender. Aqui ele explica a necessidade do mestre tirar sua inteligência de dentro da relação mestre-aluno, ao qual da forma que se dá somente causa embrutecimento devido a ideia de uma inteligência subordinada a outra. Ele fala da necessidade de reconhecermos que cada um traz consigo o domínio de uma inteligência, que o aluno não chega como uma folha em branco e que essa sabedoria que traz deve ser elevada ao mesmo nível que o mestre, no entanto, não como meta a ser alcançada. Na verdade questiona que a posição de mestre as vezes interessa mais ao mestre que ao aluno devido o conhecimento significar posição, a base que o ajudará a se distanciar do outro. Aliás, ironicamente, o que cria a distância é a vontade de eliminar essa distância. Assim, a experimentação do francês, impossibilitado da comunicação, permitiu que seus alunos se emancipassem através de suas próprias inteligências e vontades não se importando com o que aprenderiam nesse processo, permitindo que cada um desenvolvesse a capacidade de conhecer e poder agir de acordo com seus interesses.

Partindo dessas idéias resolvi que, rompendo com a lógica de buscar um referencial teórico sobre as cartas, penso que me afastar dessas relações evidentes pode ser imprescindível para a emancipação desse texto. Não busquei obras que falam sobre cartas, analisei essas mesmas cartas encontradas nas cápsulas do tempo e escrevo sobre esse gênero a partir disso. No entanto, os recursos disponíveis na época em que as cartas foram produzidas já mudaram, evoluíram e nesse momento tenho duas opções viáveis: 1)retrocedo a essa idéia de emancipação e caio na hipocrisia do mundo acadêmico ou 2)crio material para essa análise e comparação. A segunda opção me parece mais coerente com a postura teórica adotada nesse texto e assim, as cartas que venho escrevendo paralelas e já mencionadas acima se tornam parte da pesquisa. Ao todo 30 cartas foram escritas, mas por uma questão de objetividade 10 cartas¹⁶ somente serão utilizadas como *corpus* do texto e, enfim, contribuindo para a construção do gênero

¹⁵ O mestre *ignorante e espectador emancipado*, referências Ao longo do texto ou mesmo em bibliografia

¹⁶ Essa podem ser encontradas em anexo, ao final do texto.

epistolar. Elegi algumas pessoas que estão longe, que não tenho idéia de quando voltaremos a nos encontrar, outro requisito foi que, assim como a emancipação dos alunos de Jacocot na língua francesa, tento escrevê-las em espanhol, minha segunda língua que aprendi por estar em países de língua espanhola, apesar de dominá-la tão somente em sua estrutura oral, já que nunca estudei a gramática formalmente. Nem preciso mencionar a distância entre oralidade e escrita, além do fato que cada palavra que sei desse idioma é um tipo de memória, só a tenho por ter tido necessidade de usá-la em algum momento, nesse segundo idioma basicamente me comunicava como podia e não o que/como queria. Expandir esse vocabulário, usufruir os tempos verbais e entender a estrutura da gramática da língua serão inteligências passíveis de emancipação nesse trajeto.

De acordo com Vilén Flusser (2010), escrever é uma eterna tentativa de ordenar nossos pensamentos, esses representados através dos símbolos gráficos. Logo todo escrever é um escrever correto, mesmo que essa tentativa seja algo mecânico e a isso, as máquinas se sobressaem melhores que nós humanos. Escrever é provocar um encontro de sintomas, algo do nosso interior com o mundo (outros interiores) e é nessa dinâmica que se permite avançar, é a todo momento escolher conteúdos através das cifras, lê-los é selecionar através do selecionado e em um mundo de total exibição, a carta se localiza entre o pensar e o dizer, nesse tom intimista e confessional dentro da ordem do sagrado:

Cartas são coisas por que se esperam _ou que chegam inesperadamente. Naturalmente, esperar é uma categoria religiosa: significa ter esperança. O correio fundamenta-se no Princípio Esperança. (...) Todavia a espera por cartas tem uma outra duração em um outro ritmo. Podemos esperar por cartas ao longo de semanas (...). FLUSSER, 2010; p.: 159)

Esperadas, recebidas e decifradas, assim como qualquer texto. Aqui o não-dito, contido, é trazido dentre as entrelinhas porque antes do escrito há o ocorrido que motivou esse gesto pomposo de escrever e enviar. Em um mundo ao qual não se necessita mais esperar, a esperança se metamorfoseia para a surpresa através de um gesto tão solene e assim fazer o outro se sentir querido. Outra idéia fundamental sobre escrever cartas é a presença da ausência: um emissor e um receptor que não estão, mas que comungam o desejo de se estar junto. A distância é fundamental para essa escrita, seja ela física ou emocional. Dizer carta, aqui, corresponde a conservar um estilo: palavras que não necessitam do imediatismo da entrega, pois são da ordem de um tempo subjetivo e o

uso do modo de intimidades que caminha para a concretização de uma individualidade e o aperfeiçoamento de um estilo de escrita. Talvez uma das mais generosas no campo da escrituras por permitir sem crime e castigo que confundamos seu efeito privado com resultados públicos. Uma conseqüência bem diferente do emprego das cartas se encontra em muitos contos do escritor argentino Jorge Luis Borges, são cartas do destino e chegam de lugares remotos e desencadeiam uma trama que afeta o tempo e a vida dos personagens como a carta que chega do Brasil para a Emma Zunz¹⁷ (de conto de mesmo nome) que traz notícias do suicídio do pai, palavras suficientes para desencadear uma vingança afetando uma ordem social. Talvez seja consciente dessas repercussões que fez com que Mário de Andrade, um correspondente inesgotável, determinasse que todo seu arquivo epistolar fosse trazido a público após 50 anos de sua morte. Ou mesmo os conflitos que passam os pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa que, acredito que também pelas possíveis tramas que podem desencadear ao revelar intimidades de pessoas públicas, disputam com as famílias de Caio Fernando Abreu e Ana Cristina César o direito de publicá-las. Mesmo nos dois casos desses escritores haver o consentimento de ambos, cedido antes de suas mortes. Polêmicos e que protagonizaram escândalos e comportamentos que iam de encontro à ordem social estabelecida: o primeiro, relações homoafetivas e HIV e a outra, suicídio, publicar essas cartas é confrontar a imagem que a família de ambos inesgotavelmente tenta construir: uma representação distante de quem esses foram.

Permitir suas publicações é revelar em mais íntimo grau as memórias que essas famílias querem deixar no esquecimento. Pergunto-me se Mário de Andrade, compulsivo escritor epistolar, prevendo a contribuição delas à uma consolidação histórica da literatura do Brasil, se considerava ou manipulava sua escrita ao dialogar com o outro. Isso porque ao escrever minhas cartas, a todo momento pensava em você, leitor, que imagem de mim construiria, me levando algumas vezes a pensar melhor na sintaxe, não relembrar tão claramente de algo constrangedor ou muito íntimo. Jeanne Bern, em “Le statut littéraire de La lettre” (Jeanne Bern *apud* MORAES¹⁸), propõe que as cartas,

¹⁷ BORGES. Jorge. **O Aleph**. Barcelona. Seix Barral, 1984.

¹⁸ Andrade, Mário de Andrade, 1893-1945 – Correspondência 2. Bandeira, Manoel, 1886-1968 – Correspondência. Org.: Moraes, Marcos Antonio de. 2ª ed, Edusp, 2001.

escrevê-las é contribuir para formação de uma *obra involuntária* que descende do mundo literário. É lidar com a possibilidade de se tornarem públicas. Mário em todas as vezes que teorizou sobre o assunto, banalizou as tentativas de enquadrar e formatar os gêneros atestando um entrosamento entre todos, é o que revela em carta à Fernando Sabino:

Discutir ‘gêneros literários é tema de retorquice besta. Todos os gêneros sempre e fatalmente se entrosaram, não há limites entre eles. O que importava é a validade do assunto na sua forma própria. (MÁRIO *apud* MORAES, 2001; p.: 17)

Assim, essas cartas com nome e endereço certo, atemporais e universais, transformam cada leitor em um destinatário, resgatam a leveza das narrativas orais e promovem aperfeiçoamento aos escritores.

4.2.Literatura e a carta sem origem e sem destino

“Eu sempre afirmo que a literatura brasileira só principiou escrevendo realmente cartas, com o movimento modernista. Antes, com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam “estilo epistolar”, oh primores de estilo! Mas cartas com assuntos, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem sem mandar respeito à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar minuetas sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura”. (Mário de Andrade, “Amadeu Amaral”, O empalhador de passarinho)

As cartas, tocantes e pungentes, mais que escritas nas linhas, florescem nas entrelinhas dos sentidos e o leitor é transformado em destinatário, pois o que é dito confidencialmente pode ser entendido por todos sem se entregar por completo, não por

mero capricho de sustentar um segredo, mas sim porque o que é dito é irresoluto por natureza e pertencente a todos nós. Assim a carta se é feita no momento em que se dá em uma mescla de pudor e provocação: não se lê para desvendar mistérios pensando que cada verso oculta sintomas, segredos bibliográficos assim como não se deve ler como literatura pura se isentando das indiretas. A carta é a construção de uma trança feitas com fios de conversa verdadeira e linhas (quicá prosa) inventadas as quais as pontas se unem. A carta de amor em trânsito, a duplicidade de sentido que nos ata: quem está em trânsito: o amor ou as cartas? Enviar cartas hoje, mais que se comunicar é não hesitar em se conectar em outro nível de realidade e isso independe se a comunicação é feita a outro ou a si mesmo, diferente das redes sociais em que se há uma interação simultânea, essas, na ausência do outro, o simulamos a ponto de confundirmos os limites do “eu-remetente” e do outro-destinatário”, nesse jogo imaginário, tudo é possível. Ana Cristina César nos explica melhor:

Depois que desliguei o telefone me arrependi de ter ligado, porque a emoção esfriou com a voz real. Ao pedir a ligação, meu coração queimava. E quando a gente falou era tão assim, você vendo TV e eu perto de bananas, tão sem estilo (como nas cartas). Você não acha que a distância e a correspondência alimentam uma aura (um reflexo verde na lagoa no meio do bosque)? (CESAR, Ana Cristina, 2013; p. 47)

Entendo o que a poeta diz, ao escrever as minhas cartas não me bastava a tríade sentar-escrever-comunicar. Escrever carta está além de se comunicar com o outro. É antes propor um momento de epifania sobre si ao movimento duplo de exteriorizar e internalizar o que (im)pulsiona escrever fazendo surgir uma atmosférica poética que precederá e acompanhará a escrita. Desacostumada às longas mensagens e possibilitada pela dinâmica de uma conversa a dois (através das redes sociais), estar diante de um papel em branco e imaginar um diálogo em que me comunica ao outro e, em alguns momentos, idealizar uma postura dele diante meus pensamentos, tentar prever o que não é passível de ser previsto, é um trabalho árduo de escrita. Para mim funciona assim, escuto uma música, ou vivo uma situação que desencadeia na vontade de me conectar em razão de termos partilhado um momento que me remete a essa lembrança. Um bom exemplo são as cartas número IV e VII em anexo, escrita a dois grandes amigos, Lucho e Jorge (respectivamente). Nelas conto o que motivou aquele escrito:

Ah! Já ia me esquecendo, pela noite meu amigo que também toca MPB ele foi fazer uma apresentação, e como eu tinha comentado com ele de você e da música do Zeca Baleiro que você tocou pra mim, ele a tocou (Carta em anexo 2.3.1)

(...) suele que siempre veniste em mi memória. Hace poco encuentre una foto de nosotros que estaba perdida. Que ganas de hablate!!! (Carta em anexo 2.5.4)

Hola hermoso, ayer yo he estado por todo el dia a escuchar Jorge Drexler, em algún momento pasa el tema “Rio Abajo”. Escuchar esa música, más que acordar de vos que me la enviaste después de nuestro encuentro em Mendoza, es acordarme de mis principales momentos de câmbios, los primeros y más fuertes donde estaba probandome por la primera vez em un outro país, idioma y cultura. Jamás tenia logrado tan lejos de mi misma. (carta em anexo, nº 2.5.6)

Basicamente a escrita delas são desencadeadas po algo que, de alguma maneira, as fazem submergir da memória. Quão distante estou de quando as escrevi? É a essa indagação que este recorte me obriga. É engraçado reler e perceber os equívocos gráficos que devem ser transcritos na íntegra, como diria Ana Cistina C. (2013, p.50): “Não corriji para não perder um certo ar perfeito”. A escrita epistolar vive do momento, no computador você pode revisar, se errar, basta acertar e imprimir novamente ou aí sim enviar. O outro nunca vai saber o que foi alterado ou melhorado. Aqui nas cartas, os erros são dogmas que você terá que lidar, mesmo que escondido sob um rabisco de caneta. O erro está lá, latente e pronto pra denunciar o que o acarretou. Há coisas que não se pode esconder, há coisas que não se pode voltar atrás e tudo que nos resta é seguir enquanto nos revelamos. Aliás, assim como os erros, a letra também pode ser um grande indicador, há cartas que elas começam em um tamanho e de acordo com o que falta transmitir, se muito ou pouco, ela diminui ou aumenta para se fazer caber na folha. Nela tudo é sintoma. Mas algo que os emails e as cartas tem em comum é a impossibilidade de alterar aquilo que já foi enviado, já não nos pertence mais.

A carta faz mais que a comunicação, transgride ao mundo da criação, da ficção para dar conta de algo e, assim como Ana Cristina C., é transgredir os limites da realidade em prol de um faz-de-conta, uma recriação de um mundo não de mentira, mas de um mundo possível ao qual a realidade não da conta. No entanto é uma tentativa de

amenizar o que sente quem escreve e não a quem se escreve e somente isso explica as tantas cartas não enviadas, guardadas e esquecidas no tempo, construções sintáticas que já não despertam o sabor dos humores e tão pouco dos desgostos. Para transcender a este mundo, basta um fator que abra essa passagem: um cheiro, uma música. Algo que permeie a memória afetiva e conduza a um sentir que se deseja concretizar, ou ao menos saciar. De acordo com Beatriz Sarlo (2007) O “passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história” (57), ele volta com uma guinada subjetiva valorizando os detalhes e originalidades do ocorrido, esse que talvez inventado e nesta atmosfera “Propor-se não lembrar é como se propor não perceber um cheiro” (59). Talvez escrever, mais do que palavras para ausentes, seja lidar com o que perdemos e que só pode ser conservado no campo da memória. Na carta em anexo 2.5.3 os desenhos começam a integrar um campo significativo, a palavra e a imagem partilham a mesma responsabilidade de se fazer entender, de se sentir querido. Nela, no campo superior direito há uma imagem que se quer uma representação do destinatário com referências do momento que ele vivia quando nos conhecemos, ele tinha acabado de voltar de uma longa viagem pela França, por isso o balãozinho com a frase em francês “Je suis” (que significa “eu sou”). No campo inferior esquerdo, o desenho do momento que, até hoje, mais que recordar a lembrança daqueles dias em Córdoba, desperta os sentimentos que vivia naquele momento. Uma caixinha de música, ao final de tarde, contra a janela, sob os raios de sol que começava a se por ao qual na carta, além da referência em imagem, descrevo em palavras:

De alma y gustus muy sencillos, así que llegué en sua casa... me encante!!!
La decoración, los libros, las fotos pero, sin embargo, fue La cajita de musica que me transportaste a un adestimiento y en aquello momento yo he podido tener una cita conmigo misma. Yo jamás podre olvidarme de esse momento que desbordo mi cuerpo de sentimientos que yo no puedo dar nombres. Sin embargo son fuertes a punto de cambiar para siempre la vida. (Carta anexo 2.5.3)

No entanto, ao decorrer da produção das cartas, os desenhos nem sempre tinham a ver com algo que eu senti especificamente e sim algo que remeta ao destinatário, como na carta V, destinada a Maxi. Nela se encontra um desenho que se quer uma reprodução de um fotografia que ele tinha na parede de sua sala, ao lado direito da imagem na carta, escrito em letras minúsculas o nome de um álbum de um cantor argentino, *Tango 4* de Charly García. Cantor que Maxi mesmo me apresentou e a partir de uma música deste

álbum me fez retomar alguns questionamentos que esse meu amigo sempre me provocou

Em su computadora siempre escuchávamos Charly García y, yo no sé se el universo o la magia de Charly, pero por la musica las palabras llegaban em el momento perfecto. (...) En esos dias estaba escuchando Charly (tango 4) y la musica, el tema “Mientes” no me salía de la cabeza, del narrador y do sufrimiento por su pareja. Acordome por demasiado de vos, fue la primera vez que escuché que las cosas no tienen que pasar de una manera tan “romantica” donde tiene que sufrir pá se digno de algo. Me cambió por completo nuestros días juntos y por algun tiempo tube miedo de volver a mi país y ser la Nay de siempre, sin vos para mi ayudar com los câmbios. Ahí que está el reto, mantener la otra donde siempre fue una y las personas están acostumbradas. (Carta em anexo 2.5.5)

Na carta de número VI, nota-se a evolução dos traços, dos planos e das perspectivas. A partir do branco do papel e as canetas de cor vermelha e preta, a imagem é uma representação de uma foto que o destinatário me enviou de seu país (Alemanha), motivado por algumas conversas nossas em que me referia que a estação que mais gostava era o outono devido o Brasil não ter essas marcações sazonais tão fortes e essa estação não ser tão brusca para mim como talvez o inverno. Na carta de número V temos a referência à música, aqui o *corpus* da letra se integra ao papel, onde imagem e letra se relacionam intimamente.

No texto, *Escritores Criativos e Devaneios*, Freud (1996) diz que o escritor criativo faz o mesmo que a criança quando brinca e que a linguagem preserva esta relação entre o brincar infantil e a criação poética. A principal diferença do adulto para a criança é que, ao invés de brincar, ela fantasia e o adulto envergonha-se de suas fantasias por serem infantis e proibidas:

As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória (...). Os desejos motivadores variam de acordo com o sexo, o caráter e as circunstâncias da pessoa que fantasia, dividindo-se naturalmente em dois grupos principais: ou são desejos ambiciosos, que se destinam a elevar a personalidade do sujeito, ou são desejos eróticos. (Freud 1996a, 152)¹⁹

¹⁹19 FREUD, Sigmund. *O Futuro de Uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Assim, ao recriar um mundo possível através deste simulacro experimentam-se sensações, outras situações sociais e não menos importante tenta dar conta à inquietação que o leva à folha em branco. Une-se o que punge ao prazer. De que maneira a criação desta literatura ajuda ter uma visão mais ampla da realidade, ou melhor, da sua realidade? Candido (1976) nos diz que devemos entender por literatura:

Obras e atitudes que expressem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda *obra* é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A *literatura*, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, _ para chegar a uma “comunicação”. (CANDIDO, 1976, p. 139)

Segundo Compagnon (2003), é a *literariedade* de um texto que garantirá que certa obra seja uma obra literária, entendendo por *literariedade* tudo o que provoca estranhamento e renova as formas automáticas de sua percepção. A literatura explora sem fim prático o material utilizado. “Enfim, a literariedade não é questão de presença ou de ausência (...): é a dosagem que produz o interesse do leitor” (COMPAGNON, 2003, p. 43). O leitor só se mantém interessado porque a obra estética não se distancia de um conjunto de instituições (político, cultural, econômico, etc.) sociais em que está inserido, quer a obra/ o artista se oponha ou se harmonize neste sistema.

Para estas cartas utilizarei o termo “ficção” partindo do pressuposto que estas não são opostas á realidade, e sim, o termo possibilita a criação de uma atmosfera ao qual faz parte de um mundo que não é o mundo dado, mas é “como se”, e, nesta representação, da realidade não se pode duvidar. Segundo Wolfgang Iser (1996, p. 209), relação entre ficção e realidade é o imaginário, a maneira de operar da ideologia é a produção do imaginário social. Representações, normas e valores formam um tecido de imagens que explicam toda a realidade e prescrevem para toda a sociedade o que ela deve e como deve pensar, falar, sentir e agir. Para Iser, ficção é a configuração do imaginário, assim presume-se que tanto ficção e realidade são formadas do mesmo material imaginário, ao qual suas fronteiras são delimitadas entre os membros de um grupo social. Ambos não são aprendidos, são construídos.

A ficção provém do ato de ultrapassar as fronteiras existentes entre o imaginário e o real, mas mantém uma diferença constante quanto a ele, (...) adquire predicados da realidade e guarda os predicados do imaginário. ²⁰ (ISER, 2002, P. 174)

Talvez o que Iser quer nos contar é que a realidade seja fundamentalmente estruturada por certo tipo de ficção, onde cada um ultrapassa a verdade a sua maneira. Conta também que o ato de ficcionalizar é próximo ao sonho, a diferença é que enquanto um acontece de olhos abertos, o outro fechados. No entanto a ficcionalidade literária não é em si mesma o significado, mas sim, um certo tipo de matriz de significados, que em movimentos constantes de ocultar e revelar, nos traz algo que ultrapasse o que imaginamos.

²⁰ ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário. Perspectivas de antropologia literária*, 2002, p. 174.

5. TODA CARTA É UMA CARTA DE AMOR

5.1. Por uma carta menor

Para continuar a análise da relação entre as cartas produzidas no interior da instalação e literatura, será necessário trazer a obra *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*, onde Candido (1976) inaugura o livro com o capítulo *Crítica e Sociologia*. Aqui encontra a idéia do autor sobre *externo* e *interno*, respectivamente o primeiro faz referência ao fator social e ele não como causa-efeito na obra literária, e sim como “desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se portanto, interno”²¹, transformando todo o social em arte já que sua performance tem como principal a deformação da realidade através do arbitrário. Mostra uma preocupação muito grande do autor de consolidar uma crítica que rompa com o paralelismo crítico que situa de um lado aspectos sociais e do outro a sua ocorrência na obra em si. Enquanto Candido demonstra uma preocupação evidente em criar fundamentos sobre como fazer uma crítica, Compagnon (2001) problematiza o que vem antes da crítica literária, a própria literatura, para ele há três possíveis definições principais: a primeira que a obra tem um objetivo (geralmente relacionado à educação), a segunda subdivide a literatura em dois: geral (toda a massa de livros é literatura) e restrita (apenas textos aclamados pela recepção), e por último traz o conceito de literariedade (apesar de, este conceito, problematizar mais que esclarecer). No entanto, o autor não comunga das mesmas preocupações que Candido, em determinado momento questiona que “todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão. Dizer que um texto é literário subentende sempre que o outro não é” (33). Assim

Tudo o que se pode dizer de um texto literário não pertence, pois ao estudo literário. O contexto pertinente para o estudo literário de um texto literário não é o contexto de origem desse texto, mas a sociedade que faz dele um uso literário (COMPAGNON, 2001, p.45)

Se Compagnon (2001) afirma que “as respostas passam e as perguntas permanecem (17), questões acerca da literatura em si, ser ou não ser literatura, a partir das obras de Rancière (e sua teoria sobre o *Regime Estético*) e Gilles Deleuze e Félix Guattari, já não se fazem importantes. Literatura/não-literatura, boa/ruim e tantas outras polaridades dão lugar a uma principal que os autores de *Por uma Literatura Menor* (2014) trazem à luz:

²¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. revista. São Paulo, 1976, p. 4.

maior e menor e com eles outras questões acompanham essa dupla conceitual: estático/dinâmico, dominante/dominado, senhor/escravo. No entanto Deleuze e Guattari (2014) se apoiam na relação maior/menor para dar conta de como os contratos sociais, políticos e culturais atuam. Buscam aquilo que pode ultrapassar do político para o social e alterar aquilo que a obra denuncia, não como crítica, mas como sintoma. A função das cartas, assim como a função de Kafka utilizada como exemplo, não é de “solução” ou “liberdade”, e sim de “linha de fuga” e no decorrer da qual tudo se torna político, tudo toma um valor coletivo. Assim temos a definição de literatura menor

O problema da expressão não é colocado por Kafka de uma maneira abstrata universal, mas em relação com literaturas ditas menores (...). Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes o que uma minoria faz em uma língua maior. (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.35)

Neste texto, a idéia de uma hierarquia literária transcende para algo que não se quer: um cânone. Não se dispõem à mimese e sim insistem na urgência de criar algo novo fora das representações da língua. Para tal definem três características principais da literatura menor: a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo da enunciação. Sobre a primeira característica da literatura menor

rica ou pobre, uma linguagem qualquer implica sempre uma desterritorialização da boca, da língua e dos dentes. A boca a língua e os dentes encontram sua territorialidade primitiva nos alimentos. (...) Há, então, uma certa disjunção entre comer e falar – e, mais ainda, malgrado as aparências entre comer e escrever: sem dúvida pode-se escrever comendo, mais facilmente que falar comendo, mas a escrita transforma antes as palavras e coisas capazes de rivalizar com os alimentos. Disjunção entre conteúdo e expressão. Falar, e sobretudo escrever, é jejuar.” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.41)

Assim, somente o ato de falar já marca a desterritorialização e reterritorialização²², ao momento que criam um evento novo há algo que, supostamente, já vinha com uma função a desempenhar (no caso da boca, a alimentação), já é uma performance política e por este ângulo, a política aqui se apresenta como o “real” da literatura por poder atuar diretamente nas práticas sociais. Diante disso, a principal reflexão que devemos fazer é como a leitura e a escrita dessas cartas podem fortalecer essa atuação. Bem, no que diz

²² O livro traz um tom negativo ao falar da reterritorialização, penso (grifo meu) que seja por querer que o desterritorializar seja o protagonista da dinâmica territorialização-desterritorialização-reterritorialização.

respeito à literatura menor, essas cartas competem no caráter experimental de suas leituras e interpretações, os relatos se metamorfoseiam em workshops de experimentações e experiências discursivas-poéticas-sociais as quais, mais que buscar o que significam, evidenciam como funcionam, mostrando sua real façanha: descobrir e articular o que faz, como criam conexões e agenciamentos, transmitem e transformam intensidades inseridas em outras multiplicidades e isso é o que garante a continuidade da força encontrada no texto. Basicamente esse pensamento é o fundamento da literatura menor feito por Deleuze e Guattari ao qual a literatura mesma agencia seu próprio desdobramento em teoria, não a limitando a ser objeto da teoria literária e tão pouco do pensamento filosófico.

Se, ainda quando se formava a idéia da instalação “Cartas em Trânsito”, sempre reneguei a idéia de uma análise dos escritos ou mesmo o teor psicanalítico, o mesmo se faz com as leituras de Kafka, os filósofos renegam veemente toda possibilidade de leitura vinda dos campos psicanalíticos dando vez aos pactos diabólicos²³ (um sujeito singular que encontra outro sujeito singular²⁴), a maneira como se constroem e a modo como se propagam. Escrever é passar por um processo de desterritorialização enquanto a língua é colocada em funcionamento. Nas cartas, esses processos se cruzam por não termos definidos os limites entre sujeito de enunciação e sujeito de enunciado, ou seja, a língua atuando ou o produto dessa atuação em que a presença oferecida pela voz íntima possibilita a exclusão, a ausência e a presença do escritor, simultaneamente. Assim constatamos que a literatura decorre de um “eu” autoral como fruto de suas experiências de vida, e sim influi no campo íntimo, neutralizando a suposta profundidade e autonomia na exteriorização dos mecanismos que a amarram nas engrenagens da família, do trabalho e da sociedade, interpeladas e contestadas pela própria escrita. Nas cartas, a potência da literatura é a maneira como algo individual toma valor coletivo.

É a literatura que produz uma solidariedade ativa (...). A máquina literária toma assim o lugar de uma máquina revolucionária porvir, de modo algum por razões ideológicas, mas porque só ela é determinada a satisfazer as condições de uma enunciação coletiva que faltam por toda outra parte nesse meio: *a literatura é a tarefa do povo*. (DELEUZE; GUATARI, 2014, p. 37)

²³ Entendo pactos diabólicos como encontro de heterogeneidades (grifo meu)

²⁴ Grifo meu.

Se Deleuze e Guattari (2014) usam Kafka como exemplo, um escritor tcheco que escreveu em alemão como parte de uma minoria judaica em Praga, na instalação esse processo de desterritorialização se dá, portanto, em um andar sobre a corda bamba do idioma materno como mostra a citação abaixo:

Quantas pessoas vivem hoje em uma língua que não é a sua? Ou então não conhecem mesmo mais a sua, ou não ainda, e conhecem mal a língua maior de que são forçados a se servir? Problema dos imigrados, e sobretudo de seus filhos. Problema das minorias. Problema de uma literatura menor, mas também para todos nós: como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem, e de fazê-la escoar seguindo uma linha revolucionária sóbria? (DELEUZE, GUATTARI, 2014, p. 40)

A partir destas reflexões, a desterritorialização das cartas marca a ruptura do sujeito e de suas obrigações burocráticas com a língua materna, o que o faz deslocar-se ou desobrigar-se do desempenho comunicacional de um “eu” e o “outro” no seu “lugar de fala”. É renegar uma identidade nacional que nos é posta para suprir uma idéia de consciência nacional que muitas vezes não existe. É por essa desarticulação, desse arranjo de consciência nacional, que enxergamos a importância da instalação e de iniciativas que aspirem de mesma ideologia, posta em uma rodoviária e que possibilite que a literatura, mais que emancipar, seja uma arma encarregada do papel político trazendo das margens “uma outra comunidade potencial, [a] forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade” (DELEUZE, GUATTARI, 2014, p. 37). Mas é importante aqui insistir que o caráter minoritário da literatura das cartas, assim como a de Kafka, para Deleuze e Guattari, exemplifica as condições de uma prática minoritária e revolucionária em toda língua e que aceita o exílio no interior de um padrão discursivo imposto, é talvez ser estrangeiro na própria língua ao carregar sotaques, expressões, construções sintáticas ímpares e assim destituir o lugar de fala e causar o estranhamento para quem se fala através de quem fala fora desse lugar.

Assim, o escritor ou o artista não precisa efetivamente formar parte de uma minoria, basta “encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28-29). É a língua que perde seu padrão, sua norma, o que é aceito ou não e provoca novos arranjos nesta realidade apresentada através da escrita e gera frutos de uma potência coletiva, da vida vivida que são atravessadas por um repertório singular de vida e de

uma geografia em si. Antes e primeiro de tudo, um povo que a ele não foi acreditado grandes feitos heróicos, desacreditado em “dominar o mundo. É um povo menor tomando um devir-revolucionário. Talvez ele só exista nos átomos do escritor, povo bastardo, inferior, dominado, sempre inacabado... É o devir do escritor” (DELEUZE, 1997, p. 14). Através das cartas este povo aparece direto das margens da sociedade e da razão para ampliar os limites dos campos dos terrenos de aprendizagem e sim, em uma rodoviária, um lugar possível de encontrá-los. É ir buscar onde esses escritores potenciais estão e não onde se determinou que deveriam estar, os sintomas estão pelo mundo e podem ocorrer em qualquer lugar, não apenas onde se designou que literatura deveria ser feita e ensinada e ao mesmo tempo tão distante e fora do alcance, um privilégio, ou seja, universidades, escolas, etc.

A instalação obriga a narrativa a sair dos seus eixos atravessando de “fórmula” para “delírio” e que sempre visa a acentuar a “performance” da literatura como a potência da indeterminação ou das metamorfoses. É nesta perspectiva que a escrita dessas cartas se dá, praticadas por uma língua menor que se situa no interior de uma língua majoritária, expostas pela literatura e que afasta os usos extensivos e representativos. Uma língua menor que produz uma literatura menor e que caracteriza um procedimento revolucionário. A escrita das cartas, sua produção é uma subversão do uso da língua que sempre se coloca em favor de um poder institucional, elas renegam uma retórica auto-afirmativa, o lado doutor-burocrático da linguagem, escrevê-las é se voluntariar para seu próprio exílio, no entanto com a sensação de dever cumprido.

5.2- Por um universalismo poético

Literatura, penso, é o exercício experimental de escrever e reescrever a carta de amor, nele a narrativa possibilita um mundo em que a experimentação está ao alcance de qualquer um, para além do gênero e da raça. Por isso minha intenção é a de focar representação e realidade simultaneamente, como cara/coroa, verso/verso da mesma moeda, de tal maneira a que cria a impossibilidade de sob algum ponto de vista, absolutizá-lo, o ponto de vista escolhido, uma vez que as realidades têm as suas representações, assim como estas têm as suas realidades, nunca valendo por si mesmas,

separadamente. Um “como se” tudo fizesse parte de um pacto de aceite, tanto a realidade quanto a representação.

Soares²⁵ nos lembra de Dom Quixote e sua carta de amor que faz para sua amada, aqui o cavaleiro andante “se” experimenta em um jogo entre ficção e realidade, humanamente entre seus delírios, assim provoca o encontro das várias alteridades heterogêneas:

Como humano, demasiadamente humano, Dom Quixote impulsiona sua rede delirante de iconoclastia entre a realidade e a ficção, entre o verdadeiro e falso, o imanente e o transcendente, em busca não de um encontro pessoal, mas de dois, ou ainda de um jogo especular entre o “real” e o fictício, já que suas aventuras iconoclásticas têm como endereço, ou podem ter, como pretexto, tanto a camponesa Aldonza Lorenzo quanto a aristocrática Dulcinea del Toposo, sendo que esta pode ler sua carta de devoção e a outra, analfabeta que é, não. (SOARES, 2013, p. 174)

Para manter essa equação em bom estado, Badiou (1996) defende que a verdade deve ser pensada como um evento do pensar. Ele que foi discípulo de Louis Althusser e Jacques Lacan, para ele a filosofia não é uma mera prática acadêmica e sim uma maneira de abordar os problemas e analisar as condições em que o pensamento se torna ativo. A verdade inaugura um processo que torna a partir de então possível um sujeito. A idéia se aplica, por exemplo, à singularidade da verdade no caso da arte. Cada obra é um ponto-sujeito da verdade em jogo e o sujeito é pensado como um acontecimento raro, não cotidiano que dela depende para se produzir uma ética que ultrapasse a inconstância do ser, por isso que o filósofo mantém uma crítica bem incisiva à construção de sujeito através dos direitos humanos.

A instalação que proponho é criação: escolha legítima daquilo que, antes dela, é indiscernível. Ela é uma obra finita. No entanto, como verdade artística, prossegue até o infinito já que ela, assim como a arte em geral, tem o poder de antecipar aquilo que o pensamento não processou. Assim temos o sujeito como consequência dos sucessivos eventos que ocorrem em sua vida e se a verdade deve ser considerada como um evento

²⁵ Soares, Luís Eustáquio. *América Latina, literatura e política : abordagens transdisciplinares / Luís Eustáquio Soares*. - Vitória : EDUFES, 2013. 183 p.

de pensar é só a partir dela que se inaugura um sujeito. Em *O ser e o evento* (1996), o filósofo apresenta as três estruturas que criam um evento: situação *histórica*, *decisão teórica* e *intervenção*. Diz que primeiro acontece uma situação, depois ao nome delegado a ele pertence, mais que os elementos dessa situação pertencem sim ao próprio resumo do ocorrido e depois a existência de outros eventos que se co-relacionem, dialogam com a situação histórica. De tal modo passa com a instalação proposta, primeiro a necessidade de fazer com que os alunos produzam textos literários e, somados a minha carga de projetos culturais desenvolvidos, livros lidos e a própria experiência pessoal Instalação “Cartas em Trânsito”.

A escolha da rodoviária é por perceber que praticamente nenhum aluno já tinha se locomovido de avião ou carro, a rodoviária era onde se destinava o poder de transgredir limites geográficos para eles. Ou talvez não, a rodoviária é a encarnação dos meus desejos insaciáveis pelo, não o que é, mas pelo que está no momento e a fluidez deste. A instalação é um “passar a limpo” da minha trajetória, é proporcionar a quem ali mais que transite, se emancipe e exerça a arte de ser outro negando quem a ele lhe foi imposto que fosse. E assim, de acordo com Badiou (1996), temos a produção do sujeito genérico, que é um cálculo *ad infinitum* que atribui valor de verdade ao evento. Aqui é propor uma emancipação sem os olhares castradores das instituições sociais e que o Estado é seu principal representante, e se todos são iguais não há a necessidade de “agentes democráticos” que, assim como destaca Rancière (2014), se utiliza da importância de levar democracia para na verdade chegarem a seus principais objetivos: enriquecimento.

No livro *São Paulo: a fundação do universalismo* (1994), Badiou traz a história do apóstolo Paulo e suas epístolas, e mesmo que entre ele e o apóstolo exista uma distância intransponível de crenças, conseguiu achar uma unidade na diferença no interior do discurso religioso contido nas 13 cartas, ressalta que o primeiro a falar sobre igualdade/universalismo foi Paulo quando renega sua origem privilegiada (de cidadão romano legal) e as estruturas das camadas sociais que regulamentavam a sociedade, ele pregava a igualdade e a irrelevância de religião, naturalidade, classe e raça para bendizer o amor de Cristo, isso após o evento da ressurreição.

Os textos de Paulo são cartas, escritas por um líder aos grupos que ele fundou ou apoiava. Elas cobrem um período bastante breve (de 50 a 58). São documentos militantes enviados a pequenos grupos de convertidos. Não são, sob hipótese alguma, narrativas, ao modo dos evangelhos, ou tratados teóricos, do tipo escrito mais tarde pelos Pais da Igreja, nem são profecias líricas, tais como o Apocalipse atribuído a João. São intervenções. (BADIOU, 2009, p. 33; grifo do autor).

O elemento do encontro de Paulo com a visão que teve de Jesus foi essencial, um grande acontecimento em sua vida e que o possibilitou vários outros encontros, relações, vínculos, outra realidade e deste modo poder fazer algo novo. Não é só o encontro, e sim as conseqüências deste encontro, imprevisíveis e incalculáveis, que o possibilitou esse momento de “graça”. Para essas pessoas na rodoviária, que nada fazem entre sua chegada e partida, mais que perpetuar a resistência de um gênero, se faz necessária a intervenção porque vai realmente mudar as coisas se, assim como Paulo, aceitam as conseqüências do acontecimento, transformando a vida e as concepções. Isso significa aprender com as conseqüências e se comprometer em uma construção da vida que depende justamente desse encontro. Ser fiel a ele, seguir com a possibilidade da emancipação, da criação e do movimento. A resistência do gênero e a experimentação da instalação é um ato de rebeldia contra a repetição e a idéia de que o mundo a ela está condenado (como vimos em uma das primeiras citações no capítulo 1 em que Barthes se refere ao conceito de literatura). Esse ser e o acontecimento é um ponto de partida para pensar a possibilidade da interrupção da repetição porque a vida é movimento e não está condenada “ao mesmo”, a isso está condenado a ser a morte.

O universalismo inerente à experiência do acontecimento faz com que o singular de cada sujeito se torne universal. O universalismo é uma experiência subjetiva absoluta e que Badiou (2009) desenvolve nos fazendo pensar, de maneira política e social, a importância extrema de um pensamento preciso da diferença. Insiste que devemos romper com a ideia de reduzir tudo ao mesmo, mostra que dentro da diferença se pode encontrar na política um princípio comum. É necessário que a unidade se construa no real, atravessando as diferenças, não as separando na tentativa de uma construção da identidade política. Temos que partir da idéia de que se encontrará o universalismo na diferença em lugar de exigir que haja identidade para encontrar a unidade. Qualquer

pensamento contrário é caminhar para uma exclusão e rechaço que nos acompanha por toda história e que não se cansa de se repetir. Enxergar a humanidade como unidade dentre todas as diferenças de etnia, crenças e etc.

Enquanto a experiência absoluta do acontecimento supera as pretensões de verdade artificiosas da argumentação do sujeito transcendental ou da essência objetiva do real, esse acontecimento, sendo pura experiência subjetiva, se traduz necessariamente em forma de amor militante. O amor se manifesta no testemunho público da convicção universal do sujeito e amarrado à universalidade a ele está a aposta, componente do desejo de filosofia. Isso porque a universalidade não é dada, mas é consequência da ruptura com a situação, ou seja, é fruto do engajamento e, por isso, uma aposta que

“no fundo, a filosofia só pode resistir ao mundo tal como é se souber discernir as experiências que são heterogêneas à lei deste mundo: as experiências políticas radicais, as invenções da ciência, as criações da arte, os encontros do desejo e do amor” (BADIOU, 1994, p. 17).

Badiou (1994) conclui que o mundo como é, não quer e rechaça a filosofia, porque é avesso à rebeldia, à lógica, à universalidade e à aposta. É avesso à revolta porque acredita na gestão e ordem natural dos acontecimentos. É um mundo que vive sob a lógica da adaptação e dos arranjos. Por isso a necessidade de resistência do gênero epistolar, em um mundo que somos mapeados e, da maneira como se é feito, romantizamos que esses aparelhos mapeatórios estão para facilitar a vida e que por serem tão eficazes no fizeram acreditar na falta de perigo que oferecem e em cada cadastro virtual novo, transcrevemos todos os nossos dados, permitimos que eles recolham tudo sobre nós em prol de uma economia de tempo, de facilidade e cada vez mais nos entregamos a essa sociedade de controle integrado.

O que fazemos é adaptar-nos, o que é bem diferente de rebelar-se. Adaptar é diferente de apostar, e não apostamos porque somos obcecados pela segurança. Fizeram-nos acreditar que temos que seguir uma fórmula de vida para que a promessa de felicidade se cumpra. Por isso que discursos como o “sonho da casa própria” ou uma “aposentadoria segura” são dispositivos que de maneira muito eficazes nos mantêm presos a um presente e a um roteiro: universidade, um bom emprego, carro e a casa

própria. A necessidade de segurança nos faz acreditar na pertinência de se integrar à uma dinâmica capitalista, de aceitar tudo por medo de não conquistar as promessas do “final feliz”. Não conquistar essas metas é não ser feliz. Fora da universalidade do mercado e da moeda, cada um está encerrado em sua tribo. Cada um defende sua particularidade. Por fim, é contrário à aposta e ao risco porque nos fizeram criar uma obsessão pela segurança.

Sob outra perspectiva, a instalação “Cartas em Trânsito” é uma aposta, é uma atitude rebelde que aposta no evento como agente transformador e produtor de uma consciência coletiva que se permite experimentar, errar e se conectar com o outro. É uma aposta contra o sujeito contemporâneo de Badiou (1996)

O sujeito contemporâneo (...) vazio, clivado, asubstancial, irreflexivo. Aliás, ele pode apenas ser suposto no tocante a processos particulares cujas condições são rigorosas. (...) por fim, contemporâneos de um começo no que diz respeito à doutrina da verdade, depois que sua relação de consecutividade orgânica com o saber se desfez. (BADIOU, 1996, p.12)

Daí que a filosofia se faz urgente quando referente a despertar o senso crítico, permanecendo como política libertadora e emancipatória, ela “[...] não deve aliar-se a uma ordem mundial do capital, que é na realidade uma desordem humana” (BADIOU, 1994, p. 17). A filosofia na opinião de Badiou deve ser uma filosofia da singularidade universal:

daquilo que é, a cada vez absolutamente singular, como um poema, um teorema, uma paixão, uma revolução; e, contudo, para o pensamento, absolutamente universal (...) que a filosofia seja uma filosofia do acontecimento, antes que da estrutura (...) Uma língua que circule entre o equívoco poético e a transparência científica (BADIOU, 1994, p. 18)

Ainda em *O ser e o evento*, Badiou faz uma aproximação entre matemática e historicidade. A matemática consiste em formalizar, dar uma forma rigorosa à idéia de estrutura e repetição e ao invés de descrever o fenômeno objeto, vai diretamente à forma interior desse fenômeno. Apresenta os conceitos da filosofia de tal maneira que também podemos ver que existe uma coerência formal, isso através da matemática. Assim estende à verdade das coisas, ela obedece a equações matemáticas, no entanto, através do meio poético; não há como mapear quando uma verdade se inicia, é preciso fazer

uma aposta, uma aposta que a intervenção vai provocar mudanças profundas no sujeito que se dispõe a experimentar, a se experimentar e jurar fidelidade a esse acontecimento,

entre o acontecimento e a verdade que se pretende acerca do acontecimento há uma relação de fidelidade; algo que é sempre particular, uma vez que o acontecimento é particular. Não há fidelidade em geral, mas situada no exame das situações (BADIOU, 1996, p. 188)

A idéia é como se a instalação se equilibrasse sobre os limites entre história e matemática e que Badiou (1996) nos convence que não é uma linha tão bem marcada como sempre pensamos, através da formulação do evento, nele nada é previsível e são os processos históricos que futuramente dirão se a equação da situação histórica e a decisão teórica se transformaram em um evento. Reitero que nada pode determinar ou calcular matematicamente qual será o ciclo de eventos na qual, por intervenção, um evento explica sua existência, não se pode dizer quais serão os eventos, só se pode dizer que eles existem e que a sucessão é uma das ordenações que legitimam, por intervenção, os eventos.

Essa leitura, no entanto, não pode servir para a produção de generalidades que de tudo descrêem, do tipo: “Não vou mais trabalhar”, e sim, estudar para tentar, ao renegar o que é imposto, criar uma rota de fuga. Nesse espaço criado na rodoviária, não pretende-se criar um lugar que renegue estar marcado por uma perspectiva afirmativa histórica, não impede terem sido capturadas pela contínua produção da ética social, que são igualmente históricas, razão pela qual podem assumir ou protagonizar perspectivas coletivas, liberadoras, não senhoriais. Com Badiou, se que é investigar esse medo a fim de defender a igualdade como o lugar do evento, entendido como a emergência daquilo que não existe. Ainda que a indústria cultural ou mesmo a instalação como esclarecimento tenha relação com a produção de um saber sobre a igualdade.

Numa negativização da sociedade de controle integrado, a fabulação, o lugar da imaginação pública, só tem uma saída: a produção de um evento ao mesmo tempo político, científico, artístico e amoroso, o que só seria ou será possível com e através da destituição das identidades, das funções de fala, dos tempos e espaços esclarecidos pela indústria cultural contemporânea. O conhecimento teórico das principais táticas e

estratégias de seqüestro da imaginação pública no contemporâneo, cometido pela indústria cultural, dissimula a igualdade que não há através da produção coletiva de uma imaginação igualmente elucidada. Constitui um desafio; a instalação propõe, razão pela qual em nome da igualdade inscrita no DNA da literatura, em termos de Rancière, são intervenções artísticas como esta que proponho e se faz urgente.

5.3. Da imagem intolerável à carta de amor

Vivemos em uma sociedade regida pela democracia, no entanto, como alerta Rancière (2014), o poder dominante precisa nos fazer crer que estamos inseridos e atuantes nesse sistema para poder atuar como decidir. Para tal, utiliza-se de estratégias como a inserção aos bens materiais para controlar esse reino de desejos que se encontra no interior da democracia e seguir exercendo de fato o poder. A nós, nos é relegado o poder que de verdade não será usado, em outras palavras, que não interferirá nos rumos do mundo e, no entanto, ainda sentimos como parte pertencente das decisões tomadas. Em *O mestre ignorante* (2015) ele proclama a igualdade das inteligências e desenvolve uma seqüência deste pensamento em *O espectador emancipado* (2012), nele transcendendo ao mundo das artes para simular a capacidade de conhecer e do poder de agir. A instalação se propõe a oferecer a todo e qualquer tomar posse do poder verdadeiro de fazer através da produção da carta de amor, permitir a flutuação do personagem que a divisão social impôs e que resultou na partilha de práticas, de saberes e na divisão física-geográfica.

À rodoviária é relegada uma relação estreita entre poder econômico *versus* tempo: quem tem menos dinheiro compensa com o tempo. Não se há mais uma heterogeneidade de classes neste espaço, quem tem dinheiro não precisa gastar tempo e quem não pode pagar que faça uso do tempo que lhe tem. Essa relação é tão evidente que pode ser bem ilustrada através de uma estratégia econômica para conservá-la, é o que explica as passagens aéreas somente serem vendidas no cartão de crédito e a postura das empresas de preferirem seus vôos vazios a vender no balcão, momentos antes do vôo, ao invés de passagens com preços “promocionais”; exorbitantes. Viajar de avião não é somente pela praticidade, é delimitar a linha do que torna “um” diferente do “outro”. Assim acompanhamos os tantos vídeos virais que marcaram a seqüência de mandatos do PT

(Partido dos Trabalhadores), esses que mostravam a indignação dos herdeiros dos donos das senzalas em compartilhar dos mesmos privilégios que os seus empregados.

Daí a urgência que se faz de intervenções artísticas que rompam com a postura passiva do espectador e que o façam exercer nessa escala atitudes ativas perante o mundo que vive e que isso se estenda a todos os âmbitos que transite. Espectador é “o contrário de conhecer. O espectador mantém-se diante de uma aparência ignorando o processo de produção dessa aparência ou a realidade por ela encoberta. Em segundo lugar, é o contrário de agir. O espectador fica imóvel em seu lugar, passivo. Ser espectador é estar separado ao mesmo tempo da capacidade de conhecer e do poder de agir” (RANCIÈRE, 2012, p.8). Escrever a carta de amor é não tolerar que as decisões sejam tomadas por outros e incorporar diretamente nas atitudes vivas a ação do fazer “no qual eles se tornem participantes ativos em vez de serem *voyeurs* passivos” (p. 9).

É preciso criar eventos que não haja passivos de um conhecimento e sim que propiciem pessoas a compartilharem seus saberes de maneira ativa, o espectador tem que ser encarado como mais uma peça do quebra-cabeça que rege esse espaço de aprendizagem, tão importante quanto para configurar o cenário completo. Para isso, nos é apresentado duas fórmulas para compor esse resultado, sobre a primeira fórmula

é preciso arrancar o espectador ao embrutecimento do parvo fascinado pela aparência e conquistado pela empatia que o faz identificar-se com as personagens da cena. A este será mostrado, portanto, um espetáculo estranho, inabitual, um enigma cujo sentido se precise buscar. (...) De acordo com a segunda fórmula, é essa própria distância reflexiva que deve ser abolida. O espectador deve ser retirado da posição de observador que examina calmamente o espetáculo que lhe é oferecido. (RANCIÈRE, 2012, p. 10)

Propor que a instalação seja esse espaço que arranca do embrutecimento ao marcarem suas palavras no papel e com elas, a tomada de consciência do seu sujeito histórico perante o mundo, partindo desse seu personagem principal para outros que até então impensáveis, é fazer concreta a possibilidade desses vários “eu” que a arte permite. Que o papel a ser incorporado seja aquele emancipado pela vontade de desempenhá-lo e não pelo que lhe foi imposto. É não se importar com a imprevisibilidade dos sintomas presentes por depositar fé no acontecimento emancipatório do evento e confiar na

fidelidade daquele que se propôs com a instalação. É confiar que romper essa distância entre artista e espectador é, de fato, promover a igualdade.

A verdadeira provocação que a instalação instiga, e que vai de encontro com a divisão econômica e de saberes é que ao pobre sim também se deve destinar a arte, pois só através dela a verdadeira emancipação pode ocorrer e assim promover a conquista de outros espaços e tempos. Como fazer essas conquistas em uma rodoviária? Ela, não um lugar, mas um entre-lugar que abriga pessoas que estão no meio de seus caminhos, já saíram de suas casas, mas ainda não estão em seus destinos. O ócio entre um ônibus e outro em que nada acontece e ao sujeito em questão se “designa este um estado singular: quem está pensando está ‘cheio de pensamentos’, mas isso não quer dizer que os pensa” (RANCIÈRE, 2012, p. 103). Nesse estado de potência de pensamento que a instalação quer atuar, mais que perpetuar um gênero, reconstruir o “eu” e o “outro” a partir de um jogo proposto baseado em três termos: imagem, ação e palavra. Flagrar o momento do tédio enquanto esperam e provocar a mudança através da linguagem. Um *container* que convida as pessoas a escreverem, produzirem sua própria carta de amor, onde poderão ler as outras cartas de amor que ali foram produzidas, olhar cada rumo que essas novas narrativas tomam e que por nós, não se é esperado nada já que o proposto é não tentar prever o que não é passível de ser previsto. Não ter controle do processo é não se importar com as conseqüências, imprevistas e bem quistas.

Em *O espectador emancipado* (2012), Rancière nos propõe refletir sobre o que torna uma imagem intolerável, ou seja, não aquelas que nos fazem sentir impotente e a vida segue como sempre seguiu mesmo diante da imagem. Traz como exemplo as provocações do fotógrafo Oliviero Toscani que, durante a semana de moda de Milão, expôs um cartaz que trazia com a imagem de uma jovem anoréxica, como denúncia dos efeitos dos perversos padrões que a moda exige e acarreta, dentre tantas opiniões controversas, a imagem não resultou em ação visto que a semana de moda de Milão seguiu seu percurso, assim como todos os eventos de todo o mundo. Ela provocou culpa no seu espectador o que não foi suficiente para desencadear atitudes. Essa “imagem é considerada inapta por criticar a realidade porque faz parte do mesmo regime de visibilidade daquela realidade, que exhibe alternadamente sua face de aparência brilhante

e seu avesso de verdade sórdida” (RANCIÈRE, 2012, p. 83-84). A imagem intolerável é sim olhá-la e não ser capaz de ser indiferente, mostrando àquele que olha o que ele (supostamente) quer ignorar. Ou então por achar que são vítimas de um sistema que produz toda essa miséria sem (querer) perceber que elas mesmas são contribuintes fortes para tal situação.

Como produzir o intolerável? O filósofo afirma que o “deslocamento do intolerável na imagem para a imagem intolerável esteve no centro das tensões da arte política” (RANCIÈRE, 2012, p. 84) e se antes se notava o conflito entre imagens que diziam respeito às aparências junto a essas reflexões, afirma que no mundo contemporâneo todas imagens estariam em pé de igualdade à exibição universal, no entanto, a urgência é de buscar entender os processos que colaboram na criação de novas maneiras de ver, dizer e pensar que uma imagem pode possibilitar. A isso ele nomeia de imagem intolerável, aquela capaz de gerar a inquietação de seu espectador diante uma situação e converter isso em ação. É confiar que as narrativas ali expostas e desenvolvidas promoverão o agir de quem passa, em um tempo ocioso e cheio de pensamentos, desencadearão no sentimento de potência de sair de uma lógica embrutecedora e, a partir da vontade, se emancipar através do próprio saber. Outro ponto forte que o filósofo pontua é sobre a vontade do emancipador de ser testemunha do intolerável, pelo fato de ter “desejado” testemunhar. A verdadeira testemunha é aquela que não quer testemunhar, mas

“Precisa simplesmente porque precisa. Precisa porque não quer, porque não pode. O que importa não é o conteúdo de seu testemunho, mas o fato de sua palavra ser a palavra de alguém cuja possibilidade de falar é truncada pelo intolerável do acontecimento; é o fato de que ele fala apenas porque é obrigado a tanto pela voz do outro” (RANCIÈRE, 2012, p. 90).

Cartas em Trânsito é esse outro que o obriga à fala, a instalação é o evento que denuncia a imagem intolerável, é a voz que obriga o outro ao testemunho, é a rota de fuga aos domínios do poder que somente nos ensina a esquivar, desviar, ao subterfúgio, a evitar e rejeitar. É pensar nessas tantas cartas possíveis, um amontoado de palavras que dão nomes e conta a história pessoal de “alguém” que é resultado de uma divisão desigual do mundo que compartilham e que só se é tolerado por ser a história de ninguém, ou melhor, todos. É provocar a partir das cartas o “outro” através de histórias

personais possíveis e fazer do verbo, a máquina de subversão o atravessando de privilégio à direito.

Retomando a expressão “cheio de pensamento”, utilizada por Rancière (2014), aliada a imagem intolerável chegamos à expressão que ele mesmo utiliza: *imagem pensativa*, “é uma imagem que encerra pensamento não pensado, pensamento não atribuível a intenção de quem a cria e que produz efeito sobre quem a vê sem que este ligue a um objeto determinado” (RANCIÈRE, 2014, p.103). Acerca desse conceito vem a problematização que, mais que consequência da imagem, há uma zona de indeterminação que cabe entre tantos pólos, pensar em um jogo de função *versus* imagem que desencadeia em estados como passividade/atividade e arte/não arte. À isso, a instalação propõe não o atravessamento, mas a sequência de imagem intolerável a imagem pensativa defendendo que as cartas produzidas no interior da instalação também proporcionará essa prática ambivalente que, ao renegar se antecipa aos sentidos possíveis despertos nesse espaço a uma principal indeterminação: à respeito da estética do espaço, por ser uma instalação que se propõe a ser construída coletivamente, nela cada espectador um colaborador, a questão visual escapa à intenção devido essa ser multifacetada, fragmentada. O exercício do pensar, que antecede o ato de fazer, a imagem é criar o embaralhar os vários modos de representação e é isso, exatamente esse embaralhamento que resultará na imagem pensativa. Na instalação, assim como para Rancière (2012), ambos dispostos à relação indispensável ao existir da arte – entre o gesto que faz o que olhar que significa, sempre.

6. INSTALAÇÃO “CARTAS EM TRÂNSITO”

6.1. A coisa de cada lugar

A história dos Correios no Brasil progride paralela ao próprio avanço histórico do país e, de acordo com o próprio site dos Correios²⁶, chegando ao ponto de um, a partir de si, fornecer um panorâmico histórico do outro. Desde o início “dos serviços postais até os dias de hoje, os Correios assumiram o papel de aproximar as pessoas, buscando sempre o aperfeiçoamento dos serviços e produtos oferecidos à sociedade, de modo a sagrar-se como uma das instituições mais respeitáveis do Brasil”²⁷. Foram as cartas um dos principais recursos no processo de colonização tendo como marco principal dessa correspondência a carta-documento escrita por Pedro Vaz de Caminha ao rei D. Manuel I, nela descrevia sobre as aventuras desse novo lugar, então chamado Brasil. Com a descoberta do ouro no interior dessa nova terra junto com as caravanas de expedições, avança a atuação dos postais. Com a vinda da família real, em 1798, o serviço postal é regularizado e no Rio de Janeiro, se inaugurava a Administração do Correio no Paço Imperial, edifício (colonial) localizado na atual Praça XV de Novembro, hoje centro histórico da cidade. Ainda no período imperial, D. Pedro I foi o responsável pela expansão de outras administrações dos serviços postais nas províncias.

Desde então a estética artística acompanha os tantos possíveis âmbitos deste gênero, desde arquitetura quanto artes plásticas. Os prédios, hoje históricos, destinados nesse primeiro momento aos serviços postais, nota-se uma preocupação arquitetônica como o centenário Prédio Histórico dos Correios em Porto Alegre, hoje transformado no Espaço Cultural Correios e Memorial do Rio Grande do Sul, o projeto foi assinado pelo arquiteto Theo Wiederspahn que buscou nas influências alemãs marcadas e nas formas barrocas a inspiração. As transformações desses imponentes modelos arquitetônicos em centros culturais que preservam a arte e a memória do serviço postal, ou de alguma outra maneira ligada a arte, é uma tendência. Podemos averiguar esse ritual em outros pontos do país como o atual Centro Cultural de Recife, em Pernambuco ou mesmo na Argentina, onde por iniciativa de Néstor Kirchner e sua mulher Cristina Fernández de Kirchner, ambos então já presidentes do país, transformaram o antigo Palácio dos

²⁶ <http://www.correios.com.br/sobre-correios/a-empresa/historia> Acessado por último em 28/01/2016

²⁷ Idem

Correios em “um grande espaço cultural capaz de abrigar todas as expressões da arte e da cultura, conservando a história de um edifício emblemático como é o antigo Palácio dos Correios e Telégrafos”²⁸. Esses são meros exemplos de uma lista incontável.

O Museu Nacional dos Correios preserva a história dos serviços postais, telegráficos e a memória de uma das instituições mais antigas do Brasil, os Correios. Além disso, possui, durante todo o ano, uma programação variada de atividades culturais no campo das Artes Visuais, Audiovisual, Música e Humanidades. O que vem a confirmar que desde a história do surgimento epistolar a comunicação não é a única preocupação que fundamenta esse serviço, ele sempre dialogou intimamente com as artes em geral e de certa maneira fundamenta até hoje. Nele podemos constatar que as preocupações estéticas ultrapassavam a arquitetura chegando às ruas através das caixas de coletas espalhadas pelas capitais e hoje expostas nos museus que, mais que facilitar o acesso dos usuários aos serviços despertavam um olhar artístico. Aliás, mais que despertavam, instigavam esses a aderir a esse ciclo ao motivarem que, em suas residências, se posicionassem esteticamente ao elegerem uma caixa de correios para depósito das correspondências, muitas influenciadas pelo estilo barroco encontrado na arquitetura dos prédios.

Percebemos que essa preocupação estético-poética ultrapassa a instituição Correios em si e influencia diretamente o indivíduo, em 1976 foi fundada no Brasil a Federação Brasileira de Filatelia²⁹, essa que de acordo com o blog oficial dos Correios, “Filatelia é normalmente definida como o ato de colecionar selos”³⁰, esses que são carimbos ou marcas oficiais presentes na correspondência, vendidos nas agências dos correios ou em casas especializada direcionada aos colecionadores, eles podem ser encontrados com os mais diversos temas como artes, cidadania, ecologia, personalidades, meios de transporte, aviação, fatos históricos, educação, entre outros. São as ilustrações destes,

²⁸ (Tradução minha). Encontrado em <http://www.culturalkirchner.gob.ar/www/548/20453/historia.html>. Acessado pela última vez em 28/01/2016

²⁹ Encontrado em <http://www.febraf.net.br/febraf.php?!=0&m=27> Acessado pela última vez em 28/01/2016

³⁰ Encontrado em http://blog.correios.com.br/filatelia/?page_id=206 Acessado por último em 28/01/2016

uma arte delicada que possui uma trajetória estético-artística mesclada à correspondência.

Assim, dizer que a idéia de uma instalação é inédita dentro do mundo postal é um equívoco, há uma relação íntima entre correspondência, arte, intimidade, postura política, historiografia e memória. Deleuze e Guattari (2014) dizem que a arte tem o poder de antecipar-se à matéria, se procede essa afirmativa, esse capítulo é destinado a ser um lugar de passagem entre o plano da ideia e a materialização da obra proposta refletindo sobre as escolhas que engendrarão a instalação, não com a pretensão de antecipar os possíveis efeitos mas como resultante de um acúmulo de saberes e experiências tanto profissionais quanto pessoais.

Bem, Foucault (1979) nos esclarece toda a progressão da idéia de disciplina e a maneira como ela confina através da distribuição espacial de indivíduos e saberes para a fabricação de corpos dóceis como, por exemplo, dentro da instituição escola, essa que detém todo o controle do que está sendo ensinado-aprendido. A partir desse pensamento, ou melhor, problematizando esse pensamento como aluna ou professora, nunca foi fácil delimitar um saber, o embaralhamento do caos da vida sempre refletiu em meu percurso e com este projeto não é diferente, a idéia de instalação transgride essa ordem disciplinar aos domínios do interdisciplinar. No entanto, em um texto acadêmico que mesmo com a intenção de romper com essa estrutura burocrata de ensino-aprendizagem, essa necessidade de discussão existe: a definição de categorias e classificações.

A primeira questão que me vejo obrigada a discutir é em relação ao que é uma instalação e para dar conta dessa resposta tão longínqua do meu campo de discussão, evoco a definição de Elaine Tedesco³¹ (2004) que diz que instalação nada mais é que as

³¹ O presente texto foi elaborado por ocasião da disciplina de Especialização no Curso de Pós-Graduação: Especialização em Ensino da Arte, no Centro Universitário Feevale, 2004 e revisado para a

poéticas que incorporam o espaço onde a obra instala-se como parte da mesma, criando, a partir daí, uma série de relações. Pensar essa instalação é confirmar esse pensamento e, apesar de pertencer ao campo literário, as artes plásticas sempre se fizeram presente dentro dos meus processos. “Cartas em Trânsito”, nascida a partir de traços no papel, foi concebida sob a idéia de que o observador esteja tão entrelaçado com a proposta que seu corpo integre como parte fundamental do espaço e da obra e que contribua para a construção da mesma, essa que inacabada por natureza, dependerá exclusivamente disso. Pensar nas dimensões estético-espaciais, de acordo com Tedesco (2004), tem início a partir da década de 60 em que a arte, ao espectador, deixa de ser passiva para uma experimentação física vivida, ou melhor, agora a integra. As propostas a partir de então já não são reféns das galerias, transgridem desde espaços físicos às ciências humanas, fazem uso da palavra, do corpo, de objetos ordinários que nada mais é que uma tentativa de aproximar a arte da vida. É a escrita da carta de amor como proposta de entrelaçar obra-espectador, penetrando-a de tal maneira que seja capaz de (re)criá-la e para tal é invocado do observador sua memória afetiva e é Merleau-Ponty quem responsabilizo para esse entendimento

Agora se manifesta o verdadeiro problema da memória na percepção, ligado ao problema geral da consciência perceptiva. (...) Recordar-se não é trazer ao olhar da consciência um quadro do passado subsistente em si, é enveredar no horizonte do passado e pouco a pouco desenvolver suas perspectivas encaixadas, até que as experiências que ele resume sejam como que vividas novamente em seu lugar temporal. Perceber não é recordar-se. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 49).

Para que o espectador possa viver novamente essas experiências iremos dentro da rodoviária para desenvolver essa relação entre artes plásticas, literatura e arquitetura por entendermos que o isolamento do conhecimento por disciplinas, em espaços estereotipados, mais tendem a moldar que emancipar. Proponho experimentar o deslocamento de lugares de aprendizagem, especialmente considerando os espaços em trânsito, lugares de não lugar que em si potencializam o procedimento genérico, conceito definido por Alain Badiou, em *O ser e o evento* (1996), nesses termos:

Se existe um complexo evento-intervenção-operador de fidelidade tal que um estado positivo infinito da fidelidade seja genérico (no sentido da definição) –portanto, se existe uma verdade, o referente-múltiplo dessa fidelidade (ou seja, a uma-verdade) é uma parte da situação: aquela

que reagrupa todos os termos positivamente conectados com o nome do evento, ou seja, os $x(+)$ que figuram em pelo menos uma investigação do procedimento (num de seus estados finitos). O fato de o procedimento ser genérico implica que essa parte não coincide com nada do que um determinante enciclopédico classifica. Consequentemente, essa parte é inominável unicamente com os recursos da linguagem da situação. Ela está subtraída a todo saber; ela não foi, por nenhum dos domínios do saber, já-contada, e nem o será, se a linguagem permanecer em estado – ou permanecer do Estado. Essa parte, em que uma verdade inscreve seu procedimento como resultado infinito, é um indiscernível da situação (BADIOU, 1996, p. 267).

Um procedimento genérico, para Badiou, não tem nada a ver com a enciclopédia da situação, entendendo por esta aquilo que o saber discerne, designa, denomina. O que é nominado pelo estado da situação (pelo Estado) é o contrário do genérico. É perceptível, mapeado e, como tal, de alguma forma capturável. Esse é o motivo pelo qual o procedimento genérico se realiza não pela soma de partes ou marcas de uma enciclopédia situacional, mas pela subtração de traços. O genérico não é isso ou aquilo; não é branco, negro, mestiço, homem, gay, mulher, latino, americano, mas o infinito da subtração, sempre se deslocando do saber, que limita, a fim de inscrever-se como indiscernível.

O procedimento genérico não discerne e nem se permite discernir. Pelo contrário é indiscernível, na subtração. É nesse sentido que a instituição escolar, enquanto tal, tenderá não ser um espaço adequado para a instalação. O saber do estado da situação (literalmente o saber do Estado, protegido por este) geralmente se faz pelo discernível: define, designa, soma. A instalação, nesse contexto, como um procedimento genérico, será mais propícia em espaços nos quais o indefinível se apresenta com maior força de expressividade, fora das marcas preestabelecidas. A rodoviária, enquanto tal, é esse sítio histórico potencialmente genérico, porque nela circula a humanidade inteira, como ser genérico inclassificável. Embora a rodoviária em si não seja o genérico, ela se faz como um espaço de um sítio histórico, assim entendido porque apresenta sem representar.

O que significa isso, apresentar sem representar? Significa que nela as pessoas se apresentam efetivamente, elas existem. No entanto, elas não estão representadas, porque no trânsito indiscernível que as (não) define, elas são por elas mesmas, circulando, irrepresentáveis. Isso é um sítio histórico. A rodoviária é esse sítio histórico da instalação. O que pretendemos com a instalação, com as cartas de amor, é despertar o

genérico: a literatura como carta de amor para qualquer um – indiscernível e sempre em subtração de marcas.

Talvez o fato de ter crescido no coração de uma família pobre, excluída de uma estética artística padrão e sob uma dinâmica que contrastava toda cultura veiculada na televisão e livros, acredito ser por isso que esse sentimento de não pertencimento seja o principal motivador desta instalação e as escolhas feitas, a possibilidade de que a arte de fato pertença a todos, desde consumo à produção. Embaralhar esses papéis perante a obra seja minha maneira pessoal de fazer com que o outro se sinta pertencido a tal ponto que influencie na sua atuação de sujeito-mundo.

Uma cena clássica que insiste: pais na cama com seus filhos na hora desses dormirem, em um quarto com uma estética planejada, leem até que esses adormeçam. Comparada a realidade em que cresci e vejo meus alunos crescerem, poderíamos facilmente brincar do jogo dos sete erros, contrapondo a nossa realidade a essas imagens e essa dissonância se repetia e repete no cinema, na literatura, na música e etc. Meus anos como professora vieram testemunhar o quanto esse choque de cultura agencia o imaginário dessas crianças que vivem uma realidade, mas confabulam uma muito distante. Certa vez pedi que fizessem um autorretrato. Simples, no entanto, a maneira que se enxergavam não correspondia ao sujeito que via na minha frente e isso desde roupas, espaços físicos, cabelo e cor de pele. Patrocínio³² (2010) diz que isso só acontece porque toda essa produção cultural é refém de produtores culturais que carregam em si privilégios e por isso lançam um olhar não familiarizado com a realidade cotidiana, é a perpetuação sistemática de um discurso que colabora para a manutenção dessas divisões econômicas e de saberes, isso por controlar a história do outro. Essa relação de produtor *versus* consumidor vai influenciar desde a formação de uma subjetividade, nas ficções e as representações que elas figuram já que tudo que é veiculado contribui para uma apropriação da construção de um “eu” em que se é impossibilitado de um

³² PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de escritores de periferia na cena literária brasileira*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

reconhecimento prático, no entanto aceitamos essas representações como reais. Diante disso, nos provoca a pensar

Se os sujeitos marginalizados, alocados em seus espaços periféricos de origem, começam a falar por si mesmos _sem a interferência paternalista dos intelectuais_ e são ouvidos, preferencialmente, por seus pares, criando, assim, um campo discursivo e cultural próprio, ainda é possível apontar para a impossibilidade de falas desses marginalizados? (PATROCÍNIO, 2010, p. 200)

Seguramente, democratizar o direito de fala é ocasionar novas protagonizações, uma probabilidade de se libertar dos domínios dos intelectuais que a esse papel sempre se fizeram porta-vozes. Somado esse pensamento ao fluxo de delírios apresentados neste texto, legitimar essas vozes silenciadas, oriundas de diversas realidades e vulnerabilidades sociais só é possível se proclamarmos uma igualdade de inteligências reconhecendo os pontos de partidas diferentes, assim como nos aconselha Rancière (2015). Toda minha produção intelectual sempre teve a preocupação de ser direcionada a essas vozes que estão condenadas às margens da sociedade, pensar em uma instalação na rodoviária é mais que uma tentativa de, ao tomar para si o direito de fala, essas massas se familiarizem com as narrativas produzidas, é promover um processo de empoderamento de maneira que transborde para a ação. Que tomem o papel e a caneta para si e, ao romper com uma língua normativa vigente, com um roteiro de desempenho social pré-estabelecido, desmontem os agenciamentos de fala trazendo da margem uma língua menor que se força a ser reconhecida no interior de uma língua estabelecida e que delinea, através dela, lugares de fala. É no interior desse espaço possibilitar que dentro dessa língua menor, ao criarem uma carta menor, ao embaralhar as fronteiras de quem olha e faz, permita que cada um se emancipe através da vontade de aprender, essa que pode ser infinitamente imprevisível.

A instalação, dentro do meu repertório, impõe um novo parâmetro com características autofágicas: engole trabalhos anteriores e os projeta no presente, ela impõe outros conceitos e pensares como arquitetura e a cidade, além de claro, das artes plásticas. Busca uma visão mais real que acontece nesse espaço, no caso a rodoviária e assim poder ver e repensar a importância da arte a partir do contexto, fazendo perguntas que

talvez pudessem situar, não só uma arte voltada para interesses pessoais, mas conectadas com o universal. Uma obra que a partir do evento proposto pode causar uma experiência de reflexão e assim uma tomada real de poder, que provoque experiências que eu mesma não dê conta de delimitar. Detone mais perguntas que respostas. Fazer com que as cartas sejam pistas, não para chegar a algum lugar, mas sim para criar o movimento de querer transgredir, na instalação cada elemento vai detonando um determinado caminho que está ligado a alguma experiência do expectador. A ideia é a instalação ser um espaço de arte que dê suporte a potência daquele que está “cheio de pensamento”, e que possibilite que, a partir deste, outras imagens ocupem sua cabeça (sentados, relaxando e deixando o pensamento livre p outras coisas). Toda obra está voltada para uma reflexão a respeito da condição do sentir e a capacidade de falar.

A idéia de uma instalação que é construída por quem a visita, ressignificando “o lugar” de cada um, seja da artista proponente ou o expectador em potencial, uma análise intensa a respeito dos espaços de passagem e da maneira que nós hoje nos relacionamos no coletivo. Ao olhar atentamente estes espaços de trânsito, de certa forma, trazer a tona toda essa investigação que fala muito da vida contemporânea: otimização do tempo e dos fluxos porque a obra se quer um entre-lugar que entende que muita coisa aconteceu na vida desse espectador e foi exatamente isso que o possibilitou “estar-ali”, o trouxe a esse momento da escrita e que, a partir disso, pode provocar mudanças que não damos conta de contabilizar. Uma instalação intertextual e singular que integra e questiona as artes, que acredita na arte pura e possível, sem entrar com toda sua experiência racional e já que tudo está impregnado de sintoma, permitir a integração às artes ao aceitar que a planta aberta do espaço interno, esse também ressignificado como espaço de arte, dialogue com a paisagem circundante.

Um jogo entre o “estar” abrigado sob a fiança da objetividade de ocupar esse espaço e o ser em trânsito, em um não-lugar, no caso a rodoviária com sua atemporalidade turística. Essa condição transitória é alimentada pela ação crítica da instalação, que vai buscar cumplicidade com aquele que por ali passa e desperta uma visão com função de anteparos, com reticências, que coloca em posição de alerta frente à possibilidade de se

submeter, assim sem mais nem menos, às narrativas intoleráveis que não nos dá outra opção senão escrever e ali, somente ali, exercer através da literatura, ela que é o subsídio principal para inscrever o lugar realmente igualitário para o direito universal à ficção humana, a igualdade. A partir dessas ficções polissêmicas, dividir com o visitante a possibilidade de re-composição desse legado cultural original, fornecido apenas como amparos a armadilhas de captura de subjetividade, é de fato exercer a arte não como mero deleite estético ou discurso utópico, mas agente de transformação, tratando poeticamente as ideias relativas ao homem e seu trânsito solitário pela vida. A base desse trabalho artístico está, principalmente, na tentativa de refletir a respeito da busca incessante pelo domínio de sua própria cultura material e tecnologia em um espaço que a obra constrói o lugar.

O Terminal Rodoviário de Vitória possui 2.000 m² e foi construído num espaço que antes era ocupado pelo mangue. Localizada no bairro Ilha do Príncipe, a prefeitura³³ conta que o bairro ganhou esse nome por existir uma lenda que o lugar pertencia ao príncipe D. Pedro II. Se um dos principais argumentos da instalação é o fluxo turístico das pessoas que estão nesse entre-lugar, a história do bairro não escapa a isso. Originalmente uma ilha, era um entre-lugar no meio de Vitória e Vila Velha, anexado posteriormente à cidade de Vitória através dos aterros para expansão da cidade. A história conta que o bairro ganha forma paralelo a construção da ponte Florentino Avidos, a obra somava 2000 operários que, a partir de 1926 começaram invadir o lugar e a construir casas de sapé e estuque. Imigrantes nordestinos e nortistas mesclados a uns poucos do interior do estado foram os principais responsáveis por essa ocupação e desde então o bairro é fortemente pontuado por seus conflitos com o governo, iniciado pela tentativa de uma higienização social promovida pelo presidente Getúlio Vargas chegando a ponto do governo promover um incêndio criminoso para dispersar as invasões. No entanto a resistência dos moradores foi muito maior do que a potência da ordem vigente e se antes os conflitos eram protagonizados entre nordestinos e fiscais, hoje o bairro é conhecido pelo forte poder do tráfico. O bairro também abarca um dos terminais do Complexo Portuário de Vitória, Terminal da Ilha do Príncipe.

³³ Encontrado em <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao2/ilhadoprincipe.asp> Acessado pela última vez em 28/01/2016

A partir desse jogo metalingüístico do ser de passagem em um entre-lugar, o bairro assim inscreveu sua história na transitividade, é o Porto que movimenta com a chegada e a saída de containers, é o Terminal Rodoviário que é um entre-lugar da partida e chegada de tantos que a instalação quer atuar, nesse lugar que já tem por essência a resistência à uma ordem assim como um fluxo efêmero seja de pessoas, mercadorias, navios e ônibus. A instalação foi pensada em ser posta no fundo da rodoviária em um espaço que não é utilizado e que fica de frente para o mar e a margem da cidade de Vila Velha. Ao centro um container, que assim como os envelopes, é o lugar que abriga algo temporariamente, seja uma notícia, uma narrativa ou mesmo uma mercadoria. A intenção é que ele chegue com a quantidade menor possível de intervenções estéticas para que ele seja realmente consequência de uma construção coletiva, no interior se encontrará varais com algumas cartas já produzidas e expostas, cartas que foram recuperadas durante o processo da escrita dessa dissertação, ali as pessoas podem espiar toda a intimidade daquelas narrativas e sobre as mesas ali dispostas, com os materiais necessários para a produção de cartas, poderão sentar e escrever. Ao final, essas narrativas podem tanto ser expostas quanto enviadas, a escolha pertence somente ao espectador. Essas mesas serão feitas de *pallets*, esse suporte de madeira utilizada na armazenagem de produtos grandes e pesados, material comum nesse bairro devido a área portuária.

Um mapa do Brasil, um mapa *mundi* e um computador serão localizados dentro da instalação. A ideia é o espectador ser instigado a pensar fisicamente na geografia e distribuição dos espaços. Reconhecer desde o percurso de sua viagem quanto o caminho que suas palavras farão e assim ajudar a preencher o que é designado ao destinatário: Rua, número da casa bairro, cidade, estado, país e CEP, sigla para Código de Endereçamento Postal. O computador citado acima se faz importante justamente pelo CEP, ele que é importante por racionalizar os métodos de separação da correspondência por meio da simplificação das fases dos processos de triagem, encaminhamento e distribuição da correspondência. Geralmente as pessoas não memorizam, além do seu CEP, o de seus destinatários, por isso o próprio Correio disponibiliza um site que permite a pesquisa a partir das outras informações (rua, cidade, etc). Um armário com 27 gavetas também aparecerá nesse espaço, nele cada gaveta um estado, é onde as pessoas depositarão suas cartas.

O resultado desse exercício é a radiografia de uma ruptura que minuciosamente possibilita a poesia que vem das coisas banais e que habita a todos nós através das emoções humanas. Também no espaço da instalação se encontrará uma televisão e uma câmera, as pessoas também poderão optar por transformar suas cartas em uma performance em vídeo, que somada a outras, serão mostradas por todo o dia na televisão ficando expostas para que os espectadores outros, a eles cheguem as atuações que serão ferramentas que acompanharão as palavras. A ideia da performance visual foi inspirada na instalação “*Prenez doin de Vous*”³⁴. Nela, a artista francesa Sophie Calle convida 107 mulheres para fazer a interpretação de uma carta que a artista recebeu de seu ex-namorado. A carta era o decreto de rompimento da relação e a última frase desta carta é o que dá título à exposição. Sophie resolveu convidar distintas profissionais para que cada uma, com seu ponto de vista, pudesse alcançar uma interpretação. Segundo cada interpretação, gravou essas 107 mulheres em performance sob seus próprios ponto de vista. As conclusões são surpreendentes, se tem uma autópsia da negociação passando desde o amor à personalidade do amante: egoísta, sincero, covarde, valente, etc. Ao final, constata-se que a carta é finita, mas suas possibilidades de interpretação não, principalmente quando se materializa a relação visual e plástica contrastada a opinião do outro. O vídeo é a maneira de alcançar um maior número de espectadores as cartas que, enviadas, não podem estar presentes

A ideia é que na instalação, a intervenção do olhar do outro venha transformar o texto que é o mesmo, no entanto sob uma nova interpretação. Uma carta que pode ser narrada por muitos ângulos e em vários tons, e que a linguagem tem um duplo efeito, um que se apresenta com o texto e outro oculto na escritura, por isso a possibilidade de tantas leituras e representações de uma carta.

³⁴ A exposição, em português, ganhou o título de “Cuide de Você”. A visitei no Centro Cultural Kirchner, AM Buenos Aires, Argentina. Ela ficou exposta de 26 de maio a 23 de agosto.

7. CONCLUSÃO

Concluir nesse processo de escrita da dissertação é muito difícil, até porque essa escrita não é a finalização de um ritual e sim um movimento de fagocitose e mais uma vez caminho através dessa narrativa para uma outra direção. Percebi que ao longo do texto fui conversando com cada autor de maneira íntima e cada diálogo me pedia um tom, cada um com suas crenças impuseram um ritmo próprio a cada trecho. Isso eu posso concluir, a unidade não existe. O primeiro capítulo, assim como cartas que demoram a chegar e as notícias se tornam velhas, ele me parece imaturo nas construções sintáticas, algo que começava a se familiarizar com os novos rumos. Os que se sucederam, é notório como as construções são mais confiantes, o ritmo é outro, acho que porque já entendia o percurso que deveria fazer e as leituras e as experiências transformaram as inseguranças em certeza. Por muitas vezes fiquei tentada a refazer algumas construções, no entanto, assim como as cartas que se vão, já não temos mais domínio. Quis ser sincera com você, com a gente e, ao decidir não modificar pude deixar transparecer a emancipação que fui sofrendo ao decorrer do texto.

Ao todo recuperei o número de 47 cartas, escrevi mais de 30 e entrar em contato com essas pessoas, descobrir que elas guardaram por tantos anos minha correspondência foi revirar um “baú” emocional, outras versões de mim que a muito não pensava. Saber de suas vidas, constatar o que viraram os sonhos infantis e perceber que a vida segue. Talvez com essa dissertação eu esteja atando pontas de minha vida nem eu dê conta do que resultarão mas isso eu posso dizer, resultarão em algo porque os vínculos que se formaram ou que se fortaleceram foram imprescindíveis para ter a segurança de abrir minha intimidade desta maneira.

Hoje em meu email eu guardo, entre propagandas e intimidades, a quantidade de 876 emails, definitivamente não sei se um dia terei tantos que encherá minha caixa e há tanto espaço no mundo virtual que essa não é uma preocupação. As cartas sim, talvez nesse trânsito que seja minha vida, não posso tê-las em qualquer momento mas elas estão ali, guardadas, aquecidas e dentro de uma caixa fechada. O que farei com elas, não tenho ideia, no entanto, são o meu legado de uma vida.

A instalação “Cartas em Trânsito”, concluo, deve vir para o plano do concreto porque real ela já é. Preciso de um tempo porque escrever roubou minha vida (mais intensamente) nesses últimos dias, confesso que teve momento que pensei que não conseguiria terminar. Os dias se faziam cinzas e eu, dentro do meu mundo possível, achava que ela reflexo do meu humor. No entanto, quanto mais o prazo encerrava, junto dele o sol foi começando a aparecer, pouco a pouco discreto. Penso que ao final deste escrito, tão transformador, o sol foi um sinal de que o texto em si acabou mas os efeitos dele sobre que vos escreve, são para uma vida. Evolui muito na consciência de escrever algo tão grande em que tinha que pensar a todo momento no todo, o que já tinha dito antes, pensar no lugar de cada fala e seguir com o enredo, às vezes já não crer no que disse antes, embora quando o disse, acreditava fielmente. Cada palavra foi uma escolha política que Tive que fazer e isso espero que você entenda.

Não quero concluir nada em relação a teoria porque ela ainda está no plano da ideia, é um pressuposto meu que tentei te convencer ao longo do texto. Caso me pergunte se eu acredito nelas, te respondo que religiosamente, no entanto, preciso que ela evolua para o concreto, para a realização para assim talvez concluir. No entanto, sair da posição estática de repetidores do que lhes é ensinado, aprisionados na palavra me tornou um sujeito de conhecimento que se prepara para se tornar sujeito de seu próprios destino, comprometida com a coletividade que faço parte. Se meu espectador conseguir, ao final de sua cartade amor, sentir o que sinto ao findar a minha, efetivamente essa dissertação terá sido uma rota de fuga para um lugar mais igualitário.

Com a esperança de novos tempos, eu me despeço.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de Andrade; Bandeira, Manoel – **Correspondência 2.**– Correspondência. Org.: Moraes, Marcos Antonio de. 2º ed, Edusp, 2001.

BADIOU, Alain. **O ser e o evento** / Alain Badiou; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica; Márcio Souza Gonçalves, Ieda Tucherman. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.: UFRJ, 1996.

_____. **São Paulo: a fundação do universalismo** / Alain Badiou: tradução de Wanda Caldeira Brant. – São Paulo: Boitempo, 1994.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

BORGES. Jorge. **O Aleph**. Barcelona. Seix Barral, 1984.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In.: **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965.

CESAR, Ana Cristina. **Poética**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

COMPAGNON, Atoine. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum/ Antoine Compagnon; tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2003.

CORRÊA, Danilo Barcelos. **A MATÉRIA DO NADA:** Potências, flutuações e experiência no nada poético de Carlos Drummond de Andrade. 2011. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras)_Universidade Federal do Espírito Santo. 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka:** para uma literatura menor. Tradução: Rafael Godinho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002.

FLUSSEN, Vilén. **Há futuro para a escrita?/** Vilém Flusser. Tradução do alemão por Murilo Jardelino Murilo da Costa. – São Paulo: Annblume, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **A ordem do discurso.** Tradução: Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. **História da sexualidade I:** vontade de saber. Tradução: Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos.** Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **O Futuro de Uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA, Regina Leite. **Cartas Londrinas e de outros lugares sobre o lugar da educação**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário. Perspectivas de antropologia literária**, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. São Paulo, Editora Rocco, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Patrocínio. **Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária contemporânea**. Tese de Doutorado à Universidade Católica dório de Janeiro. Orientador: Renato Cordeiro Gomes, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **Partilha do sensível**. Trad. Mônica Costa Nelto. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. **Política da escrita**. Tradução: Raquel Ramallete. São Paulo, Editora 34, 1995.

_____. **Espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Ódio a democracia**. Tradução Mariana Echalar. -1.ed. –São Paulo : Boitempo, 2014

_____. **Mestre Ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle – 3 ed. 4. Reimp. – Belo Horizonte, 2015

_____. **Inconsciente Estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. – São Paulo ; Editora 34, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2001.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Beatriz Sarlo; trad.: Rosa Freire D’Aguilar. _SP: Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

SOARES, Luis Eustáquio. América **Latina, literatura e política**: abordagens transdisciplinares / *Luís Eustáquio Soares*. - Vitória : EDUFES, 2013.

_____. **Sociedade de controle integrado**. Vitória: Edufes, 2014.

MEDIANERAS. Direção de Gustavo Taretto. Argentina, 2011. Son., color.

Organização Wikileaks. Disponível em <https://wikileaks.org/> Acessado em 01/02/2016

TEDESCO, Elaine. **Sobre maneiras de Instalação**. Encontrado em <http://www.comum.com/elainetedesco/pdfs/instalacao.pdf>. Último acesso em 28/10/2016.

Centro Cultural <http://www.culturalkirchner.gob.ar/www/548/20453/historia.html>. Acessado pela última vez em 28/01/2016

Feferação Brasileira de Fitotelia. Encontrado em <http://www.febraf.net.br/febraf.php?l=0&m=27> Acessado pela última vez em 28/01/2016

Correios. Encontrado em http://blog.correios.com.br/filatelia/?page_id=206 Acessado por último em 28/01/2016

Site da Prefeitura Municipal de Vitória. Disponível em <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao2/ilhadoprincipe.asp> Acessado pela última vez em 28/01/2016

Anexos 1

1.1. Cartas produzidas com alunos do Projeto Cajun – Nova Palestina-----	72
--	----

Anexo 2

Cartografia

2.1. Cartas recebidas

2.1.1. Jôsy Anne R. S. (1999)-----	73
2.1.2. Hugo Rezende Luz (2002)-----	76
2.1.3. João F. L. Benedetti(2003)-----	78
2.1.4. Wesley Bulian Girelli (2004)-----	82

2.2. Cartas enviadas e recuperadas

2.2.1. Romulo José (07.03)-----	83
2.2.2. Romulo José (11.03)-----	86
2.2.3. Romulo José (15.03)-----	89

2.3. Cartas nunca enviadas

2.3.1- Pietro (2004)-----	95
---------------------------	----

2.4. Cartão postal, cartão e recadinhos perdidos no tempo

2.4.1. Priscila Gimenez-----	98
2.4.2. T.Z.O.-----	99
2.4.3. Ricardo Calvão-----	101

2.5. Cartas dos dias de hoje

2.5.1. Matí -----	102
2.5.2. Leandro -----	104
2.5.3. Maurie-----	106
2.5.4. Lucho-----	108
2.5.5. Maxi-----	110
2.5.6. Jor-----	112
2.5.7. Jô-----	114

1.1. Cartas produzidas com alunos do Projeto Cajun – Nova Palestina



Anexo 2

2.1. Cartas recebidas

2.1.2. Jôsy Anne R. S. (1999)



Belo Horizonte 13 de Abril de 1999

Oiiiiiiii!

Oi Nayara, sou eu a fuminha, adorei ter recebido sua carta, a minha está um pouco atrasada é que o lápis de lapiseira fuminha está me dando muitos problemas.

Devo o Boby esse ano ele também é da minha classe e que me deixou muito feliz. Estou com uma boa saude de novo tá!



Novidades, tem bela ma área, é um garoto chamado do Robert, mas ele não me faria trair o lápis e muito menos o Brian.

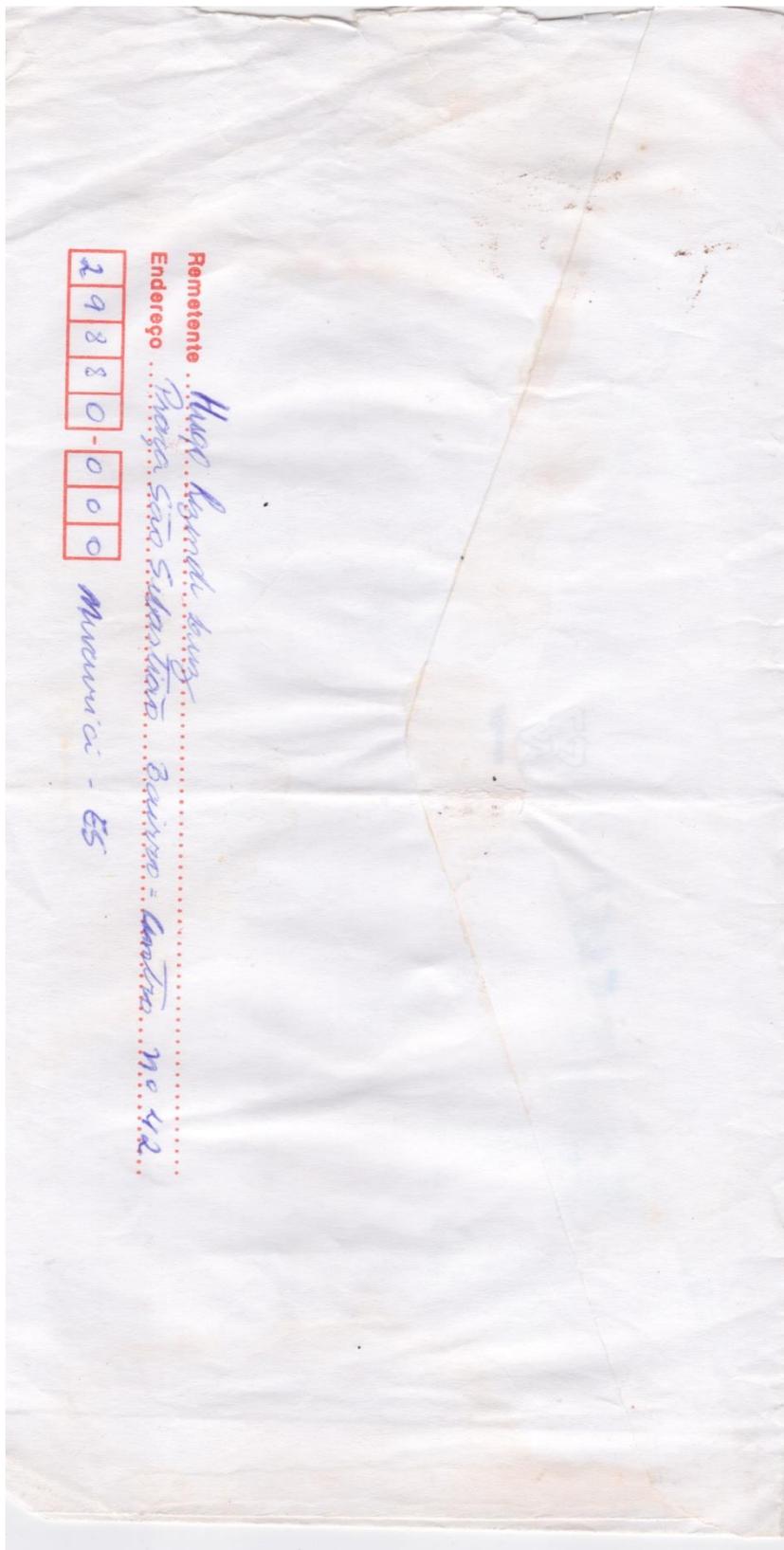
Tem paquera nova? Como se sente completamente de mais um ano?

Manda um beijo pro pessoal tá! E me escreve.

Ass: Isabelle Fumina Little
di Lapiseira.

2.1.3. Hugo Rezende Luz (2002)





2 9 8 8 0 0 0 0

Mucurici - ES

Remetente Hugo Grande King
Endereço Praça São Sebastião
Bairro = Amélia No 42
Mucurici - ES

"Nayara"

Estou tendo a impressão de ^{que} estou num purgatório prestes a decidir se iri para o céu ou para o inferno e dependendo apenas de um "decremento" para ser condenado ou absolvido. Situação difícil a minha mãe.

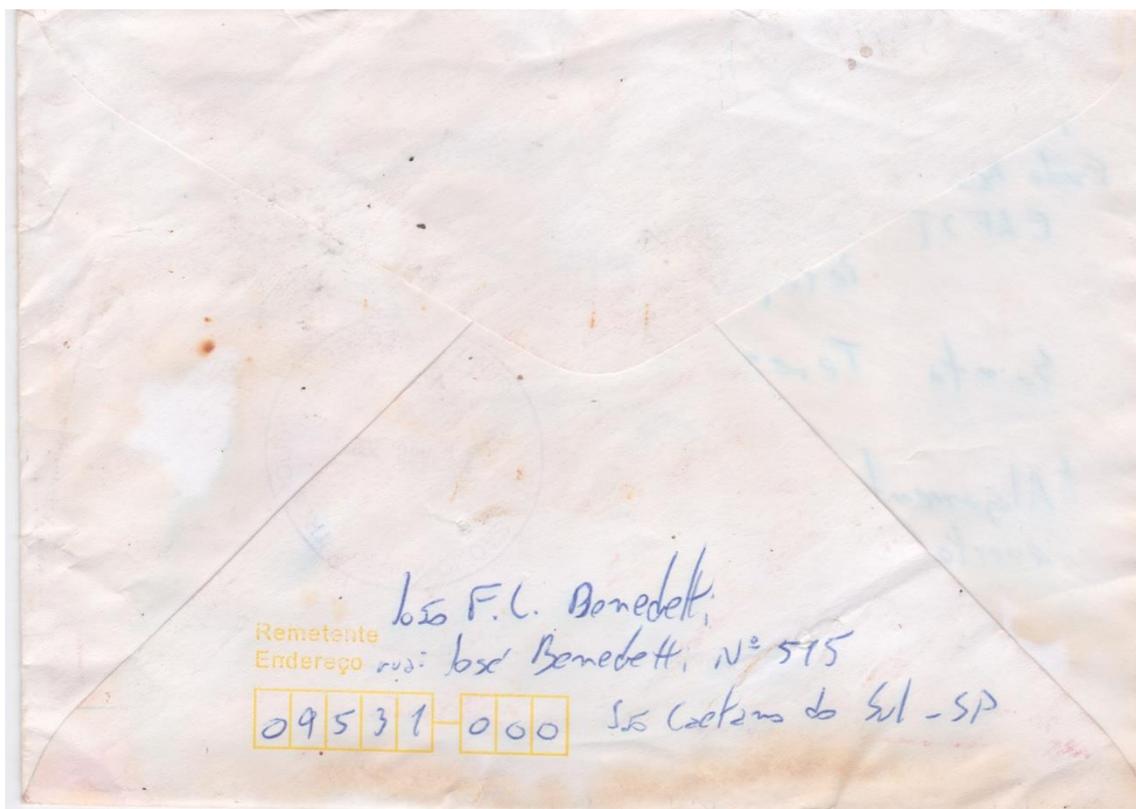
Seria tão fácil resolver tudo do meu jeito e ir para o céu, mas a consciência e o medo de ter errado em minhas condutas faz com que eu fique preso neste mundo ou seja inferno, como uma alma perdida vagando a procura de ajuda para se libertar ou se aprofundar ainda mais em seus problemas e continuar a vagar em seu ^{mundo} ~~mondo~~, confuso e a procura de condutas e soluções para seus problemas resolver de melhor modo possível.

Nayara vc recebeu a minha carta de desculpa e angústia, concordando que foi dura e precipitada, mas pela primeira vez agir por impulso e sem pensar, mas isto não justifica vc correr de mim, só me deixa mais confuso em relação a sua incôgnita, Estou desistindo e que eu adiquei na outra carta "Me desculpe se estiver errado", eu nunca te liqui com medo de não te achar um erro, Ah! outra coisa eu também não sei se é amor mas também dei a me ^{confundi} ~~confundi~~ a ponto de não saber o que fazer e a quem ouvir.

Obs: Se não quiser dar o seu braço a Terceira para dar impressão de vítima, pelo menos não deixe o seu percurso quando vir em direção a mim, e queira vc eu não, vc não me escapa este final de semana

Hugo Ryandi Luz

2.1.4. João F. L. Benedetti (2003)



Em 1º lugar quero que saiba, e que isso fique claro que ninguém poderia tirar você de mim. Tem lugar garantido nesse "Corinthians X Palmeiras" que sou e com direito a camarote. Falo isso por estar em altura, pelas janelas que a vida tem me mostrado. E você é uma ave; sempre ~~(sempre)~~ ensalvada, sobrevive do meio; nunca se fecha.

E espero que não deixe ninguém te ensinar a amar, pois não se pode ensinar uma coisa que já nascemos fazendo, mesmo sem saber parar. Mas como toda habilidade inata, temos que aprender com os erros e não rebotá-los. Não conheço pessoa que não sude por ter se machucado na infância.

Mas por ser dor diferente, que dói e não se sabe onde, sofrer angústia com solidão, -travamos, não sabemos onde fazer. Emburramos e chingamos pessoas por nos contrariar. Estabelesse-se moratória dos sentimentos. Mais o caso continua rolando em seus tribunais, e pior ainda sem investigação dos verdadeiros fatos, sem conclusão do ~~(do)~~ caso.

Quero quero dizer, e provavelmente você já sabe, é que temos que achar e guardar as coisas boas e aprender com as coisas ruins que acontecerem. E aprenda a mudar, reinventar, persistir em ideais.

É como ~~(sempre)~~ andar, ter confiança em seus passos, firmeza em ~~(seus)~~ suas escadas e acima de tudo sentir prazer em correr por trilhas, ~~(por)~~ praias. Sentindo o vento, contrário, ~~(sempre)~~ em purrando você sem resistência alguma.

Em segundo, foi você que falou que ia me ensinar a andar o caminho novo. (Ufa esse foi pra quebrar a viagem que estava tendo!)

Acho muito legal o campo da filosofia, tentar entender e pensar em to humano, que incompreensível, é tentador.

Se espero que não deixe de escanteio o seu lado ambientalista, pois por ser esse pessoa carismática e encantadora que é, tem papel fundamental para ajudar o planeta, ensinando as pessoas a amar a natureza, como você (ai está, sabia que você amava de alguma maneira!)

"Se antes ser amada ao quadrado
permitem tudo bem
pois antes e ainda
é o me elevado"

João Fernando Lima Benedetti

Bom acho que fugi do intuito dessa carta
 que era te desejar FELIZ ANIVERSÁRIO, e
 espero que goste dos presentes.

Um BEIJÃO e,

"Sempre que sentir uma brisa quente e reconhecendo,
 serei eu em pensamentos te abraçando em meus braços."

obs: já que goste de poemas, achei que ia gostar desse.

"Hei de seguir eternamente a estrada
 que há tanto tempo venho já seguindo
 Sem me importar com a noite que vem vindo
 Como uma pavorosa alma penada.

Sem fé na redenção, sem crença em nada
 Fugitivo que a dor vem perseguindo
 Busco eu também a paz onde, sorrindo
 Será também minha alma uma alvorada.

Onde é ela? Talvez nem mesmo exista...
 Ninguém sabe onde fica... Certo, dista
 Muitas e muitas léguas de caminho...

Não importa. O que importa é ir em fora
 Pela ilusão de procurar a aurora
 Sofrendo a dor de caminhar sozinho."

Vinicius de Moraes

ARTEMOVA

2.1.5. Wesley Bulian Girelli (2004)



Nayara

Como vai maninha.

Eu também estou morrendo de saudade de você, mas respondendo suas perguntas.

Talvez sim. Por que eu estou com dificuldade em algumas matérias, mas a festa de minha "formatura" é claro que você está convidada, fico feliz em tê-la ao meu lado minha irmã.

Ela será realizada em fevereiro, talvez no dia 12 de fevereiro de 2005 no Itajubi, mas não tenho certeza, para que não perca a festa mantenha contado, mas para isso mande seu endereço porque o meu da escola você sabe, mas o de casa é (é R: Geovani Groner, cep. 29785-000 S/N).

Minha mãe vai bem graça a Deus. Enquanto a historia de nós saímos este ano não dá, pois estou apertado com as minhas matérias, mas caso ano que vem podemos pensar no assunto.

Por cara estagiar num hotel em guarapari ainda mais na roça deve ser lindo. E o curso de agroturismo deve ser massa esse curso. E essa coisa de aula de capoeira, violão, e nem imagino você surfando. Pelo amor de Deus!!!!!!!!!!!!!!

E que papo é esse de enrolada vou ficar com ciúme.

Agora falando de min. Eu estou bem, mas não muito feliz porque não te vejo a tempo e estou com problemas na escola, você já deve sabe e outras coisas. Eu fui a tua casa alguns dias atrás para te procura, mas não encontrei,

Fico por aqui, pois não mais nada para te conta.

Beijos e abraços do seu melhor irmão

Wesley Bulian Givelli

2.2. Cartas enviadas e recuperadas

2.2.1. Romulo José (07.03.2005)



Santa Teresa, 06 de Março de 2005

Gominho

ARISTON OAREC

Oi Nam! ja to com SAUDADES...

Aqui, quando eu sai da sua casa eu tava um pouco triste, ai voce sabe como e mulher, mistura com TPM e voce ja viu tudo.

E' muito dificil ficar longe quando na verdade não se quer largar. Queria arrumar um jeito de ter voce sempre do meu lado. Ah, não fica bolado comigo não pois, eu odio me sentir dependente de alguém mas voce me tirou o interesse por outros "perfumes", realmente a unica necessidade que tenho e de voce. Mas não se empolgue muito pois também não sou cega, quando EU ^{ou} VOCÊ acharmos que não dá mais (vai demorar, né?), eu tiro meu tempo de campo. Mesmo adorando sentir tudo o que voce me desperta.

Pode ficar tranquilo em relação a mim pois tenho vontade de fazer com voce coisa que nunca ninguém me despertou. Não sei de voce, mas ^{parta} toda vez que faço amor com voce, meu desejo só aumenta e só a sua respiração perto do meu pescoço e o suficiente para me deixar aruspiciada.

Fiquei meio triste quando eu cheguei e voce ainda não tinha lido a minha carta, parecia que, para voce: TANTO FAZ. Mas eu compreendo que não e isso, talvez elas não tenham o mesmo significado que para mim tem. Mas e a lei dos seus: Meninas gostam de romance e

mininos de filme de esquerda, ação. 16 20, 2001, 2002

SESSÃO NOJEIRA:

Aí, na hora que eu falei da pizza você jogou pra cá, decidimos Eu, Khênia, Faale e Bayna ir comer hambúrguer, tava ótimo. Quando dei a última mordida e tomei o refri, opa tava faltando algo, "cadê a bolinha de cima do meu piercing?!" foi a primeira coisa que disse. Caralho, angeli. Aí a galera botou pilha pra eu fazer um vômito que, às vezes sai milho inteiro porque não saíria minha bolinha, corri pra casa e peguei um balde e vomitei dentro dele e fiquei qui nem uma coisa procurando-a. Não achei. Ué, arrete. As meninas queriam que eu fizesse coco num penico pra provar lá. Capaz! Cai matando nelas. Olha as idéias...

Resultado: comprei de uma menina uma bolinha coloridinha, maneira. Mas a outra se perdeu...

Aí parece que me jogaram uma Praga.
Fei você? Não faz seu tipo!

SESSÃO CIUMES...

Me deu um aperto no meu coraçãozinho quando o irmão de Allan comentava da "mulerada", tenho medo que você sinta falta destas coisas, que eu não te satisfaça e ainda com a distância... só contribui. Mas eu vou do signo de áries, guerrilha e incanso e que vier de fonte. Mas eu sei que quando não der mais pra você, eu vou saber (claro que você vai me contar, pois você me passa essa segurança).

ESPERA POR MIM...

Nayara
Quelli

2.2.2. Romulo José (11.03.2005)





Santa Tereza, 11 de Março de 2005

Cominho

De, tudo bem!

Pensei que você ia me ligar ontem. Fiquei esperando. Você deve ter ido no 106, né?

Dia 07 fez dois meses que a gente ficou. Ao mesmo tempo que parece pouco também parece muito. Ontem teve um furacãozinho aqui, mais a hora que você devia tá indo pro rock, foi a hora que acabou. Mas foi muito legal.

Eu tô meio triste esta semana, depois eu te conto. Eu você quiser saber.

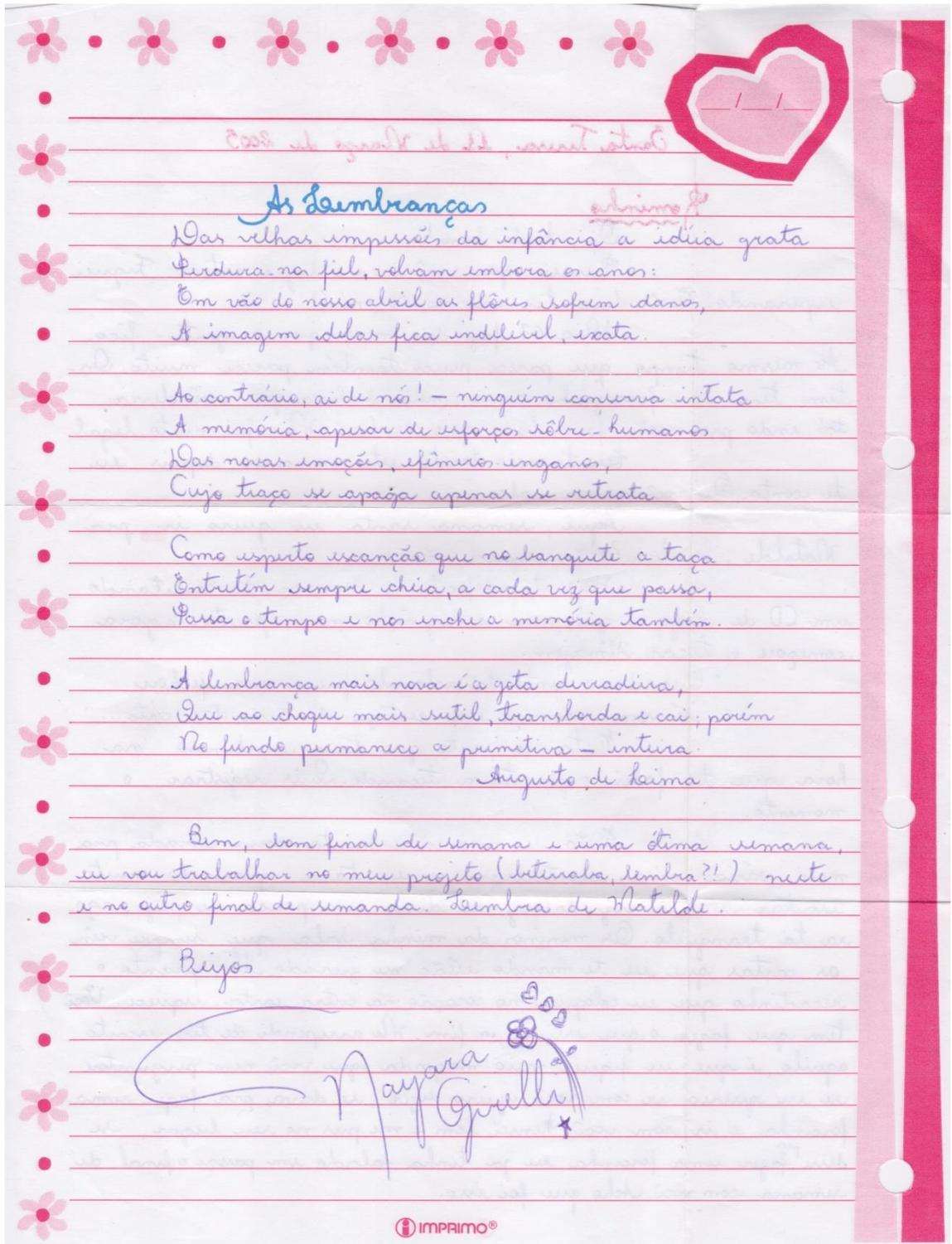
Aqui, semana santa eu quero ir pra Matilde, lembra? Não esquece não.

Hoje tá difícil de escrever, tô escutando um CD de reggae que meu amiguinho me empreitou, agora começou a tocar Almajer.

"Quando a gente tá achando que a sua ficha tá vem recomeço e a certeza de tudo dar certo..."

Esta era parte que estava cantando na hora que te falei e que estava tocando. Quis registrar o momento.

Esta semana deu muita coisa vivida pra mim, várias coisas aconteceram, e eu estava querendo muito escutar a sua voz, talvez me desse um pouco de paz, agora tá tranquilo. Os meninos da minha sala que sempre vêm as cartas que eu te mando estão me quando Ah, quanto o recadinho que eu coloquei no coração na outra carta, esqueci. Você tem que fazer o que estiver ia fim. Me arrependi de ter escrito aquilo, é que eu fiquei meio magoada que você nem perguntou se eu queria ir com você, quero dizer, se dava pra fazer uma forcinha e ir com você. Pensei bem e me pus no seu lugar, se dese^{pra} fazer uma forcinha, eu já tinha falado um pouco o final de semana com você. Acho que foi isso.



2.2.3. Romulo José (15.03.2005)





Santa Terra, 15 de Março de 2005

Rominho

Já te começando com uma mentrinha, na verdade ainda são 14 de março, é que eu te com muita vontade dessa semana passar logo.

Agora são exatamente 18:10:43 h, de 14 de Março de 2005. Como semana passada pegaram meu fôlego e ainda não devolveram, resolvi diminuir minha saudade através de palavras. Não sei o que te dizer na real, é que o tempo a tudo sufoca, e as minhas palavras são as primeiras atingidas. Estou muito pensativa hoje, final de semana rolou mais debate sobre distância, mentira, desde semana passada já está rolando mas no fim de semana foi mais intenso.

Fico uma deprê porque, eu sei que cada caso é um caso, mas mesmo assim não faz refletir.

Em julho te mudando pra Vitória, vai morar eu, Jonatan e Melânia (irmã de



Khênia), eu vou fazer ~~o~~ vestibular no Nacional, pelo menos é o que está temporariamente decidido.

Aqui, se você não for pra Natilde na semana santa, eu também não vou. ~~EU QUERO FICAR COM VOCÊ~~, entendeu agora! A menos que você não faça questões.

Acho que final de semana não vai rolar deus aí, tô meio enrolada com meu projeto. Amanhã vou fazer ovos de páscoa na agroindústria. Também tá sem grana...

© Heman (namorado da Khênia), mando um email me escrevendo só porque a Khêinha fez aquele dia no baile funk comigo. É falou que se você não liga pra mim, a Khênia tem um namorado que zela por ela. Não respondi ainda pois não sei ao certo o que dizer, na verdade sei mas não quero ofender o namorado da minha amiga. Às vezes o silêncio é mais prudente.

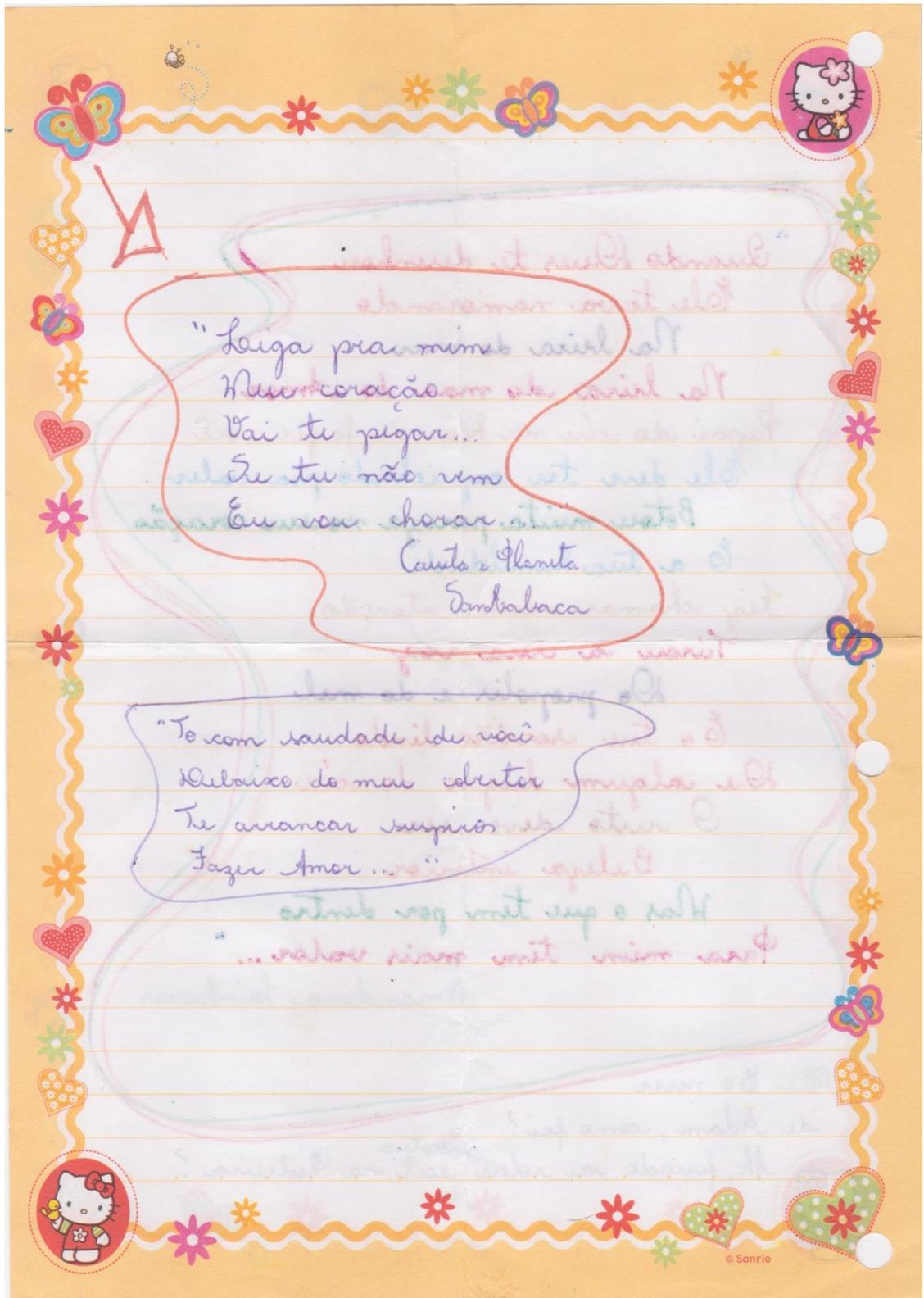
Boi, na semana Santa vai uma parentada (só velho), lá pra minha casa. Que saco! Tô morando de saudade...

Quando Deus te desenhou
 Ele tava namorando
 Na beira do mar
 Na beira do mar do Amor
 Papai do céu na hora de fazer você
 Ele deu teu caprichado pra valer
 Boteu muita pureza no seu coração
 É a tua humildade
 Fez chamar minha atenção
 Tirou a sua voz
 Do propolis e do mel
 É o teu sorriso lindo
 De algum lugar do céu
 O certo deve ser
 Beleza interior
 Mas o que tem por dentro
 Para mim tem mais valor...

Amândino Feinhauer

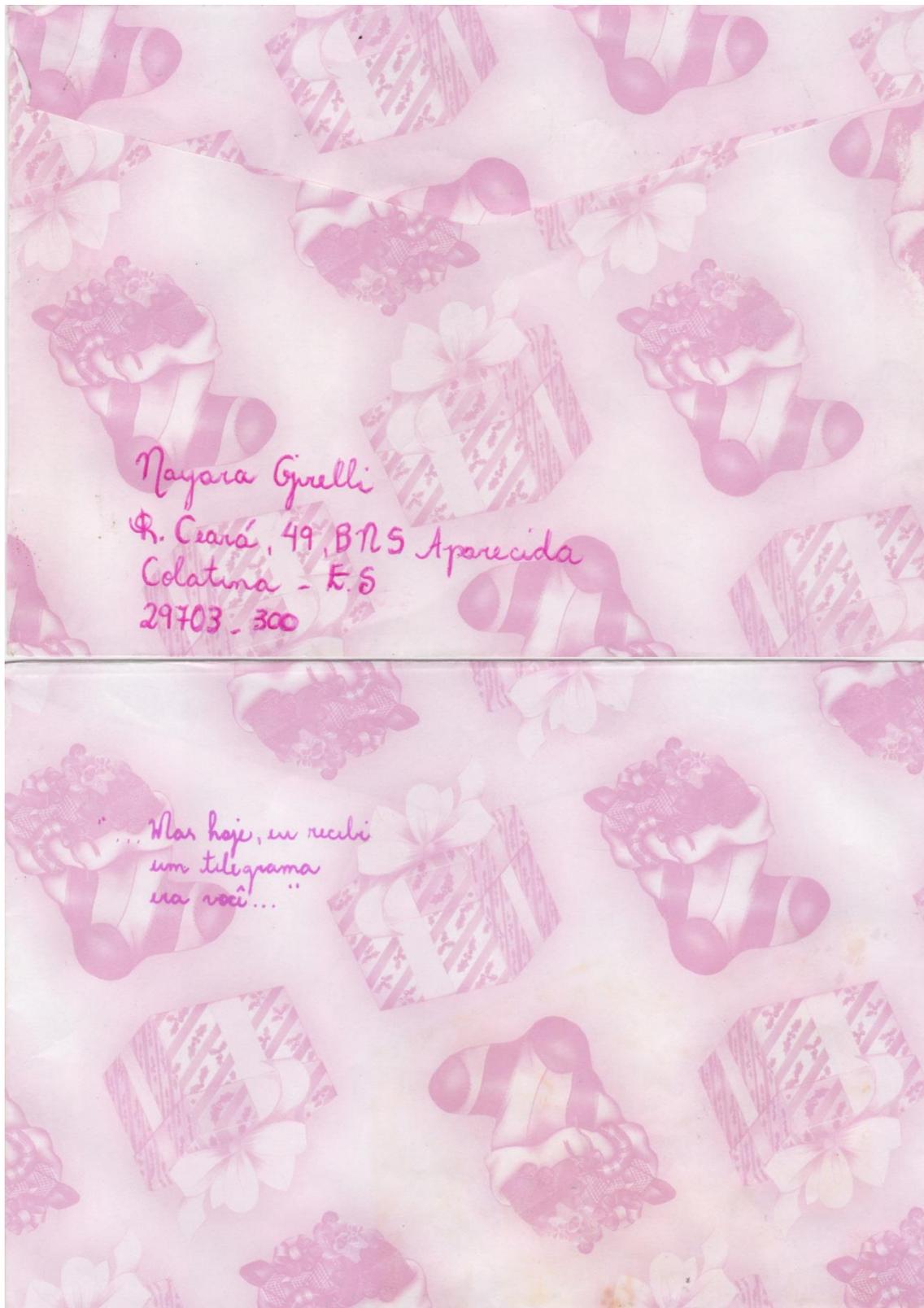
OBS.: É o river
 de Adam, como foi?
 Ah, furiado vai rolar ^{hipnótica} rock na Pedreira?

© Sanrio



2.3. Cartas nunca enviadas

2.3.1- Pietro (2004)



20 09 2004

Santa Teusa

Pietro[♥]

Oi meu XNSD, Tudo Bem!?

Espero que sim pois eu estou ótima. Licho que você deve estar estranhando o fato de eu estar te enviando carta já que a velocidade da internet é mais conveniente. Você te confessa, eu adoro ✂✂✂✂, pois mesmo sendo puramente papel, elas conseguem levar um pouco (bem pouquinho) do calor humano, ao menos mais do que um computador. Estou muito contente pois neste final de semana eu participei no I Festival das Flores em Santa Teusa (cidade onde estudo), foi ótimo e deu tudo certo (após muito trabalho) mas a gratificação de fazer o que gosta não tem preço. Tenho certeza que é o que eu quero fazer pro resto da minha vida (Turismo, lembra!?), pois levar alegria as pessoas é me fazer feliz. As fotos estão no site: WWW.eafst.com.br; e da festa que rolou no clube para os jovens: WWW.katafesta.com.br na festa do arilite.

Ah! Já ia me esquecendo, pela noite meu amigo que também toca MPB ele foi fazer uma apresentação, e como eu tinha comentado com ele de você e da música de Zeca Baleiro que você tocou pra mim, ele a tocou e dedicou -a pra mim dizendo: "esta música vai para uma amiga, para que com o pensamento ela ultrapasse barreiras e chegue... na Bahia." Então eu agora estou pensando como uma música além de nos fazer recordar pessoas, sentimentos etc, faz novas sensações surgirem e como explicar o aperto no peito, só saudade? Expectativa? Não sei se começar tentar a explicar vou raciocinar e então, perdi a graça ou o sentido.

Neste momento estou na biblioteca linda Água Viva de Clárcio Bispector e me acabei de me deparar com um livro que a muito procurava, O Que É O Amor de Betty Milson depois te conto se ele é mesmo tudo que curi falar. Você me

Ternura

PO 06
 Trouxe sorte. Acabei de folhear-lo e parece legal. Mas, já volto, vou procurar uma poesia para te mandar, pois todo cantor é um poeta. Casa tá difícil pois tem uma turma na biblioteca fazendo aula de literatura (que sorte) mas eu que acabei esta carta hoje para não perder a linha de pensamento.
 Achei, espero que goste.

Tanto Mar

" Foi bonita a festa, pai Fuquei contente É ainda guardo, resitente Um olho curo para mim Já murcharam tua festa, pai Mas certamente Esqueceram uma semente Nalgum canto do jardim	Sei que há lugares a nos separar Tanto mar, tanto mar Sei também quanto é preciso, pai Navegar, navegar Canta primavera, pai Lá estão carante Manda novamente "Alguem chiuinho de alicim" (Chico Buarque)
---	---

Espero que você goste, pois mais tive sua presença mas sinto sua falta. História do coração. Tô te mandando uma foto para que o tempo que tudo cura / tudo leva, não leve minha imagem e nem faça se esquecer de mim.

GOSSO X VOCÊ
 HM TANTÃO
 ASSIM

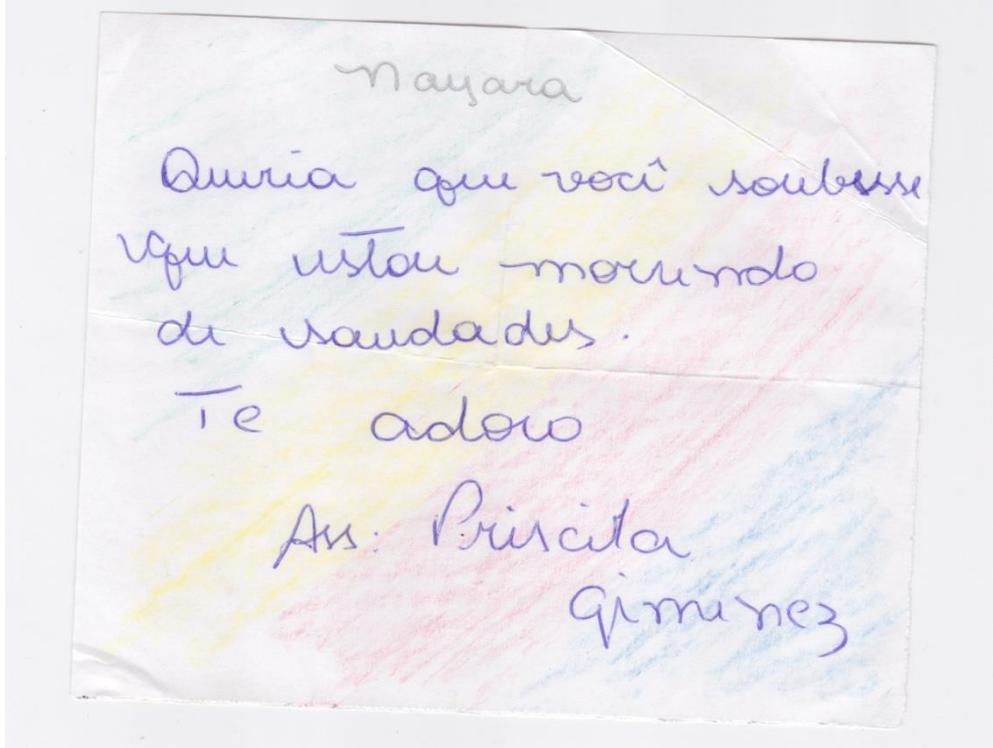
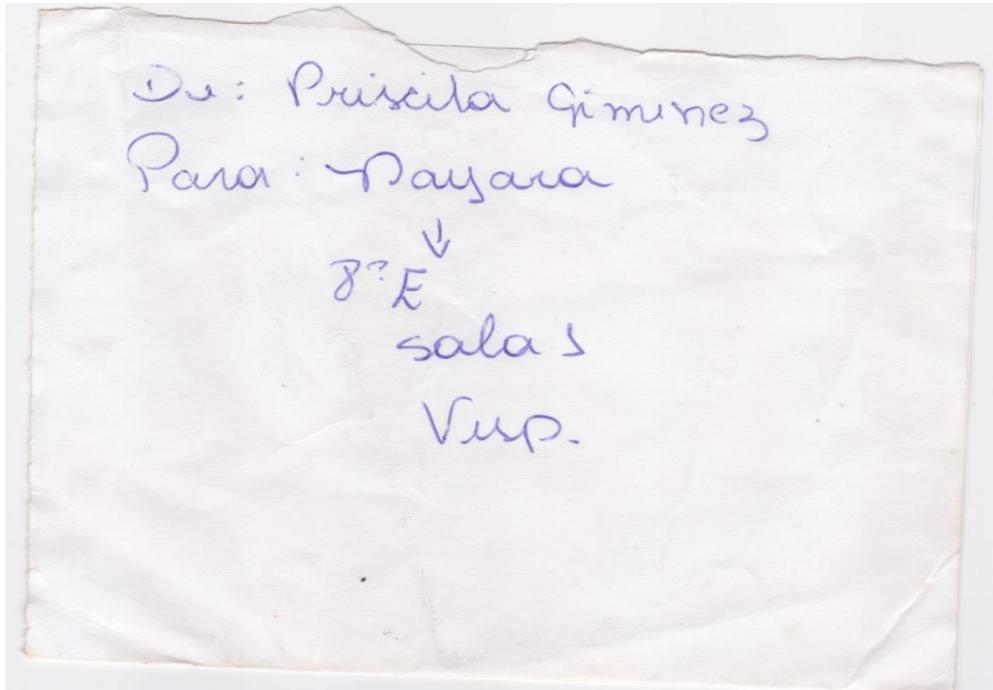
F-J&S

Nayara Giulli

Ternura

2.4. Cartão postal, cartão e recadinhos perdidos no tempo

2.4.1. Priscila Gimenez



4.2. T.Z.O

Se lembra do que eu lhe falei, que eu ia tentar lhe conquistar. Pois é, estou cumprindo isto a partir da agora, e saiba que no momento é a coisa que mais quero.

Estou realmente gostando de você, e isso me dá medo, pois sei que se eu não for logo você, com certeza ficará muito triste. Sei que você falou que eu não tenho o seu tempo disponível, mas isso eu posso começar depois, e eu acho que o mais importante é você saber que eu estou fascinado por você. Espero que agora você aceite-me nisso, e pense com carinho em mim, pelo menos um pouco, e decida-me dar uma chance.

Maiara,



“Quero estar com você nos seus mais lindos momentos. Estar no seu pensamento, no seu quarto, fazer-te sorrir, sentir de quem que em minha ausência você sentir saudade. Quero ser o seu segredo para não sair da sua boca. Quero que me ame com ternura e com toda sinceridade. Quero ser a sua vida. Fazer-me amar sem falsidade. E eu sei, que amando a minha própria vida te amarei até a eternidade. Pois hoje eu sei que a minha vida está em você.”

Am: T.Z.O

Uma rosa...

“Quero Te Amar”

Fazer você ter uma ideia, pedi para o amigo separar um adorno um pouco para mim. Ai está o primeiro.

com carinho e com afeto.



2.4.3. Ricardo Calvão

Dunas de Itaúnas
 Conceição da Barra
 Espírito Santo - Brasil

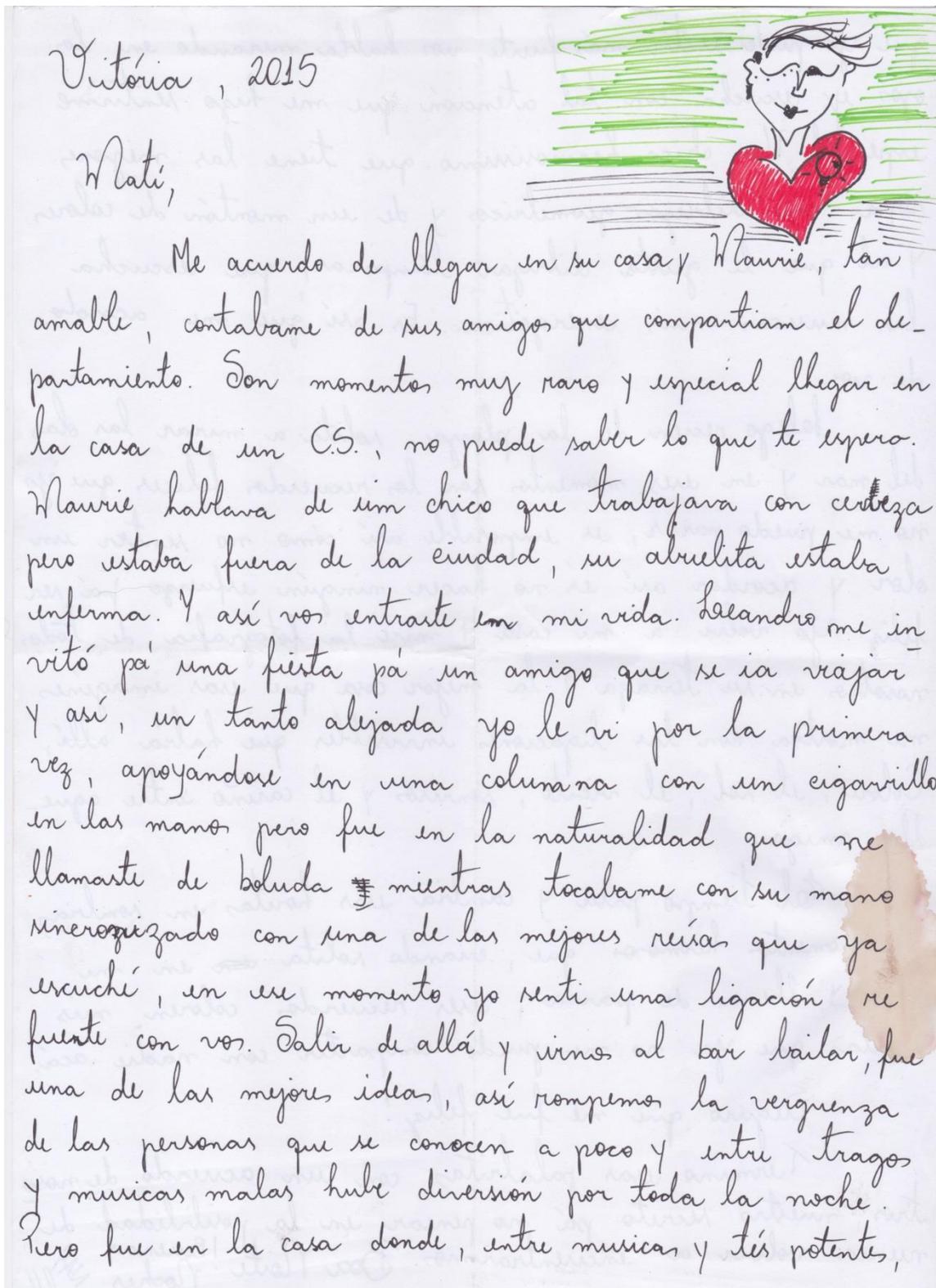
PARA: NAYARA

Iai Nayara, cumé que tá? tudo certo?, Poise, tme aqui
 nesse lugar, agora no reuion, achei que voa fosse aparecer
 por aqui. É a tua casa até perguntei pro pessoal
 que cuida das tartaruga, se alguem te conhecia
 e tal, tme até uma menina que falou que voe
 tava namorando a um tempo, e tava morando
 em Vitória e trabalhava na Riachuelo, Ben.
 no mais, desep tudo de km pra vóe, e mas sei se voe
 lembra, mais ano parob quando voe se legal, o papai tinha
 bebido de enfarte, por isso não deu pra gente conversar direito,
 po, foi mal mesmo, em quinze minutos te falei cordigo mais as
 circunstâncias não deixam. Então um beijo de quem não se esquece
 Ricardo Calvão



2.5. Cartas dos días de hoje

2.5.1. Matí



que yo pude sentir más fuerte, vos habla mirando en los ojos y escucha con tal atención que me hizo sentirme especial. Un chico hermosísimo que tiene las mejores ropas con dibujos geométricos y de un montón de colores y al que le gusta dibujar lámparas, que escucha las músicas más energética. Es así que me acuerdo de vos.

Después recién de la playa, solita a mirar las olas del mar y en esos momentos son los recuerdos felices que yo no me puedo parar, es imposible así como no sentir un olor y acordar así es no hacer ningún esfuerzo pa' ser feliz. Yo volví a mi casa y miré la fotografía de todos nosotros en su terraza y la mejor cosa que esas imágenes me muestra son las ligaciones invisibles que había allí, Colores, el sol, el viento, sonrisas y el cariño entre aquellos amigos.

El tiempo pasa y cambia esas horitas en sombras de momentos hermosos que, cuando solita ~~estoy~~ en mi casa y llena de parrá, esos recuerdos coloren mis horitas que ya no me puedo compartir con nadie acá.

Seguro que me fue feliz!

Termino esas palabritas con un acuerdo de nosotros, nuestro secreto pa' no pensar en la posibilidad de nunca volver a encontrarnos. Boa Noite! Buenas Noches 

2.5.2. Leandro

Vitoria, 2015

Leandro ❤️

Bueno, no me voy a preguntar que tal la vida ~~se~~ estamos siempre en contacto. Yo creo que acá tengo que hablar de otras cosas más duraderas. Ahora intento abrir nuestras conversaciones en el facebook pa' recordar todo que hablamos pero él no quiere abrir así tendré que escribir sólo lo que mi corazón decime y él habla que acá se te quiere. Acuerdome de vos llegando a la casa, la caminata por el centro de Córdoba, vos explicandome la historia de los lugares... Fue una conexión muy fuerte así al tiro, no entre hombre y mujer pero entre almas. Esas que juntas hay de está completa.



Nos invitó pa' la fiesta de su amigo ~~se~~ también sentiste. Que noche hermosa, de allá salimos a bailar y nosotros fuimos tan tan felices, bailamos como si no hubiera futuro, una otra noche y eso que es raro en la ruta, es posible que ^{no} haya. En aquel momento sabíamos, juntos eramos un epifanía y brillábamos más que los rayos de sol y todo el cielo estrellado. Que hermoso encuentro!!! Tantas risas que cuando pienso vos mi corazón caliente chiquito. Pensar en vos despertar una memoria sentimientos no en recuerdo, es traer nuevamente todo que vivi acá.

Está en la ruta es a todo momento decidir, elegir y

salir de ahí fue una de las decisiones más complejas que tuve que elegir. Me encantó la energía de usted pero yo ya estaba a volver a mi país y tenía ganas de recorrer lo mayor número de ciudades posibles por la Argentina, sabía que podría ser la primera y última vez, el futuro y el mundo es largo, en él yo me voy... Fuime de tu casa con el corazón herido, pero era necesario.

Lo que queda son los recuerdos y yo los puedo evocar cuando tengo ganas, cuando la vida acá aprieta, en los días solitarios...

Muchas gracias por me hacer feliz, por su atención y por compartir un pedacito de su vida conmigo. Por las buenas charlas, seguro que no te olvidaré jamás.

Un besito en su corazón mi amigo. Mi hermano de alma, acá se te quiere mucho. Un abrazo fuerte de su siempre amiga, con toda la sencillez.

May Gjirelli

2.5.3. Mauri

Vitória, 2015

Maurie,

Mi hermoso amigo, la persona que abrió las puertas de su hogar pa' una mujer desconocida, de un otro país, de otro idioma - cultura - costumbres. Del C.S. fue la última persona que envió la invitación y, así que he leído su perfil, mi intuición le

los sentidos: el tacto para sentir la temperatura de sus platos, el sentido de la vista pa' que las personas desean mismo antes de probar (lo que es un obra del arte!), del olfato que cambia el hogar en una otra dimensión y af final, el gusto. Ahí es donde una buena comida puede sanar los males en la alma.

De alma y gustos muy sencillos, así que llegué en su casa ... me encanté!!!

ha decoración, los libros, las fotos pero, sin embargo, fue la cajita de musica que me transportaste a

elegió. Una persona que tiene como profesión el arte de la cocina, sólo podría ser una persona muy especial. Tiene que desarrollar todos




adistempus y en ~~aque~~ aquello mo-
 miento yo he podido tener
 una cita conmigo misma.
 Son los pequeños momentos
 tan raros en la vida pero
 tan maravillosos. Yo jamás
 podré olvidarme de ese mo-
 miento que debordó mi
 cuerpo de sentimientos que
 yo no puedo dar nombres.
 Aun embargo son fuertes a
 punto de cambiar para siem-
 pre la vida.

Después más que el
 espacio de su casa, com-
 partimos el preparar de la
 comida, buena música,
 tragos y tan tan gran-
 des momentos. Al final ...
 DALE, RIVER !!!

Se day gracias por esa
 oportunidad, los momen-
 tos, las buenas charlas.
 Sea vida es larga y
 vamos siguiendo y ojalá
 que nuestras rutas se
 crucen en Brasil, Paris,
 Argentina o en sueños.

Quiero que sepas que
 tiene un lugarcito en
 mi ~~corazón~~ corazón.

Se siempre amiga

Nay Quelli



2.5.4. Lucho

Vitória, 2015

Lucho,

Nosotros viajamos no solamente pa' conocer lugares, obvio que también pero en ese momento me doy cuenta que podemos estar en los mejores lugares del mundo, sin embargo de nada se no hay con quien compartir (👤), pa' mirar los ojos y no necesitan hablar una palabra pero tener dicho todo un a otro. Viajar, quiero que sepas, es para el humano, vamos conociendo un par de personas y tan distintas que aprendemos a amar al tiro, no hay tiempo pa' dudas que no hay seguridad de que la ruta volverá a cruzarse. A los, quedamos vivos. Acordame de está en su casa cocinando la comida, en un hermoso domingo mendozino y encontrarme tan contenta de



compartir ese momento con vos que me pregunté a mi misma se un día cocinaremos juntos ~~o~~ nuevamente. Bien, mucho tiempo desde ese momento y yo no tengo como contestarme. Pero soy muy agradecido de tener vivido y compartido y ya está. No importa tener o no seguridad de un nuevo encuentro.

Quiero que sepas que siempre voy acordame de

ese hombre de pantalones que no son ni largos y tan poco corta, es otra cosa. De remeras que son collares puestos en su cuello, de pelo y ojos de mismo color que compartió su historia conmigo la historia de su padre, de su casa y que no puede decir "no" pa' nadie. Eres muy especial y me enseñó a hacer arroz y comer todo con queso. Tuvo paciencia pa' enseñarme su idioma y escucharme. Gran persona, gran! Es grand de corazón y alma. Nada es en vano, conocerte provocó cambios en mi persona y hoy yo soy una persona muy mejor. Gracias mi amigo por dejarme, por eso,

suele que siempre venis te en mi memoria. Hace poco encontré una foto de nosotros que estaba perdida. Que ganas de hablarte!!!

Dejo acá estas palabras pa' que sepas que tiene una amiga pa' toda vida, te deseo todo de mejor, que la vida te llene de sorpresas increíbles y ojalá que nuestra reunión vuelva y se cruce.

Besitos desde acá

Nayara Gielli

2.5.5. Max

Vitória, 2015
 "Cada palabra es una memoria"
 Yo y Maxi estábamos a hablar sobre un cantante, Charly García, y la manera que usa las palabras. Me dijo que sólo conocía en español las palabras que he usado en mis días"
 José C. Paz, 18/03/2015
 Mis escritos...
 Maxi,
 Hola mi amigo, cómo anda vos?
 Extraño por demasiado los miércoles de yoga y sopa, las buenas charlas y las tardes de dibujos y mandalas. Con vos, todo tenía una energía increíble y el mundo a testiguar podría. De hecho, la energía hacia una conexión que las cosas pasaban de manera maravillosa.



Acordome de una, cuándo me fue a una clase de dibujos en la UBA y conocí un libro que hablaba de mandalas. En el miércoles que llegué en su casa, estaba Lifi con sus libros y un montón de dibujos de mandala pa' colorear. Y entonces cuando estábamos cocinando y empezamos a escribir una historietita, eso después que contaste que nació con un pequeño problema en su corazón. Por muchas veces no faltaba las palabras. En su computadora escuchábamos Charly García y, yo no sé si el universo o la magia de Charly, pero por la mu-

AL SONIDO DE TANGO 4

sica las palabras llegaban en el momento perfecto.) me enseñó.

En esos días estaba escuchando Charly (tango 4) y la música, el tema "Mientes" no me salía de la cabeza, del narrador y de sufrimiento por su pareja. Acordome por demasiado de vos, fue una de las primera vez que escuché que las cosas no tienen que pasar de una manera tan "romantica" donde tiene que sufrir pa' ser digno de algo. Me cambió por completo nuestros días juntos y por algun tiempo tuve miedo de volver a mi país

y ver la Nay de siempre, sin vos para mi aydar con los cambios. Así que está el verdadero reto, mantener la otra donde siempre fue una y las personas están acostumbradas. Tuve miedo de ser flaca. Temblaba en pensar en la vuelta.

Sospecho que nuestras charlas hicieron cambios más profundos que me puedo imaginar. Pueblo de las mita morforis verdaderas, estoy más tranquila, tengo plantitas y así como en su casa, acá todos los días hago cosas nuevas. Sea alimentación es otra, cocino todos los días así como

El más increíble es que, yo quiero que sepa, está alejado de vos no me trae sufrimiento xq hasta eso me enseñó, este sentimiento tiene dos motivos: el apego y la ignorancia. Estoy segura que vos tenía que estar en mi vida en los momentos que estube y haré nuevamente si así necesario (¡jalá que sí!)

A vos sólo tengo que agradecer, yo llegué en su casa una oruga (o la larva) y salí una mariposa lista para volar.

En ese año, no estare en su terraza a la media noche pa' gritar "FELIZ AÑO NUEVO" y escuchar los vecinos contestar pero donde estuber voy a gritar demasiado alto para que con el viento, que mis palabras puedan llegar a donde quiera que estis.

Muchas gracias por todo mi hermano. De acá te envío un fuerte abrazo, te quiero mucho y pa' siempre! TE AMO!!!

NAY GIRELLI

2.5.6. Jor

AL SONIDO DE "LA COPLA DE LA QUEBRADA"
VALS

Vitoria, 2015

Jor,

Hola hermoso, ayer yo he estado por todo el día a escuchar Jorge Drescher, en algún momento para el tema "Rio Atrato". Escuchar esa música, más que acordar de vos que me enviaste después de nuestro encuentro en ~~Paraguay~~ Misiones, es acordarme de mis principales momentos de cambios, los primeros y más fuertes donde estaba probandome por la primera vez en un otro país, idioma y cultura. Jamás tenía logrado tan lejos de mi misma. Tan increíble y tan peligroso xq ahí yo hubiere podido haber dado por vencido y volver a mi casa. Bien, no me voy arrojarse en lo que no sucede. Sin embargo, yo al final de ese viajecito, me interesé que puedo irme dónde quiera. No hay límite. Quiero que sepas que la persona que soy hoy es también responsable tuya. Nuestras



charlar donde estabas de tu Europa, de tu ganas con el teatro, de tu energía con la vida. En ese momento de cambio primero tener un amigo fue esencial. Tu en cada mensaje de Whats, cada tema, cada fotita estaba allá a apoyarme. Yo en Chile y vos en BsAs, al momento que estaba flaca y sola y volver, de hecho, daba vuelta en mi cabeza. Vos estaba allá diciéndome que no, que pa' disfrutar de esa oportunidad. Así, acordarme de "Yo" es acordar de "Vos", xq en algún momento no son cosas distintas.

Yo creo que nunca le conté mas escuché ese tema por demasiado en Chile, acordome de caminar por las playas de Valparaiso y los cerros y sentada solita adole

lante a el mar, escuchar por una hora sin parar la música. "la vida es larga y yo me voy a seguir...". Che, más que un regalo, me deste poder de vida. Estos son regalos que nadie puede tomar de nosotros !!

En vos yo sé que tengo un amigo pa' una vida (o muchas !!). Cuando me invitó a irme en México, yo estube, por todo que quedó en la semana, mala onda. No podía tomar la ruta invitandome y yo acá detenida por la rutina. Ahora cuando prendo que solo estoy así xq lo que irme más lejos y mi situación es necesaria para mis arsejos.

Enviote esas palabritas xq justo ayer estaba escuchando Dexter y pensé en vos, quime con mis audifonos la

luzar y volví a escuchar. Cuando llego en mi casa, voy mirar mis mensajes y justito tenía unas palabritas tuyas:

"SIEMPRE ME ACUERDO DE VOS! TE QUIERO!"

Sospecho que ayer nuestras almas hicieron un viaje por el tiempo y espacio y vivieron lo que logro nuestro encuentro futuro. Quedeme por todo el día a pensar en vos y enviame un mensaje! Seguro que son señales de la vida que nuestros caminos se cruzarán. Ojalá!

Te quiero mucho y más !!

Nayara Gjelli

2.5.7. J6

Vitória, 2015

"Hoy el viento se abrió,
quedó vacío el aire
una vez más,
y el manantial brotó
y nadie está aquí,
y puedo ver,
que sólo estallan las hojas
al brullar,
y se produce en esto tanta luz,
que ni las piedras escultan,
(...)
todo es uno y es mil a la vez,
la condición de sentir,
casi todo sin decir...
y ya no hay luna,
ni dolor en mí."
(Spinetta)

♥♥♥

So,

Justo hoy recibí un mensaje
tuyo, siempre llena de luz mis
días con sus palabras. Siempre,
recuerdo siempre de nosotros juntos,

DE LA FOTO QUE ME ENVIASTE...



y me parece que fueran días
o semanas, sin embargo se fue-
ran 2 lindos días. A veces creo,
imagino que nuestra historia
fue una película que miré, de
esas que llegan bien adentro de
nuestros pensamientos a punto
de no saber si vivimos o no
esas memorias. Nos conocimos en
la cocina de un hotel, hasta de-
cimos en salir en tuya última noche
de su viaje pero no nos encontra-
mos. Al día siguiente, vos partiría pa'
Alemanha y bien... En el desayuno
nos encontramos y cuando le
contenté de su avión y miraste el
billete, se interaste del verdadero

horario de tu avión, ya no lo alcanzaba. Arreglamos de salir a la noche, cocinar y cine. Bien, mien tras cocinábamos y vos llegaba más cerquita de mí, sentía el corazón temblando a punto que pensé que iba a estallar. Hacía mucho que no me sentía de esa manera. ~~Te~~ Tuvimos cine, película en negro y blanco, caminadas largas con buenas charlas, nosotros perdidos por San Telmo, la historia de decidir el camino por suerte y destino a través de una moneda...

Mira vos que el bar que nos fuimos yo le procuré como en ^{unos} 5 minutos después y nunca lo pude encontrar...

Cuando nos besamos por la primera vez, para mí, fue como si nosotros tuviéramos hecho antes, algo tan natural y que al mismo tiempo hacía mi cuerpo temblar. Hablar en otro idioma es muy difícil, acá quise decir una metáfora linda para que te comprendas el momento hermoso que viví con vos, pero solo puedo decir lo que puedo no lo que quiero.

Hube celos de otros, dormir juntitos... Una intimidad instantánea

que me hace creer que los encuentros más importantes ya han sido planeados por las almas antes incluso de que los cuerpos se hayan visto. Lo que logré con vos es lo que busco en toda ~~en~~ cualquier relación: conexión. Dos días y una conexión que me cuesta encontrar. Bien, ahora la vida tiene que seguir y fuerte no que sueño: volver a la ruta, traer todo conocimiento de las personas que cruzaran mi camino y dejaran un poquito de sus sabiduría y así hacer cambios verdaderos, que logré ser una persona mejor.

Ojalá que en un año yo este a llegar en un nuevo país con un nuevo idioma, otra cultura... Ojalá que lo encuentre más una vez y que compartamos más lindos momentos. Acá se te quiere mucho!!!

Te abrazo fuerte y envío un millón de besos

Nay Grilli